FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

RENATA DE OLIVEIRA MARCELINO BOONE

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

A ESPIRITUALIDADE E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UM OLHAR PARA O TRATAMENTO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

VITÓRIA-ES

2024

RENATA DE OLIVEIRA MARCELINO BOONE

A ESPIRITUALIDADE E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UM OLHAR PARA O TRATAMENTO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Dissertação de Mestrado Profissional como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Religião e Espaço Público.

PPGFCR
Faculdade Unida de Vitória

Orientadora: Claudete Beise Ulrich

VITÓRIA-ES

2024

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

Boone, Renata de Oliveira Marcelino
A espiritualidade e o Transtorno do Espectro Autista (TEA) / Um olhar para o tratamento no processo ensino-aprendizagem / Renata de Oliveira Marcelino Boone. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2024.
x, 91 f. ; 31 cm.
Orientador: Claudete Beise Ulrich
Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2024.
Referências bibliográficas: f. 81-91
1. Ciência da religião. 2. Religião e espaço público. 3. Espiritualidade. 4. Tradições religiosas. 5. Transtorno do Espectro Autista. 6. Educação especial. 7. Ciências das Religiões Aplicadas. - Tese. I. Renata de Oliveira Marcelino Boone. II. Faculdade Unida de Vitória, 2024. III. Título.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

RENATA DE OLIVEIRA MARCELINO BOONE

A ESPIRITUALIDADE E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UM OLHAR PARA O TRATAMENTO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Dissertação de Mestrado Profissional como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Religião e Espaço Público.

Data: 06 fev. 2024.

Claudete Beise Ulrich, Doutora em Teologia, UNIDA (presidente).

Elcio Sant'Anna, Doutor em Teologia, UNIDA.

Nivia Ivette Núñez de La Paz, Doutora em Teologia, FUNIBER.

AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, a Deus, por se fazer presente na minha vida e por me conceder um pouquinho de sabedoria, permitindo-me alcançar o grau que estou conquistando.

Agradeço à minha família, por estar sempre ao meu lado, mesmo nos momentos difíceis que passamos na vida.

Agradeço também aos/às mestres, pela dedicação, sabedoria e paciência ao passarem seus saberes, de modo completo, para o meu enriquecimento no aprendizado.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Claudete Beise Ulrich, pelo diálogo e orientação.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

"O mundo é um livro e quem fica sentado em casa lê somente uma página".

Santo Agostinho.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma patologia neurocomportamental que pode ter origem genética ou estocástica e se divide em quatro níveis, diferenciando-se em intensidade e grau de manifestação, o que gera uma classificação que vai do brando ao gravíssimo. As pessoas que portam TEA possuem uma história hostil, pois eram consideradas incapazes, consequentemente não havia lugar para elas na escola. Esta situação mudou. Hoje crianças com TEA estão no ambiente da escola e da sala de aula. Diante deste contexto, a presente dissertação de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões delimitou o problema de investigação à seguinte questão: Qual a influência da espiritualidade/religiosidade no processo de ensino-aprendizagem de crianças portadoras de TEA em escolas públicas? O objetivo do estudo é analisar o processo de inclusão, no âmbito escolar, das crianças com TEA, percebendo a influência da espiritualidade/religiosidade, a partir do cuidado da família e da inclusão escolar. A metodologia empregada na presente dissertação é bibliográfica, documental e pesquisa de campo, estudo de caso com a aplicação de questionário estruturado junto aos professores/ras e algumas famílias de crianças com TEA, ligadas à Unidade Municipal de Ensino Fundamental Gil Bernardes, Vila Velha-ES. Os resultados mostram que a postura da instituição de ensino para "abraçar" crianças portadoras de necessidades especiais se realiza através de premissas legais de inclusão social e também da rede de apoio com o corpo docente e as famílias. Por fim, as conclusões evidenciam que a espiritualidade, na dimensão do cuidado, auxilia no processo de inclusão de estudantes portadores de TEA dentro e fora da instituição de ensino.

Palavras-chave: Espiritualidade. Transtorno do Espectro Autista. Educação Especial. Ciências das Religiões Aplicadas.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

ABSTRACT

The Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurobehavioral pathology that can have a genetic or stochastic origin and is divided into four levels, differing in intensity and degree of manifestation, which generates a classification that ranges from mild to very serious. People with ASD have a hostile history, as they were considered incapable, and consequently there was no place for them at school. This situation has changed. Today children with ASD are in the school and classroom environment. Given this context, this Professional Master's dissertation in Religious Sciences delimited the research problem to the following question: What is the influence of spirituality/religiosity on the teaching-learning process of children with ASD in public schools? The objective of the study is to analyze the process of inclusion, at school, of children with ASD, realizing the influence of spirituality/religiosity, based on family care and school inclusion. The methodology used in this dissertation is bibliographic, documentary and field research, a case study with the application of a structured questionnaire with teachers and some families of children with ASD, linked to the Municipal Elementary Education Unit Gil Bernardes, Vila Velha- ES. The results show that the educational institution's stance to "embrace" children with special needs is carried out through legal premises of social inclusion and also through the support network with teaching staff and families. Finally, the conclusions show that spirituality, in the dimension of care, helps in the process of inclusion of students with ASD inside and outside the educational institution.

Keywords: Spirituality. Autism Spectrum Disorder. Special education. Applied Religious Studies.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS 07
LISTA DE SIGLAS 08
INTRODUÇÃO 09
1 CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) 13
1.1 O conceito de TEA 13
1.2 Tipologias 16
1.3 Escola e as crianças com TEA 19
1.4 Intervenção ABA aplicada ao autismo. 24
1.5 Rede de Apoio Familiar como promotora de resiliência e autorregulação 25
1.6 Rede de Apoio Familiar e TEA 29
2 A PRESENÇA DA RELIGIOSIDADE E DA ESPIRITUALIDADE NAS CRIANÇAS COM TEA 35
2.1 Interação entre religiosidade e espiritualidade 35
2.2 A importância da dimensão do cuidado como forma de vivência da espiritualidade 43
2.3 Crianças com TEA com a sua dimensão com a religiosidade e espiritualidade 49
3 ESTUDO DE CASO NA UMEF GIL BERNARDES EM VILA VELHA-ES 55
3.1 Metodologia 55
3.1.1 Área de estudo 57
3.1.2 Sujeitos da pesquisa 58
3.1.3 Coleta de dados 58
3.2 Resultados e discussão 58
3.2.1 Entrevista com os/as professores/as 59
3.2.2 Entrevistas com as famílias 68
CONCLUSÃO 78
REFERÊNCIAS 80
APÊNDICE A: INTRUMENTO APLICADO NA ENTREVISTA COM OS/AS PROFESSORES/AS 90
APÊNDICE B: INTRUMENTO APLICADO NA ENTREVISTA COM A FAMÍLIA 92
ANEXO A: AUTORIZAÇÃO PARA A PESQUISA 94

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Como a escola pode garantir a inclusão de estudantes com autismo? 59
Gráfico 2. Em relação à escola, quem tem autismo consegue estudar? 60
Gráfico 3. Como identificar o autismo na sala de aula? 61
Gráfico 4. Como os professores podem ajudar na inclusão dos estudantes com autismo em sala de aula? 62
Gráfico 5. O trabalho transcomponentes é a melhor forma de ensinar os/as estudantes com autismo? 63
Gráfico 6. Quais são os métodos, recursos e estratégias utilizadas pela equipe de professores com os estudantes com TEA? 63
Gráfico 7. Enquanto professor, quais as características do autista você percebe em sala de aula? 64
Gráfico 8. Quais as dificuldades enquanto professor em trabalhar com TEA? 65
Gráfico 9. Como incluir estudantes com autismo nas aulas transcomponentes? 66
Gráfico 10. Você acredita que a espiritualidade conectada ao cuidado pode influenciar positivamente no ensino do discente com TEA? 67
Gráfico 11. O seu filho tem tendência para depressão e ansiedade? 68
Gráfico 12. Você acredita que é possível reverter o autismo com o direcionamento dos professores na escola? 70
Gráfico 13. A família participa de alguma religião? 71
Gráfico 14. De qual religião a família participa? 71
Gráfico 15. Na participação da religião, seu filho atua em algum rito ou escola dominical desta religião? 72
Gráfico 16. De qual rito ou escola dominical participa na igreja? 73
Gráfico 17. Como é o relacionamento do filho com os demais membros da igreja? 74
Gráfico 18. Em algum momento, vocês buscaram ajuda espiritual e tiveram resposta? 75
Gráfico 19. Você acredita que a espiritualidade auxilia na trajetória do autista? 76
Gráfico 20. Como os professores podem ajudar na inclusão dos estudantes com autismo em sala de aula? 76

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

LISTA DE SIGLAS

ABA	*Applied Behavior Analysis*
AEE	Atendimento Educacional Especializado
ANPEPP	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia
APA	Associação Psiquiátrica Americana
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
CID-10	Classificação Internacional de Doenças
DSM	Manual de Diagnótisco e Estatístico de Transtornos Mentais
ECRIAD	Estatuto da Criança e do Adolescente
HQs	Histórias em Quadrinhos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PEI	Plano de Ensino Individualizado
PNE	Plano Nacional de Educação
SRM	Sala de Recursos Multifuncionais
TGD	Transtorno Global do Desenvolvimento
TID	Transtorno Invasivo do Desenvolvimento
UMEF	Unidade Municipal de Ensino Fundamental

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema deste estudo surgiu a partir da experiência profissional da autora desta dissertação, que atua como docente com estudantes especiais nas escolas da rede municipal de Vila Velha-ES, principalmente aqueles/as com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O TEA é um transtorno comportamental que, dentre suas diferentes características, envolve a incapacidade de se relacionar com outras pessoas, distúrbios de linguagem, resistência ao aprendizado e a não aceitação de mudanças de rotina. Em sua experiência profissional, a autora desta pesquisa percebeu na escola em que atua como docente, apesar de possui uma equipe profissional eficiente e do fato de a terapia *Applied Behavior Analysis* (ABA)[1] ser necessária, é importante desenvolver o engajamento da escola e da família nesse processo complexo, que exige em demasia o esforço de todo corpo docente da unidade escolar pesquisada.

Em relação à prática pedagógica da autora da pesquisa dentro da unidade de ensino pesquisa, o objetivo consiste em atender a diversidade e a inclusão dos/as estudantes público-alvo da Educação Especial. Essa prática perpassa a realidade das pessoas inseridas na rotina da unidade escolar pesquisada. Mas, para que ela exista, de forma eficaz, faz-se necessário que toda a comunidade escolar tenha um olhar para a Educação Inclusiva. Vale ressaltar que o/a profissional da Educação Especial pode atuar tanto como professor/a de Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) ou como professor/a colaborativo/a.

Na SRM, os/as estudantes têm uma matrícula no contraturno, e a sala é preparada com materiais concretos, recursos tecnológicos, jogos, Histórias em Quadrinhos (HQs),[2] vídeos, filmes, desenhos e informações visuais para complementar e/ou suplementar o aprendizado deles/as, de modo que são atendidos/as preferencialmente de forma individualizada. Todavia, em sua atuação como professora colaborativa, a prática da autora da pesquisa inclui adaptações e técnicas diferenciadas para que os/as estudantes consigam fixar os conteúdos ministrados. Desse modo, faz-se necessário um planejamento junto aos professores e professoras regentes

[1] Trata-se de uma ciência da aprendizagem que estuda os comportamentos humanos que são socialmente relevantes. Seu principal objetivo é entender, analisar e explicar as relações entre os comportamentos humanos com o ambiente e aprendizagem. Para mais informações, consulte: MEDEIROS, Dailma S. As contribuições da análise do comportamento (ABA) para a aprendizagem de pessoas com autismo: uma revisão da literatura. *Revista Estudos IAT*, Salvador, v. 6, n. 1, p. 63-83, 2021. p. 64-65.

[2] As histórias em quadrinhos (HQs) são amplamente conhecidas, principalmente pelos clássicos de heróis e vilões. Uma obra importante para relacionar as HQs com a experiência do sagrado é a seguinte: CAZELLI, Felipe R. *Mito, histórias em quadrinhos e experiência do sagrado*: uma análise fenomenológica do religioso na obra de Grant Morrison. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2019. p. 27-29.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

ou de área, sendo que esse planejamento envolve parcerias com esses/as profissionais para garantir a aprendizagem dos/as estudantes.

Esse processo inclui uma organização de horários para acompanhar os/as estudantes dentro da sala de aula regular. É possível afirmar que a prática pedagógica da autora desta pesquisa vai além da didática, perpassando pela acolhida dos/as estudantes e seus responsáveis, parcerias com docentes, a fim de orientá-los e auxiliá-los nas adaptações necessárias, para que, assim, os/as estudantes tenham garantia de que o processo ensino-aprendizagem seja inclusivo. Atualmente, o conceito de inclusão encontra-se em evidência. A inclusão deve ocorrer sem distinções e/ou condições, implicando na transformação dos espaços para atender às necessidades de forma integral, pautando-se na capacidade de atender às diferenças sem discriminar.[3]

É importante frisar que o número de pessoas diagnosticadas com autismo vem aumentando consideravelmente, o *Centers for Disease Control and Prevention* divulgou, em 2018, que a prevalência do TEA nos Estados Unidos, em 2014, era de 1 para cada 59 crianças. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), a prevalência de autismo é de aproximadamente 1% da população mundial.[4] Não obstante, o número de casos e avanços obtidos na inclusão, mesmo com a aprovação da lei 12.764/2012, demonstra que a sociedade, de modo geral, pautou-se na discriminação em relação às pessoas diferentes.[5]

De acordo com Cynthia Melo, Israel Sampaio, Deborah Souza e Nilberto Pinto, a religiosidade/espiritualidade pode promover o bem-estar, sendo um importante recurso de enfrentamento para as famílias ante o desafio e o estresse ocasionados pelas demandas relacionadas ao transtorno.[6] Além de configurar-se aspecto fundamental para constituição da subjetividade humana e como um direito assegurado, a espiritualidade/religiosidade abarcam o desenvolvimento integral da criança, de acordo com Estatuto da Criança e do Adolescente (ECRIAD).

Diante deste contexto, a presente pesquisa delimita o problema de investigação da seguinte maneira: qual a influência da religiosidade/espiritualidade no processo de ensino-aprendizagem de crianças portadoras de TEA em escolas públicas? Dito isso, objetiva-se

[3] MANTOAN, Teresa E. A Educação Especial no Brasil: da exclusão à inclusão escolar. *In*: INSTITUTO PARADIGMA [*Site* institucional]. 25 mar. 2011. [*online*]. [n.p.].
[4] PIGNATARI, Graciela. CDC divulga novos números de autismo nos EUA. *In*: TISMOO [*Site* institucional]. 06 ago. 2018. [*online*]. [n.p.].
[5] LACERDA, Lucelmo. *Transtorno do Espectro Autista:* uma brevíssima introdução. Curitiba: CRV, 2017. p. 2.
[6] MELO, Cynthia F.; SAMPAIO, Israel S.; SOUZA, Deborah L. A.; PINTO, Nilberto S. Correlação entre religiosidade, espiritualidade e qualidade de vida: uma revisão de literatura. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 447-464, 2015. p. 452.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

analisar a influência da religiosidade/espiritualidade na educação de crianças portadoras de TEA. Leva-se em consideração os diferentes níveis e tipos de TEA, e o perfil dos/as estudantes, em termos de desenvolvimento, estrutura familiar e tradição religiosa, considerando as dimensões da religiosidade e da espiritualidade.

Os objetivos específicos da pesquisa são estes: conceituar o TEA; especificar a Rede de Apoio Familiar na infância, demonstrando como ela é relevante na vida das crianças; e apresentar a importância da Rede de Apoio Familiar no tratamento do TEA, verificar como a espiritualidade/religiosidade fortalece as crianças e as famílias com TEA no ambiente escolar, realizar estudo de caso com professores/as e famílias em relação a importância da espiritualidade/religiosidade na relação com estudantes/filhos e filhas com a síndrome.

O interesse inicial por essa temática se relaciona ao fato de a pesquisadora atuar como professora da Educação Especial, sobretudo quando recebeu o diagnóstico de autismo de dois entre três de seus filhos. O processo de aceitação do diagnóstico dos filhos, ao lado do processo de adaptação relativo à rotina intensa, ocorreu de forma lenta, mesmo estando inserida profissionalmente nesse contexto, sendo especialista na área e vivenciando a realidade de diversas crianças que se enquadram no TEA. Mas, o conhecimento acerca do sentimento e da percepção de mundo que as pessoas com TEA apresentam, sempre de forma diferenciada, tornou o processo de aceitação do diagnóstico ainda mais doloroso.

A pesquisa se justifica pelo fato de mostrar como a espiritualidade pode influenciar no comportamento das famílias em relação à educação e ao tratamento de crianças com TEA, em seus diferentes níveis. Desta forma, pode-se pontuar os benefícios e os malefícios das crenças, estabelecer diagnósticos didáticos com base na "fé" dos/as estudante/as e de seus familiares e/ou responsáveis, tornando o Atendimento Educacional Especializado (AEE) mais personalizado e efetivo.

A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, que se caracteriza por ser uma análise crítica, ampla e meticulosa de publicações e assuntos em uma área determinada do conhecimento. Para tanto, consultou-se livros, artigos, dissertações, teses, enfim, a literatura especializada que emerge dos campos da Educação, Ciências das Religiões, Psicologia, entre outros. Com o interesse em analisar um fenômeno atual em seu contexto imediato e real, sem perder de vista suas variáveis, empreendeu-se uma pesquisa exploratória, estudo de caso na Unidade Municipal de Ensino Fundamental (UMEF) Gil Bernardes, localizada em Vila Velha-ES, com os/as professores/as, pais, mães e responsáveis dos/as estudantes com TEA. Segundo Antonio Carlos Gil, uma grande utilidade "do estudo de caso é verificada nas pesquisas exploratórias. Por sua flexibilidade, é recomendável nas fases iniciais de uma investigação

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

sobre temas complexos, para a construção de hipóteses ou reformulação do problema."[7]

Em relação ao referencial teórico da pesquisa, recorreu-se às contribuições de autores/as importantes em relação ao TEA e à espiritualidade/religiosidade, tais como: Viktor Frankl, Jeane Araújo, André Veras, André Varella, Pimentel Camargo, Whitman Ekas, Nilton Herbes, entre outros.

Em relação à sua estrutura, a pesquisa dividiu-se em três capítulos. O primeiro capítulo introduz e apresenta a temática, enfatizando os objetivos e a justificativa da pesquisa. Para tanto, aborda acerca das crianças com TEA, tendo como destaque os seguintes aspectos: conceituação do TEA, as tipologias e a escola e a realidade das crianças com TEA. O segundo capítulo destaca a presença da espiritualidade nas crianças com TEA. O foco central pode ser resumido a partir dos seguintes pontos: conceituação da espiritualidade e da religiosidade, ênfase na importância da dimensão do cuidado como forma de vivência da espiritualidade e uma reflexão sobre as crianças com TEA em sua dimensão com a religiosidade.

O estudo de caso é o destaque do terceiro capítulo. Através dele, aborda-se os seguintes tópicos: o objeto de estudo, a área de estudo, o processo de coleta de dados, a metodologia, as dificuldades e os riscos, os resultados e sua discussão. A pesquisa apresenta como sujeitos os/as professores dos diversos componentes curriculares da UMEF Gil Bernardes, os pais, as mães e os/as responsáveis pelos/as estudantes com TEA. Foram entrevistados/as nove professores/as e 20 famílias. O estudo de caso empreendido se desenvolveu através de questionários de entrevistas, coleta de dados na instituição de ensino pesquisada, que fazem parte do universo do assunto em questão. Posteriormente, executou-se a tabulação e análise dos dados para a elaboração do relatório final. A coleta de dados foi feita nas seguintes etapas: localização da escola, compreendendo a visitação ao local e aos/às professores/as; seleção aleatória mediante acordo com as pessoas que aceitaram conceder entrevistas no interior da escola; aplicação dos questionários entre os/as professores/as e as famílias selecionadas; tabulação e análise dos resultados obtidos.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada em dados coletados a partir de um questionário esruturado aplicado para os/as profissionais de Educação da UMEF Gil Bernardes e para as famílias dos/as estudantes com TEA. Os dados coletados e demonstrados em seus resultados por meio de gráficos e tabelas contribuem para uma reflexão sobre o perfil dos/as professores/as dos diversos componentes curriculares e sua visão diante da perspectiva da dimensão da espiritualidade para a inclusão de estudantes com TEA, numa perspectiva

[7] GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1991. p. 59.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

transcomponentes.[8]

Finaliza-se a pesquisa com a apresentação das considerações finais, apontando para a sua aplicabilidade para a Educação Especial, a partir do campo das Ciências das Religiões. Como hipótese incipiente permeia a ideia contemporânea de que a espiritualidade fortalece as pessoas para maior aceitação dos/as filhos/os com TEA, de modo que este processo não necessariamente está vinculado a dogmas religiosos, ou seja, a uma determinada tradição religiosa. Ou seja, em resposta ao problema investigado, acredita-se na ideia contemporânea de espiritualidade não vinculada aos dogmas religiosos para o tratamento e, desta maneira, pode-se impulsionar o tratamento e evitar ideias preconcebidas a respeito da religiosidade.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

[8] O termo transcomponentes está ligado ao trabalho didático-pedagógico com diferentes componentes curriculares no âmbito escolar. O Ensino Fundamental está dividida em 5 (cinco) áreas de conhecimento: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ensino Religioso, tendo como correspondência os seguintes componentes curriculares artes, língua portuguesa, língua inglesa e educação física (Linguagens), matemática (Matemática), geografia e história (Ciências Humanas), ciências (Ciências da Natureza), ensino religioso (Ensino Religioso) de acordo com BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*: educação é a base. Brasília: MEC, 2018. p. 27.

1 CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

O presente capítulo trata da situação das crianças com o TEA. Trata-se de uma condição caracterizada por comprometimento na comunicação e na interação social, que se associa aos padrões de comportamento restritivos e repetitivos. Desse modo, o capítulo aborda em suas seções aspectos teóricos em torno do assunto, tais como: TEA; apresentação das tipologias inerentes ao autismo, à escola e às crianças com TEA; intervenção ABA aplicada ao autismo; Rede de Apoio Familiar como promotora de resiliência e autorregulação; e, por fim, a Rede Apoio Familiar e TEA.

1.1 O conceito de TEA

O autismo é classificado pelo Manual de Diagnótisco e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) da Associação Psiquiátrica Americana (APA) como um transtorno global do desenvolvimento, que se caracteriza pelo desenvolvimento acentuadamente atípico na interação social e na comunicação, bem como pela presença de um repertório marcadamente restrito de atividades e interesses.[9] Somente no Brasil, embora não existam dados epidemiológicos estatísticos, é estimado pela Associação Brasileira de Autismo que, aproximadamente, 600 mil pessoas apresentam essa síndrome, sem contar aquelas que não se enquadram em sua forma típica.[10] O autismo pode ocorrer em qualquer classe social, raça ou cultura, de modo que cerca de 65 a 90% dos casos estão associados à deficiência mental.[11]

Em relação ao TEA, o ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, no dia 18 de julho de 2019, sancionou a Lei 13.861/19, que obrigou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a inserir, no Censo 2020, perguntas sobre o autismo às famílias entrevistadas. Segundo os dados publicados pela Câmara dos Deputados, há uma estimativa de que existem 70 milhões de pessoas no mundo com autismo, e 2 milhões delas estão no Brasil.[12]

O TEA se caracteriza pela presença de dificuldades e déficits ao longo do desenvolvimento que podem trazer prejuízos no funcionamento pessoal, acadêmico,

[9] AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002. p. 12.
[10] BOSA, Cleonice; CALLIAS, Maria. Autismo: breve revisão de diferentes abordagens. *Revista Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v.13, n. 1, p. 1-12, 2000. p. 3.
[11] GADIA, Carlos A.; TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra T. Autismo e doenças invasivas do desenvolvimento. *Jornal de Pediatria*, [s.l.], v. 80, n. 2, p. 583-594, 2004. p. 583.
[12] CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Sancionada lei que inclui dados sobre autismo no Censo 2020*. 18 jul. 2019. [*online*]. [n.p.].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

profissional e social.[13] Muitas crianças diagnosticadas com TEA são encaminhadas para terapias com base nos fundamentos da ABA, que é uma abordagem científica pautada nos pressupostos do Behaviorismo radical e que tem como objetivo compreender o comportamento.[14] Na visão de Eugênio Cunha, "o autismo compreende a observação de um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal: comprometimentos na comunicação, dificuldades na interação social e atividades restrito-repetitivas"[15].

A ABA se caracteriza pela coleta de dados antes, durante e depois da intervenção, para, então, analisar o progresso individual da criança e auxiliar na tomada de decisões em relação ao programa de intervenção e às estratégias promotoras da aquisição de habilidades necessárias para cada criança.[16] Para que haja eficácia e resultados, a terapia ABA se desenvolve numa perspectiva interdisciplinar, ou seja, ela é composta por profissionais capacitados, tais como: psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais e psicopedagogos.

Pelo caráter interdisciplinar que a ABA assume, é necessário que os/as profissionais sempre se comuniquem, de modo que as intervenções estejam em comunhão e concordância. Para tanto, são utilizados diversos instrumentos com o intuito de planejar e elaborar as intervenções. Esses instrumentos partem da anamnese inicial com a família ou com os/as responsáveis pela criança, bem como pelo estabelecimento de vínculos entre terapeuta e paciente. Após o período de estabelecimento do vínculo, realizam-se as avaliações adequadas para que seja elaborado o Plano de Ensino Individualizado (PEI) da criança, que definirá o ponto de partida das intervenções.[17]

Segundo o DSM, o TEA é uma patologia que pode ser oriunda de fatores estocásticos ou genéticos, que comprometem o neurodesenvolvimento motor e gera uma série de movimentos repetitivos.[18] Conforme Pimentel Camargo e Cleonice Bosa, "o autismo se caracteriza pela presença de um desenvolvimento acentuado atípico na interação social e comunicação, assim como pelo repertório marcadamente restrito de atividades e interesses"[19].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[13] NEUMANN, Débora M. C.; TARIGA, Alexandra R.; PEREZ, Divani F. GOMES, Patricia M.; AZAMBUJA, Luciana S. Avaliação neuropsicológica do transtorno do espectro autista. *Revista Psicologia PT*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2017. p. 1.
[14] MEDEIROS, 2021, p. 67.
[15] CUNHA, Eugênio. *Autismo e inclusão*. Rio de Janeiro: WAK, 2009. p. 20.
[16] HUNDERT, J. *Inclusion of students with autism:* using ABA-based supports in general. Austin: ProEd, 2009. p. 37.
17 BORBA, Letícia O.; PAES, Marcio R.; GUIMARÃES, Andréa N.; LABRONICI, Liliana M.; MAFTUM, Mariluci A. A família e o portador de transtorno mental: dinâmica e sua relação familiar. *Revista Esc. Enferm. USP*, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 442-449, 2011. p. 443.
[18] APA, 2002, p. 3.
[19] CAMARGO, Pimentel H.; BOSA, Cleonice A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. *Revista Psicologia & Sociedade*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 65-74, 2009. p. 66.

Além disso, o comportamento da pessoa pode ser restritivo ou dificultoso de alguma forma. As pessoas que portam TEA apresentam características singulares, logo, a patologia difere em diversos graus de intensidades e, por isso, são bem singulares.[20] De acordo com o Ministério da Saúde:

> No âmbito regulatório, existe a Diretriz de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA). Esta diretriz estabelece o cuidado às pessoas com deficiência temporária ou permanente; progressiva; regressiva ou estável; intermitente ou contínua. Serve de atenção para a Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro Autismo foi uma ação conjunta de profissionais, pesquisadores e especialistas, com experiência reconhecida em diversas profissões da saúde e pertencentes a Sociedades Científicas e Profissionais.[21]

Para Chris Willians e Barry Wright, todas as crianças com autismo demonstram progressos e muito pode ser feito para ajudar essas crianças e seus familiares, seja por meio de terapias, estímulos para desenvolvimento de aptidões sociais, incentivos na linguagem e comunicação.[22]

As causas do Autismo ainda são desconhecidas, mas existem muitas teorias, de modo que a mais aceita é a multifatorial, em que os principais fatores apontados para a causa do autismo são: genéticos; imunológicos – rubéola materna –; e neurológicos – encefalites, meningites.[23] A possibilidade de inclusão de crianças deficientes lamentavelmente ainda está associada àquelas que não implicam uma forte reestruturação e adaptação da escola. Nesse sentido, crianças com prejuízos e déficits cognitivos acentuados, como psicóticos e autistas, não são consideradas em suas habilidades educativas. Pode-se dizer que crianças com TEA, portanto, caracterizam-se por disfunções comportamentais que afetam o cognitivo, a coordenação motora, afetando inclusive a capacidade de comunicação e o desenvolvimento social.[24]

Por se tratar de uma síndrome espectral, o TEA se apresenta em diferentes níveis de intensidade. Assim, é sensato afirmar que o TEA pode estar vinculado aos aspectos psicossomáticos, que levam os/as pacientes ao desenvolvimento de patologias como a

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[20] ARAÚJO, Jeane A. M. R.; VERAS, André B.; VARELLA, André A. B. Breves considerações sobre a atenção à pessoa com Transtorno do Espectro Autista na rede pública de saúde. *Revista Psicologia e Saúde*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 89-98, 2019. p. 93.
[21] MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)*. Brasília: Secretaria de Atenção à Saúde, 2014. p. 5.
[22] WILLIAMS, Chris; WRUGHT, Barry. *Convivendo com o autismo e a Síndrome de Asperger*. São Paulo, M. Books, 2008. p. 32.
[23] PIASSA, Ângela M. *Metodologia da ação docente*: transtornos globais do desenvolvimento (TGD). Rio de Janeiro: [s.n.], 2010. p. 12.
[24] HEES, Valérie V.; MOYSON, Tinneke; ROEYERS, Herbert. Higher education experiences of students with autism spectrum disorder: challenges, benefits and support needs. *Journal of Autism Development Disorder*, [s.l.], v. 45, n. 6, p. 1673-1688, 2014. p. 1673.

ansiedade e a depressão. Até o início do ano de 2013, os manuais que serviam como base para os/as profissionais diagnosticarem os/as pacientes era o DSM-IV e a Classificação Internacional de Doenças (CID-10). Esses manuais utilizavam os termos Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD) e Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID), respectivamente[25].

Atualmente, o DSM-V descreve tais casos apenas como TEA, ou seja, não existem mais as subcategorias como a Síndrome de Asperger ou o Transtorno Autista. De acordo com esse manual, as pessoas com TEA apresentam deficiências persistentes na comunicação e na interação social, em múltiplos contextos e padrões restritivos repetitivos de comportamentos, interesses ou atividades. O diagnóstico precoce é o primeiro grande instrumento da educação, o que torna o papel docente fundamental, pois, é na idade escolar – quando se intensifica a interação social das crianças – que é possível perceber com maior clareza as singularidades comportamentais. Diante disso, na próxima seção, aborda-se sobre as tipologias para classificação do TEA.[26]

1.2 Tipologias

Esta seção trata das tipologias para classificar o TEA. Para tanto, são utilizados diferentes conceitos. Segundo Ana Tamanha, Jacy Perissinoto e Maria Brasília, no CID-10: "os [TGDs] são classificados como um grupo de alterações qualitativas, na interação social e modalidades de comunicação, e por um repertório de interesses e atividades restrito e estereotipado"[27]. Logo, o autismo é classificado pelo DSM-IV-TR da APA como um TGD, que se caracteriza pelo desenvolvimento acentuadamente atípico na interação social e na comunicação, como também pela presença de um repertório marcadamente restrito de atividades e interesses.[28]

No DSM-IV, tanto o autismo infantil quanto a síndrome de asperger são classificados como subcategorias dos TGDs. O diagnóstico, segundo Ana Mello, deve ser realizado por profissionais especializados, que podem ser médicos/as neuropediatras ou psiquiatras especializados/as na área do autismo.[29] Como já mencionado na seção precedente, as causas do

[25] APA, 2002, p. 31.
[26] AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais:* DSM-5. 5. ed. São Paulo: Artmed, 2014. p. 31.
[27] TAMANAHA, Ana C.; PERISSINOTO, Jacy; BRASILIA, Maria C. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do autismo infantil e da Síndrome de Asperger. *Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol*., São Paulo, v. 13 n. 3, p. 1-12, 2008. p. 2.
[28] APA, 2002, p. 1.
[29] MELLO, Ana M. S. R. *Autismo*: guia prático. 7. ed. São Paulo: Ama; Brasília: Corde, 2007. p. 24.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

autismo ainda são desconhecidas, mas existem muitas teorias, de modo que a mais aceita é a multifatorial, em que os principais fatores apontados para a causa do autismo são: genéticos; imunológicos – rubéola materna; e neurológicos – encefalites, meningites.[30]

Nesta seção, apresentam-se as diferentes faces do TEA que já são reconhecidas. Elas diferem em nível e grau e, em relação a elas, existem quatro tipos de diagnóstico, a saber: síndrome de asperger, TID, transtorno autista e transtorno desintegrativo da infância.[31] O padrão de comportamento autístico impõe rigidez a uma série de aspectos do funcionamento diário, tanto em atividades novas como em hábitos e brincadeiras. Isto tende a ser uma dificuldade para o ensino. Um mundo repleto de responsabilidade e surpresas pode ser desafiante e confuso, por isso, a segurança que se sente com a rotina é importante e pode ser transformada em uma ferramenta positiva, criando possibilidades de aprendizagem para os/as estudantes com TEA.[32]

A síndrome de asperger é um transtorno neurobiológico de grau de intensidade brando. Pode-se atestar que as faculdades mentais e motoras são conservadas. Porém, a síndrome de asperger se caracteriza pela dificuldade de interação social e comunicação. Entretanto, suas condições, durante muitos anos, eram tidas como desconhecidas. Antes de sua classificação com TEA, tal síndrome estava inserida na lista de TGDs.[33]

O TID representa um grau mais elevado em termos de intensidade, comparando-se à síndrome de asperger. Em uma escala determinante dos níveis de TEA, o TID está em uma classificação mediana. Ele possui pontos em comum com a síndrome de asperger, em termos de dificuldade de interações sociais e de comunicação. Como já mencionado, nem todas as pessoas portadoras de TID desenvolvem as características de quem possui a síndrome de asperger.[34]

O transtorno autista ou autismo clássico representa o nível mais elevado da síndrome de asperger, ou seja, a escala mais grave. Dessa maneira, determina-se que o transtorno autista é mais intenso em nível e grau, sobressaindo ao TID. Neste tipo de transtorno, tem-se o comprometimento da oratória, maior comprometimento da capacidade de interação social e comportamentos peculiares.[35] A figura abaixo foi elaborada no intuito de ilustrar as diferentes tipologias tratadas como TEA:

[30] PIASSA, 2010, p. 17.
[31] NEUROSABER. *Quais são os tipos de autismo (TEA).* 27 jul. 2021. [*online*]. [n.p.].
[32] CUNHA, 2009, p. 21.
[33] KLINN, Ami; MERCADANTE, Marcos T. Autismo e transtornos invasivos do desenvolvimento. *Revista Brasileira Psiquiatrica*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 1-10, 2006. p. 6.
[34] KLINN; MERCADANTE, 2006, p. 2.
[35] NOVA MEDICAMENTOS. *Dia de conscientização do autismo.* 02 abr. 2020. [*online*]. [n.p.].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

Figura 1. Diferentes tipos de transtornos tratados como TEA[36]



Como mencionado anteriormente, o TEA é uma patologia neurológica. Sua tipologia – ilustrada na figura acima – se difere em termos de níveis classificatórios em virtude do grau de intensidade. Ou seja, os padrões não podem ser generalizados. Tal patologia é muito peculiar, porque pode variar de pessoa para pessoa.

O que se pode constatar são as dificuldades de socialização, de manter relacionamentos, de comunicação verbal e gestual, bem como dificuldade de manter o foco.[37] Quanto mais se manifestam essas características maior é o nível do transtorno. Logo, isso pode gerar restrições. Todavia, isso não quer dizer que o indivíduo seja incapaz ou que ele não possa desenvolver-se sociocognitivamente.

O transtorno desintegrativo da infância é o mais grave entre os quadros supracitados. Contudo, nem toda literatura o considera como um tipo de TEA. Para esta pesquisa, é interessante mencioná-lo devido às singularidades que apresenta. Esse transtorno se manifesta em crianças, de 2 a 4 anos, que, na medida em que se desenvolvem, perdem as habilidades sociocognitivas e de oratória que adquiriram na primeira infância.[38] Agora, após esse arrazoado de informações sobre as tipologias tratadas como TEA, é importante refletir sobre a escola e

[36] Elaboração própria, dados inéditos, 2024.
[37] STEYER, Simone; LAMOGLIA, Aliny; BOSA, Cleonice A. A importância da avaliação de programas de capacitação para identificação dos sinais precoces do Transtorno do Espectro Autista – TEA. *Revista Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 26, n. 3, p. 1395-1410, 2018. p. 1397.
[38] NEUROSABER, 2021, [n.p.].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

sua relação com as crianças com TEA.

1.3 Escola e as crianças com TEA

A educação surgiu no Brasil fundamentada nos preceitos jesuíticos, prevalecendo, assim, até meados da década de 1990, com a consolidação da *Nova escola*, um movimento que quebrantou uma dinastia hierárquica de métodos avaliativos que segregavam os/as estudantes,[39] dando lugar para uma concepção mais democrática e extensiva.[40] Para respaldar tal evento, estabeleceu-se a Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394, em dezembro de 1996, preconizando que a educação é direito de todos/as. Na década de 1990, a Educação Básica nas escolas convencionais começou a receber estudantes portadores de necessidades especiais. Nesta pesquisa, salienta-se aquelas crianças portadoras de TEA. Por isso, considera-se a implementação do AEE no suporte educacional dessas crianças.[41]

Nos primórdios da educação vinculada aos dogmas catolicistas romanos, as crianças que eram tidas como *deficientes* apresentavam uma restrição cognitiva ou física, e não estavam inclusas nos critérios de educação, por mais que preenchessem os requisitos. Esta ideia, atualmente, pode ser um adendo controverso aos novos ideais cristãos. Com a Revolução Francesa e com a implementação do ateísmo nas instituições de ensino, houve uma reformulação da educação e uma quebra de vínculo entre a instituição de educação formal e a igreja, instaurando o que hoje se conhece por *escolas laicas*, que são unidades de ensino neutras em relação à abordagem religiosa.[42]

Em paralelo à concepção laica, a legislação brasileira, influenciada pelos ideais da Revolução Francesa, sem vínculos com a igreja católica apostólica romana, fundamentou novas normas confederativas. Em destaque, ressalta-se a Constituição de 1988, que propõe como prerrogativa a inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais no ensino básico regular da educação pública.[43] Para respaldar tal evento, iniciou-se um processo conhecido como Educação Inclusiva, estabelecida no Brasil pela Constituição Federal de 1988, e

[39] COMIS, Daniela. A função da escola e da avaliação da aprendizagem. *Revista Dialogia*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 135-144, 2006. p. 138.
[40] SAVIANI, Dermeval. História da história da educação no Brasil: um balanço prévio e necessário. *EccoS Revista Cientifica*, São Paulo, v. 10, 1, p. 147-167, 2008. p. 151.
[41] NUNES, Débora R. P.; AZEVEDO, Mariana Q. O.; SCHMIDT, Carlo. Inclusão e educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura. *Revista Educação Especial*, São Paulo, v. 26, n. 47, p. 557-572, 2013. p. 561.
[42] CANDA, Edward R. Religious content in social work education: a comparative approach. *Journal of Social Work Education*, Winter, v. 25, n. 1, p. 36-45, 1989. p. 38.
[43] NUNES; AZEVEDO; SCHMIDT, 2013, p. 562.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

respaldada pela LDB 9.394/96. A Constituição Federal de 1988 regulariza a presença de indivíduos portadores de necessidades especiais nas escolas de ensino básico, e agrega a construção de valores sociais à formação cidadã, que estão previstas para serem alcançados no Plano Nacional de Educação (PNE).[44]

Ao longo da história do Brasil, a educação e a religião estiveram diretamente vinculadas, e o método de ensino era baseado na repetição e no reforço negativo. Esse processo se deu através de punições físicas, enfadonhas e hostis, de modo que a educação era direcionada apenas para a autarquia de homens brancos que compunham a elite. Mas, isso sofreria uma reforma imprescindível. No princípio, a educação vinculada aos dogmas catolicistas jesuíticas denominava as crianças com TEA como deficientes, logo, elas não poderiam receber educação. A igreja católica romana, por sua vez, não as reconhecia como seres humanos e as marginalizavam.[45]

Esta ideia, nos dias atuais, pode ser um adendo controverso aos novos ideais cristãos. Como já dito, com a Revolução Francesa e com a implementação do ateísmo nas instituições de ensino, houve uma reformulação da educação e uma quebra de vínculo entre instituição de educação formal e a igreja, instaurando as escolas laicas, que são unidades de ensino neutro em relação à abordagem religiosa.[46] Em conjunto dessa nova concepção laica, a lei brasileira fundamentou novas normas confederativas, considerando a inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais no ensino básico regular da educação pública.[47]

A escola emerge como um agente propulsor desse desenvolvimento comportamental e cognitivo. Para Shane Lynch e Angela Irvine, na escola, as práticas pedagógicas precisam ser diversificadas, dinâmicas e principalmente, significativas para conferirem evolução aos/às estudantes com TEA.[48] Além disso, a rotina escolar, com seus horários e hábitos, contribui para a manutenção do foco dos/as estudante com TEA.[49] No entanto, como já reforçado por Gabriela Machado, toda e qualquer atividade deve ser observada para se aferir o progresso e, com isso, estipular novas estratégias para que o processo de ensino e integração social seja efetivado.[50]

Estudos norte-americanos, que contêm um número significativo de crianças com TEA,

[44] BRASIL. Casa Civil. *Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.* [Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional]. Brasília: Presidência da República. [*online*]. [n.p.].
[45] COMIS, 2006, p. 139.
[46] CANDA, 1989, p. 2.
[47] NUNES; ZEVEDO; SCHMIDT, 2013, p. 569.
[48] LYNCH, Shane L.; IRVINE, Angela N. Inclusive education and best practice for children with autism spectrum disorder: an integrated approach. *International Journal of Inclusive Education*, [s.l.], v. 13, n. 8, p. 845-859, 2009. p. 851.
[49] MACHADO, Gabriela D. S. A importância da rotina para crianças autistas na educação básica. *Revista Gepesvida*, São José, v. 1, n. 9, p. 100-114, 2019. p. 103.
[50] MACHADO, 2019, p. 111.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

também colocam a espiritualidade como um fator positivo na melhoria da qualidade de vida de crianças com necessidades especiais.[51] Essa melhora no incremento aos cuidados com a criança se estende na escola, refletindo, de maneira positiva, no desenvolvimento dos/as estudantes.[52] Além disso, ao propor que a criança com TEA se expresse através de fatores ligados à sua religião, pode-se desenvolver sua psique, estimulando o reconhecimento de símbolos, objetos e ritos. Na escola, pode-se explorar a dimensão da espiritualidade, seja na realização de eventos, componente curriculares direcionados como o Ensino Religioso, projetos transcomponentes.[53]

As crianças com TEA se caracterizam por disfunções comportamentais que afetam o cognitivo, a coordenação motora, a capacidade de comunicação e o desenvolvimento social.[54] Por se tratar de uma patologia espectral, o TEA se apresenta em diferentes níveis de intensidade, e pode estar vinculado aos aspectos psicossomáticos e com o desenvolvimento de síndromes como a ansiedade e a depressão. Uma das formas de tratamento para o desenvolvimento da criança com TEA seria o estabelecimento de uma rotina em que ele possa se integrar socialmente. Desta forma, a escola emerge como um agente propulsor desse desenvolvimento comportamental e cognitivo.[55]

Ao estabelecer a importância da rotina escolar, cabe pontuar estratégias para que o processo de ensino e integração social seja efetivado. Para tanto, pontua-se a espiritualidade como uma ferramenta didática. A espiritualidade fora estudada por pensadores como Carl Jung, Michel Foucault e René Descartes, pontuando em diversos âmbitos, dentre eles, cabe mencionar a ciência, a religião e a educação.

No processo de intervenção psicopedagógica, é necessário descobrir o que o/a estudante autista gosta de fazer. A partir daí, é preciso traçar estratégias de ensino. Há sempre canais de comunicação que podem ser conectados para colorir o trabalho pedagógico. O incentivo e o retorno positivo do/a professor/a, após o término das tarefas, será sempre importante, inclusive o estabelecimento de atividades para o domínio e para a permanência do foco de interesse em toda a experiência escolar.[56] Para Sônia Kiguel:

> Historicamente a Psicopedagogia surgiu na fronteira entre a Pedagogia e Psicologia,

[51] FITHRI, Husni. Religious therapy as one of an alternative ways in getting educational betterment for children with autism spectrum disorder. *Journal Procedia*, [s.l.], v. 29, n. 1, p. 1782-1787, 2011. p. 1784.
[52] SULLIVAN, Susan C.; ARAMINI, Victoria. Religion and positive Youth development: challenges for children and Youth with autism spectrum disorder. *Journal Religions*, [s.l.], v. 10, n. 10, p. 1-21, 2019. p. 13.
[53] CAI, Ru Y.; RICHDALE, Amanda L. Educational experiences and need of higher education students with autism spectrum disorder. *Journal of Autism development Disorder*, [s.l.], v. 46, n. 1, p. 31-41, 2016. p. 33.
[54] HEES; MOYSON; ROEYERS, 2014, p. 1675.
[55] LYNCH; IRVINE, 2009, p. 853.
[56] BRITO, Maria C. *Estratégias práticas de intervenção nos Transtornos do Espectro do Autismo*. São Paulo: Saber Autismo, 2019. p. 45.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

> a partir das necessidades de atendimentos de crianças com 'distúrbios de aprendizagem', considerada inaptas dentro do sistema educacional convencional. Esses fatores etiológicos utilizados para explicar índices alarmantes do fracasso escolar envolviam quase que exclusivamente fatores individuais como desnutrição, problemas neurológicos, psicológicos.[57]

Jean Piaget afirma que a aprendizagem se refere aos conteúdos, ao desenvolvimento e às formas.[58] A formação e a preparação do/a professor/a é primordial para a identificação de aspectos peculiares no comportamento dos/as estudantes. Isto poderá fazer toda a diferença, permitindo, por meio de uma intervenção precoce, uma maior independência e qualidade de vida em qualquer grau de autismo.[59]

Carl Jung compreendeu a espiritualidade como um objeto de estudo. Em observância aos ritos religiosos, ele analisou uma série de símbolos, figuras, dogmas e sinais que ficam instaurados no subconsciente, gerando questões e respostas complexas que se segmentam em novas dúvidas. Ao trazer o simbolismo para a pedagogia, Carl Jung percebia as questões levantadas pelas crianças e as concepções religiosas expressas em hipóteses e novas dúvidas, levando-o a visar a evolução do pensamento de cada indivíduo.[60]

Michel Foucalt e René Descartes foram autores adeptos ao simbolismo. Michel Foucault percebeu que nos sonhos havia uma expressão verdadeira dos desejos humanos. René Descartes, por sua vez, usava os símbolos para desenvolver fórmulas matemáticas, criando algarismos e fundamentando o que hoje se conhece por ciências exatas. Para crianças com TEA, em suas diferentes intensidades, os símbolos podem representar seus pensamentos. Quanto mais complexo o símbolo, maior seria seu desenvolvimento cognitivo. Logo, pode-se montar um diagnóstico pedagógico com a utilização dos ideais de simbolismo e, além disso, através da criação de novos símbolos, desenvolver a psique.[61]

O primeiro ponto e imprescindível, isto é, conhecer os aspectos gerais e conceituais, bem como entender as características das pessoas com TEA, para, então, pensar na avaliação e na intervenção para o seu aprendizado. O autismo tem demandado estudos e indagações, permanecendo ainda desconhecido por grande parte dos/as professores/as.[62] O espectro possui

[57] KIGUEL, Sônia. *Abordagem psicopedagógica da aprendizagem.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. p. 22.
[58] PIAGET, Jean. *A Psicologia.* Lisboa: Bertrand, 1986. p. 22.
[59] BRITO, 2019, p. 12.
[60] GITZ-JOHANSEN, Thomas. Jung in education: a review of historical and contemporary contributions from analytical psychology to the Field of education. *Journal of Analytical Psychology*, [s.l.], n. 61, v. 3, p. 365-384, 2016. p. 368.
[61] SWINTTON, John; TREVETT, Christine. Religion and autism: initiating an interdisciplinary conversation. *Journal of Religion Disability & Health*, [s.l.], v. 13, n. 1, p. 2-6, 2014. p. 5.
[62] PIMENTEL, Andréia F. *Autismo e Ensino Religioso:* desafios e expectativas. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2020. p. 11.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

diferentes níveis de gravidade e está relacionado com outros sintomas que começam na infância. É certo, porém, que os/as estudantes com autismo não estão desprovidos da sua condição de aprendentes no espaço escolar. O primeiro passo é entender o que são esses transtornos, como seus portadores se comunicam, comportam-se, sentem-se e como eles/as percebem o mundo ao seu redor e, principalmente, como aprendem.[63]

O espaço escolar é o melhor ambiente para uma observação fidedigna. Em toda intervenção, é preciso que o/a professor/a esteja consciente das possibilidades educacionais dos/as estudantes, mesmo diante de qualquer inadaptabilidade inicial. Para isso, é preciso escolher os meios eficazes que tornarão o currículo escolar coerente com as suas necessidades.[64] Ao lidar com os/as estudantes autistas, o trabalho pedagógico deve permitir uma composição de análises correspondentes a cada instituição escolar, garantindo uma melhor qualidade de trabalho para os/as professores e ainda estimular à desenvoltura de relações interpessoais, a estabilidade de vínculos socioafetivos, o emprego de processos de ensino-aprendizagem compatibilizados com as concepções mais atualizadas a respeito dos métodos de trabalho e planejamento por meio de um envolvimento mais dinâmico com a equipe escolar, proporcionando, acima de tudo, uma ampliação no modo de olhar o/a estudante em torno dos problemas ocorridos em torno de seus processos de aprendizagem.[65]

Os/as professores/as especialistas e pedagogos/as, atuando na inclusão escolar voltada para o autismo, devem tornar frutífero o trabalho a ser desenvolvido pelos/as professores/as das diversos componentes curriculares. Deve-se aprender sobre as dificuldades de aprendizagem e os modos de intervenções pedagógicas sobre como incluir o/a estudante autista. Primeiro, sem rótulos, depois, com ações de qualidade. Nos rótulos, encontram-se as limitações dos/as estudantes. Deve-se olhar para eles/as e transpor as impressões externas das barreiras do ceticismo, pois são elas que mais impedem a inclusão dos/as estudantes.[66]

Nas palavras de Gimeno Sacristán e Angel Pérez Gómez:

> A constatação do papel ativo dos professores e especialistas (pedagogos) deve nos levar a defender seus campos de participação ativa na configuração e no desenvolvimento dos novos currículos no nível do grupo de classe e dentro das escolas.[67]

Nesse sentido, o/a pedagogo/a e o/a professor/a especialista têm um papel fundamental

[63] BRITO, 2019, p. 12.
[64] BRITO, 2019, p. 2.
[65] SANTOS, 2012, p. 49.
[66] SANTOS, 2012, p. 34.
[67] SACRISTÁN, Gimeno J.; PÉREZ GÓMEZ, Angel I. *Compreender e transformar o* ensino. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 195.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

junto com os/as professores/as dos diversos componentes curriculares, a fim de fazer com que eles/as estejam "preparados para atender crianças e/ou adolescentes que apresentam problemas de aprendizagem, com a função de prevenir, diagnosticar e intervir, podendo sua atuação ocorrer em escolas, empresas e clínicas"[68]. Com base nessas informações, segue-se para a próxima seção, no intuito de analisar a intervenção ABA aplicada ao autismo.

1.4. Intervenção ABA aplicada ao autismo

Sabe-se que a ABA possui grande suporte científico e tem sido utilizada como uma intervenção muito pesquisada e amplamente adotada, sobretudo nos Estados Unidos, para promover a qualidade de vida de pessoas com TEA.[69] No entanto, uma melhor e mais completa compreensão desta abordagem, enquanto ciência em todas as suas dimensões e complexidade, requer o claro entendimento sobre sua base conceitual e os fatores que determinam a sua prática, fazendo-a uma abordagem de intervenção efetiva, principalmente para pessoas com autismo. A ABA tem sido muito falada, muito utilizada e indicada por médicos/as para o tratamento e acompanhamento do autismo. Isso se dá devido ao caráter científico que ela possui no entendimento do comportamento e sua eficácia nesta área.[70]

Pode-se dizer que a análise do comportamento é a ciência que compreende o comportamento, já que, para compreendê-lo, é necessário entender as variáveis presentes no ambiente. A ABA é analítica, pois busca compreender a relação entre os eventos comportamentais e ambientais. Ela é experimental, porque busca mostrar que os eventos e ambientes são responsáveis pela ocorrência ou não ocorrência do comportamento – manipulação de variáveis. A ABA é pragmática, por ser uma pesquisa aplicada que se propõe ao entendimento do comportamento de forma que se possa prever e controlar os eventos.[71]

Entretanto, uma completa definição da ABA requer o entendimento deste campo do conhecimento como uma abordagem científica, tecnológica e profissional. Como uma abordagem científica, a ABA é definida como uma ciência utilizada para avaliar, explicar e modificar comportamentos baseado nos princípios do condicionamento operante introduzidos

[68] SASSAKY, Romeu K. *Inclusão*: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997. p. 23.
[69] GILLIS, Jennifer M.; BUTLER, Robert C. Social skills interventions for preschoolers with Autism Spectrum Disorder: a description of single-subject design studies. *Journal of Early & Intensive Behavior Intervention*, [s.l.], v. 4, n. 3, p. 532-547, 2007. p. 537.
[70] VALENTIM, Maria G. F. *Como adequar o Ensino Religioso à aprendizagem de pessoas autistas no Ensino Fundamental I*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2022. p. 51.
[71] SANTOS, Mariana F. R. *Dialogando com o Autista*: neurociência e comunicação. São Paulo: [s.n.], 2015. p. 11.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

por Burrhus Skinner.[72] As características gerais de uma intervenção baseada nos princípios da ABA envolvem a identificação de comportamentos e habilidades que precisam ser trabalhadas, seguida por métodos sistemáticos para selecionar e descrever objetivos para, explicitamente, delinear uma intervenção envolvendo estratégias comportamentais exaustivamente estudadas e comprovadamente efetivas.[73]

Além disso, a ABA é caracterizada pela coleta de dados antes, durante e depois da intervenção. Isso é feito para analisar o progresso individual da criança e auxiliar na tomada de decisões, em relação ao programa de intervenção e às estratégias que melhor promovem a aquisição de habilidades específicas e necessárias para cada criança.[74] A intervenção conta com uma equipe interdisciplinar capacitada e habilitada, para avaliar e atuar a partir das habilidades que se encontram defasadas. Geralmente, esta equipe é composta por psicólogos/as, fonoaudiólogos/as, terapeuta ocupacional e psicopedagogos/as. Apesar de todo o preparo da equipe, faz-se necessário o envolvimento e o apoio da Rede Familiar da criança, em virtude da importância que possui no curso do desenvolvimento humano, como será apresentado na próxima seção.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

1.5 Rede de Apoio Familiar como promotora de resiliência e autorregulação

A Rede de Apoio Familiar se relaciona com os vínculos estabelecidos entre as pessoas, sendo constituídas tanto por relações formais e informais. As relações formais são os contatos com profissionais, como médicos/as, psicólogos/as, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos/as, professores/as e outros. As relações informais são tidas como de maior importância pessoal e afetiva, compostas por vínculos com todos os demais indivíduos – família, amigos, vizinhos, comunidade – e têm como características marcantes a familiaridade e a proximidade com envolvimento afetivo.[75]

Os laços sociais são importantes devido ao suporte que proporcionam em momentos de necessidade, permitindo o enfrentamento e a superação de momentos de crise.[76] Segundo Shelley Taylor, os seres humanos são “desenhados” para serem sociais e manterem relações

[72] SKINNER, Burrhus F. *Science and human behavior*. New York: Free Press, 1953. p. 9.
[73] SKINNER, 1953, p. 13.
[74] LANDA, Rebeca. Early communication development and intervention for children with autism. *Mental Retardation & Developmental Disabilities Research Reviews*, [s.l], v. 13, n. 1, p. 16-25, 2007. p. 23.
[75] MINATEL, Martha M.; MATSUKURA, Thelma S. Famílias de crianças e adolescentes com autismo: cotidiano e realidade de cuidados em diferentes etapas do desenvolvimento. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 126-134, 2014. p. 128.
[76] BARUDY, Jorge; DANTAGNAN, Maryorie. *Los Buenos tratos a la Infancia*: parentalidade, apego y resiliencia. Barcelona: Gedisa, 2007. p. 51.

que, por sua vez, também são influenciados por seus aspectos biológicos.[77] Tais aspectos constituintes do seres humanos associados aos ambientais podem, portanto, serem protetores e promotores de resiliência.[78]

A qualidade das interações em diferentes contextos sociais comprova o impacto positivo ou negativo delas sobre a saúde física e emocional das pessoas. Ou seja, as interações podem ser consideradas fatores de riscos e proteção na vida dos indivíduos.[79] Os fatores de risco são aqueles eventos considerados estressores e, quando presentes, podem aumentar a probabilidade de a pessoa apresentar problemas emocionais, sociais e físicos. Tais eventos são determinados também pela forma como os riscos são percebidos e enfrentados. Os fatores de proteção são as influências que alteram, modificam ou melhoram as respostas para determinados riscos de desadaptação. Nesse sentido, o que a pessoa possui de bagagem a ajuda a enfrentar problemas e situações estressoras.[80]

A necessidade de apoio pode ser mais relevante em determinadas circunstâncias e períodos específicos da vida, como em situações de patologias crônicas, perdas, traumas, durante importantes transições ecológicas, na terceira idade e no diagnóstico de TEA. Essas condições podem caracterizar-se como risco, dependendo das circunstâncias associadas às percepções e às crenças individuais construídas nos diferentes universos culturais que as pessoas e grupos pertencem.[81]

Sabe-se que o recebimento do diagnóstico de TEA da criança é um momento bastante discutido na literatura, sendo entendido como um processo difícil, em que os familiares vivenciam os sentimentos de tristeza, dúvida e desamparo.[82] As mães estudadas por Maria Fávero, por exemplo, sentiram revolta e dificuldades na aceitação, vivenciaram choro e sofrimento, além do sentimento de estarem perdidas, em vistas das incompreensões pelo que

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[77] TAYLOR, Shelley. *Lazos vitales:* de cómo el cuidado y el afecto son esenciales para nuestras vidas. Madrid: Pensamiento, 2002. p. 18.
[78] YUNES, Maria A. M.; GARCIA, Narjara M.; ALBUQUERQUE, Beatriz D. M. Monoparentalidade, pobreza e resiliência: entre as crenças dos profissionais e as possibilidades da convivência familiar. *Revista Psicologia, Reflexão e Crítica*, Rio Grande do Sul, v. 20, n. 3, p. 444-453, 2007. p. 447.
[79] YUNES; GARCIA; ALBUQUERQUE, 2007, p. 444-453.
[80] FRISON, Lourdes M. B. Autorregulação da aprendizagem: abordagens teóricas e desafios para as práticas em contextos educativos. *Revista Educação*, Campinas, v. 21, n. 1, p. 1-17, 2016. p. 13.
[81] JULIANO, Maria C. C.; YUNES, Mattar M. A. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. *Revista Ambiente e Sociedade*, Campinas, v. 17, n. 3, p. 135-154, 2014. p. 138.
[82] PINTO, Rayssa N. M.; TORQUATO, Isolda M. B.; COLEET, Neusa; REICHERT, Altamira P. S.; SOUZA NETO, Vinicius L.; SARAIVA, Alynne M. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Santa Maria, v. 37, n. 3, p. 1-9, 2016. p. 4.

estava acontecendo e da insuficiência das informações recebidas.[83]

A tristeza, o sofrimento e a negação entre os familiares de pessoas com TEA também foi identificada em outro estudo, de modo que o desconhecimento sobre o transtorno contribuiu para as dificuldades vivenciadas nesse momento.[84] De acordo com Regina Zanon, Bárbara Backes e Cleonice Bosa, em uma pesquisa realizada com pais e mães de crianças pré-escolares com TEA, o atraso na fala é, em geral, o aspecto mais frequentemente observado, que leva à busca de auxílio profissional, mesmo que percebam precocemente outros sintomas, tais como, as dificuldades no comportamento familiar.[85] A partir dessas percepções, os familiares da criança iniciam uma busca incansável por serviços e profissionais de saúde até obterem o fechamento do diagnóstico, processo que pode demorar, dificultando a detecção precoce.[86]

As crianças diagnosticadas com autismo necessitam da família, de compreensão e dedicação, pois, geralmente, é no contexto familiar que se aprende a lidar com eventos estressores e superá-los de forma saudável.[87] O que distingue uma família de outra não é a ausência de problemas, e sim a maneira como ela enfrenta essas dificuldades e sua competência para resolvê-las. As crises, inclusive, podem estimular o sistema familiar a desenvolver habilidades e recursos.

O conceito de resiliência sustenta-se por meio da compreensão de diferenças individuais existentes entre os indivíduos e como estas diferenças interagem, o que depende de fatores diversos, por exemplo: a idade, o nível de desenvolvimento do sistema nervoso, o gênero, a genética, o contexto cultural e ambiental.[88] Resiliência é a capacidade que as pessoas possuem no enfrentamento das adversidades, sendo fortalecida ou transformada pelas experiências vivenciadas. No processo de resiliência, o sujeito desenvolve a capacidade de enfrentar, vencer e sair fortalecido de situações adversas, ou seja, é transformado/a.[89]

O tema resiliência também se encaixa nos núcleos familiares, emergindo como uma

[83] FÁVERO, Maria A. B. *Trajetória e sobrecarga emocional da família de crianças autistas*: relatos maternos. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005. p. 13.
[84] MADEIRA, H.I.B. *Reação das famílias ao diagnóstico da criança com perturbações do Espectro do Autismo:* um estudo exploratório. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Escola de Ciências Sociais, Universidade de Évora, Évora, 2014. p. 117.
[85] ZANON, Regina B.; BACKES, Bárbara; BOSA, Cleonice A. Identificação dos Primeiros Sintomas do Autismo pelos Pais. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 25-33, 2014. p. 28.
[86] EBERT, Michele; LORENZINI, Elisiane; SILVA, Eveline F. Mães de crianças com transtornos autísticos: percepções e trajetórias. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 49-55, 2015. p. 51.
[87] SEIBEL, Bruna L.; FALCETO, Olga G., HOLLIST, Cody S.; SPRINGER, Paul R.; FERNANDES, Carmen L. C.; KOLLER, Silvia H. Rede de apoio social e funcionamento familiar: estudo longitudinal sobre famílias em vulnerabilidade social. *Revista Pensando Famílias*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 120-136, 2017. p. 123.
[88] MELLO, 2007, p. 28.
[89] MELILLO, Aldo; OJEDA, Elbio N. S. *Resiliência:* descobrindo as próprias fortalezas. São Paulo: Artmed, 2005. p. 34.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

busca por aspectos saudáveis das famílias em contraponto às preocupações exclusivas sobre seus desajustes. Resiliência familiar refere-se aos processos de enfrentamento e adaptação da família como uma unidade funcional.[90] Compreender a resiliência na família como um processo indica que as famílias não serão necessariamente resilientes em todos os momentos de seu ciclo vital ou em qualquer circunstância. Segundo Maria Yunes, a ênfase na resiliência familiar deve encontrar e implementar os processos que permitem com que as famílias não só enfrentem de forma mais eficiente situações de crise, mas, também, saiam mais fortalecidas delas.[91]

Três domínios estariam relacionados à forma como as famílias percebem e superam uma adversidade, a saber: o sistema de crenças, os padrões de organização e as formas de comunicação familiar. Quando ocorrem conexões positivas, os processos de resiliência podem ser acionados, ou seja, os fatores de proteção interagem com os eventos de vida, possibilitando uma melhor adaptação e também acionam os processos de autorregulação.[92]

Autorregulação é a capacidade que o indivíduo possui para autogerir pensamentos, sentimentos e ações planejadas e adaptadas para metas e objetivos pessoais, o que favorece uma melhor qualidade de vida, saúde e adaptação. Não é uma característica inata do indivíduo, e sim uma habilidade que se adquire ao longo da vida, a partir das próprias experiências, do ensinamento de outras pessoas e da interferência do ambiente em que se está inserido e pressupõe uma conduta consciente, autorreflexiva e proativa do indivíduo.[93]

Segundo Maria Juliano e Maria Yunes, os vínculos e as relações estabelecidas bem como os papéis desempenhados permitem o desenvolvimento dos indivíduos, tanto no aspecto familiar quanto no emocional, além de possibilitar recursos que promovam a satisfação e a saúde mental.[94] As características dos indivíduos – autoestima, orientação familiar positiva e autonomia –, um ambiente familiar composto por laços afetivos que gerem coesão e uma Rede de Apoio Familiar presente em momentos de crise, são aspectos considerados determinantes para que se consiga adaptar em relação às diversas situações que ocorrerão ao longo da vida.[95]

Uma Rede de Apoio Familiar afetiva e eficiente está associada à prevenção da violência e ao fortalecimento de competências, bem como do senso de pertencimento e da maior qualidade dos relacionamentos. Urie Bronfenbrenner salienta a influência da Rede de Apoio

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[90] YUNES, Maria A. M. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, n. 1, p. 75-84, 2003. p. 77.
[91] YUNES, 2003, p. 44.
[92] WILLIAMS; WRUGHT, 2008, p. 36.
[93] ZIMMERMAN, Barry J. Da modelagem cognitiva à autorregulação: uma carreira social cognitiva. *Psicólogo Educacional*, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 135-147, 2013. p. 138.
[94] JULIANO; YUNES, 2014, p. 141.
[95] JULIANO; YUNES, 2014, p. 141.

Afetiva na produção de estratégias eficazes em situações de crise.[96] A eficácia da rede se expressa por respostas com significativa redução de sintomas psicopatológicos, tais como: a depressão e o sentimento de desamparo. Na ausência desta rede, pode-se verificar o aumento da vulnerabilidade das pessoas frente a uma situação de risco.

Em relação à vulnerabilidade social, ela ganha cada vez mais destaque em virtude do estado pandêmico vivenciado por conta do coronavírus. Essa condição também afetou diversas atividades, dentre elas, a atuação junto aos/às pacientes com TEA.[97] Sendo assim, anseia-se que, com o quadro de vulnerabilidade intensificado pelo contexto de saúde atual, padrão esse que deverá ser mantido ainda por algum tempo no contexto pós-pandemia, e com a acentuação da exclusão social, as ciências da saúde e do cuidado se voltem mais para esta temática tão importante, já que é notável a necessidade do desenvolvimento e realização de pesquisas envolvendo-a, de forma interdisciplinar, com os/as profissionais que atuam na linha de cuidado das pessoas com TEA.[98] A próxima seção trata da relação entre a Rede de Apoio Familiar com o TEA.

1.6 Rede Apoio Familiar e TEA

Segundo Letícia Borba, Marcio Paes, Andrea Guimarães, Liliana Labronice e Mariluci Maftum, a família é uma complexa unidade formada a partir de um conjunto de pessoas e suas ligações.[99] Corresponde, dessa forma, a um sistema de relações perpassado pela cultura, pelas crenças, por conflitos, segredos e sonhos, adquirindo inúmeras formas que, ao longo das fases de seu ciclo evolutivo vital, sofre constantes mudanças. Essas mudanças lhe afetam, implicando a necessidade de lutos e rearranjos, além de gerarem crises consideradas esperadas e necessárias ao desenvolvimento de seus membros.[100]

As características da criança com TEA, com suas dificuldades na interação e comunicação com o mundo e seus comportamentos estereotipados e repetitivos, geram dificuldades no desempenho de tarefas que são comuns e esperadas de outras crianças. Assim, a família pode acabar isolando-se em relação ao convívio familiar quando as características da

[96] BRONFENBRENNER, Urie. *A ecologia do desenvolvimento humano.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 89.
[97] BELARMINO, Alícia G. F. Vulnerabilidade social, fonoaudiologia e autismo em meio a pandemia: uma abordagem conceitual e relacional. *Archives of Health*, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 479-489 2021. p. 481.
[98] BELARMINO, 2021, p. 479-489.
[99] BORBA; PAES; GUIMARÃES; LABRONICI; MAFTUM, 2011, p. 442-449.
[100] CARTER, Betty; McGOLDRICK, Monica. *As mudanças no ciclo de vida familiar:* uma estrutura para a Terapia Familiar. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995. p. 7-29.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

criança com TEA não correspondem ao esperado, uma vez que os seus comportamentos poderiam ocasionar estranhamento por parte das pessoas que não compreendem suas peculiaridades.[101]

O nascimento de uma criança com necessidades especiais, como a criança com TEA, desencadeia uma crise ainda mais complexa, que altera o padrão de ciclo de vida da família, podendo ser causadora de intensa ansiedade e estresse. Esta crise deve-se, em parte, ao fato de que as famílias têm um perfil ideal de filho. Neste sentido, de acordo com Vítor Franco, os pais e as mães idealizam um bebê saudável, que virá ao mundo para concretizar muitos feitos.[102] Ao nascer uma criança que, em algum momento, apresenta-se diferente do perfil esperado, como a criança com TEA, as famílias vivenciam um processo doloroso de luto pela perda da criança imaginada, em que sentimentos depressivos que podem desencadear o sentimento de fracasso frente às dificuldades vivenciadas no contato com um bebê.

Maria Sprovieri e Francisco Assumpção Jr. discutem a impossibilidade, frente às dificuldades da criança atípica, de se adequar às normas e aos valores da sociedade, o que tem impacto no convívio familiar e no desenvolvimento dos papéis dos cônjuges.[103] As famílias precisam conviver com o desgaste e com a tensão de, por exemplo, optarem a todo o momento pelos lugares possíveis de frequentar ou por quanto tempo devem permanecer. O autor e a autora ressaltam a impossibilidade de, no contexto do autismo, a família cumprir um papel esperado de educar suas crianças para a participação na sociedade, de acordo com suas normas, o que pode interferir no desenvolvimento dos papéis familiares.[104]

Para entender a importância da família na vida do indivíduo, é impossível pensar o ser humano fora do contexto da sociedade em que ele nasce e vive, considerando inexistente o ser visto como um ser isolado de seus semelhantes, independente das influências dos grupos que frequenta, distante dos legados da história e tradição. Ou seja, é difícil pensar o ser humano sem os sistemas sociais que o circundam, e sem reconhecer as influências que a sociedade exerce em sua vida.[105]

Por conta disso, a Rede de Apoio Familiar tem sido discutida e trabalhada, dada a importância que possui na vida das pessoas. A Rede de Apoio Familiar nada mais é do que a

[101] MINATEL; MATSUKURA, 2014, p. 127.
[102] FRANCO, Vítor. *Introdução à intervenção precoce no desenvolvimento da criança:* com a família, na comunidade, em equipe. Portugal: Aloendro, 2015. p. 154.
[103] SPROVIERI, Maria H. S.; ASSUMPÇÃO JR, Francisco B. *Dinâmica familiar de crianças autistas. Revista Arq. Neuropsiquiatria*, São Paulo, v. 59, n. 2, p. 230-237, 2001. p. 234.
[104] SPROVIERI; ASSUMPÇÃO JR, 2001, p. 230-237.
[105] MARTINS, Ana S. G.; PREUSSELER, Cintia M.; ZAVSCHI, Maria L. S. A psiquiatria da infância e da adolescência e o autismo. In: BAPTISTA, Claudio; BOSA, Cleonice (orgs.). *Autismo e educação*: atuais desafios. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 41-49.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

junção do conceito de *rede familiar* e *apoio familiar*. Ambos são conceitos interdependentes, que possuem diferenças entre si. Trata-se de um sistema cercado e composto por variados objetos sociais, funções e atividades realizadas por pessoas, como também as situações e o contexto no qual elas estão imersas, podendo oferecer um suporte instrumental – recursos financeiros –, emocional e informações necessárias.[106] O apoio familiar, por sua vez, é fundamental para o bem-estar e para a saúde emocional dos membros de uma família. Trata-se de uma estratégia com potencial de fortalecimento dos laços familiares, que pode promover a comunicação e oferecer um suporte emocional e prático.[107]

A relação com o cuidador primário é uma das mais importantes no desenvolvimento, pois, as crianças com apego seguro veem em seu cuidador uma imagem de si. Assim, a qualidade desse cuidado e dessa interação, tanto em aspectos físicos como afetivos e sociais, está relacionada às condições de estabilidade, tanto psicossociais quanto socioeconômicas, pois, no ambiente familiar, a criança pode conviver tanto com fatores de risco e de proteção.[108] Através disso, é possível conceber que as relações que se desenvolvem ao longo da vida podem afetar diretamente e indiretamente.

A abordagem bioecológica de Urie Bronfenbrenner divide as interações que as pessoas estabelecem em quatro sistemas.[109] O primeiro sistema é chamado de microssistema, caracterizado como atividades, relações e papeis, conhecidos como blocos construtores, vivenciados pelas pessoas em desenvolvimento em um ambiente, ou seja, um local em que a pessoa interage face a face. O segundo é o mesossistema, que pode ser definido como inter-relações entre dois ou mais ambientes em que a pessoa é participante ativa e se desenvolve. O terceiro é o exossistema, no qual um ou mais ambientes fazem parte, e a pessoa em desenvolvimento não se constitui em um participante ativo. O quarto é o macrossistema, que pode ser observado em uma cultura ou subcultura, envolvendo tanto os microssistemas quanto os exossistemas.[110]

O meio no qual a criança se desenvolve também pode ser concebido em círculos concêntricos. No microssistema, são englobadas situações em que a criança possui experiência pessoal direta, como a família, a creche, a escola. No mesossistema, a criança como participante

[106] DESSEN, Maria A.; BRAZ, Marcela P. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 221-231, 2000. p. 223.
[107] DESSEN; BRAZ, 2000, p. 223.
[108] ANDRADE, Susanne A.; SANTOS, Darci N.; BASTOS, Ana C.; PEDROMÔNICO, Márcia R. M.; ALMEIDA-FILHO, Naomar; BARRETO, Mauricio L. Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 606-611, 2005. p. 608.
[109] CAMARGO; BOSA, 2009, p. 71.
[110] BRONFENBRENNER, 1996, p. 56.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

ativa possui incluídas nesse sistema as relações que estabelece em casa, na escola, com amigos ou grupos com os quais sua família interage.[111] Ao contrário do mesossistema, no exossistema, a criança não experimenta diretamente as questões que englobam sua vida, mas é influenciada porque afeta um de seus microssistemas, como quando os pais e as mães chegam em casa estressados, devido a algum problema ocorrido no local de trabalho, e acabam passando esse estresse de alguma forma para seus/suas filhos/as. No macrossistema, que engloba os aspectos da cultura, estão envolvidas questões econômicas e o local onde a família reside, que também interfere nas relações que a criança possui.[112]

Tais relações podem influenciar significativamente no curso do desenvolvimento e na constituição da personalidade. Compreender como as Redes de Apoio Sociais se apresentam na infância é importante para reconhecer a influência que elas possuem no desenvolvimento humano. A partir disso, pode-se perceber a importância que a família tem na infância, pois, de acordo com Maria Juliano e Maria Yunes, esta é primeira Rede de Apoio Familiar, um dos primeiros contatos que a criança estabelece, funciona como uma mediadora entre a criança e a sociedade.[113]

Diante do reconhecido impacto do TEA nas famílias das crianças acometidas por esse transtorno, destaca-se que muitas dessas famílias são capazes de se reorganizar frente às mudanças, buscando estratégias que auxiliem em suas necessidades. Nesse sentido, a literatura tem se referido às estratégias de *coping*, que são recursos cognitivos, emocionais e comportamentais que o indivíduo emprega na tentativa de lidar com situações estressoras. Em geral, são formas encontradas pelas famílias para lidar com os desafios geradores de estresse,[114] além do processo de resiliência familiar em que encontram formas saudáveis de lidar com a situação adversa sem sucumbir a ela.[115]

O apoio familiar abrange os aspectos pessoais e de interação do indivíduo, sendo caracterizado pelas relações que uma pessoa estabelece na vida e que podem influenciar, de forma significativa, a definição da sua personalidade e do seu desenvolvimento. O apoio familiar fornecido pela rede relacional das pessoas é mantido por laços afetivos e depende de percepções que se tem do próprio mundo familiar, de competências e recursos disponíveis para

[111] MARTINS, Edna; SZYMANSKI, Heloisa. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, a. 4, n. 1, p. 63-77, 2004. p. 67.
[112] MARTINS; SZYMANSKI, 2004, p. 4.
[113] JULIANO; YUNES, 2014, p. 141.
[114] LISBOA, C.; KOLLER, S. H.; RIBAS, F. F.; BITENCOURT, K.; OLIVEIRA, L.; PORCIUNCULA, L. P. Estratégias de coping de crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 345-362, 2002. p. 351.
[115] MENDONÇA, Helenides; FERREIRA, Maria C.; NEIVA, Elaine R. *Análise e diagnóstico organizacional*: teoria e prática. São Paulo: Vetor, 2016. p. 67.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

proteção.[116] Para que as famílias, no entanto, sobrevivam diante do diagnóstico de um/a filho/a com TEA, e para que retomem seu curso de desenvolvimento e auxiliar no desenvolvimento da criança, elas devem receber amparo e suporte adequados. A adaptação das famílias depende da Rede de Apoio e dos serviços disponibilizados para o acompanhamento delas e de suas crianças. Assim, o bem-estar da criança e o da família caminham juntos, sendo necessário investir esforços em sua promoção.

A eficácia da Rede de Apoio Familiar se dá por meio de respostas que manifestam a redução de sintomas psicopatológicos, como a sensação de desamparo e a depressão, além de estar associada ao fortalecimento de competências, do senso de pertencimento e da qualidade dos relacionamentos. Por isso, sua ausência promove o aumento da vulnerabilidade diante de situações de risco e, consequentemente, uma maior exposição à violência, sendo que interrupções de vínculos afetivos estabelecidos e situações conflituosas podem provocar distúrbios psicossomáticos e/ou psicossociais, devido à necessidade que as pessoas possuem de estabelecerem vínculos afetivos estáveis.[117]

De acordo com Vítor Franco, são muitos os estudos que abordam o impacto do autismo no contexto familiar. Contudo, entende-se que para além de identificar as dificuldades encontradas por essas famílias ou compará-las com as famílias de crianças com o desenvolvimento típico em termos de aspectos como nível de estresse, por exemplo, faz-se necessário o investimento em pesquisas que focalizem nos processos desenvolvidos pelas famílias em busca de adaptação à situação, ressaltando suas potencialidades.[118] Destaca-se, ainda, que conhecer a experiência das famílias de crianças com TEA é fundamental para qualificar as intervenções destinadas a elas, bem como para fundamentar as ações que incluam a família no trabalho com as pessoas com este transtorno.[119]

O apoio da família extensa tende a contribuir com a adaptação ao TEA. No entanto, não é incomum os familiares negarem ou terem dificuldades em aceitar o diagnóstico da criança. Além disso, tem-se agravo com as vivências de preconceito por parte da própria família em relação ao diagnóstico de TEA da criança e suas características.[120] Por fim, é importante frisar que as buscas dos familiares por maiores entendimentos sobre o autismo, por meio de leituras, bem como em espaços virtuais para compartilhamento de experiências, podem ser caracterizadas como estratégias para lidar com as inúmeras dúvidas e com a falta de apoio

[116] JULIANO; YUNES, 2014, p. 135-154.
[117] JULIANO; YUNES, 2014, p. 141.
[118] FRANCO, 2015, p. 154.
[119] FRANCO, 2015, p. 154.
[120] MADEIRA, 2014, p. 117.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

vivenciada. Essas famílias necessitam de apoio, de orientações e de espaços de trocas de informações e vivências. Há famílias que buscam ajuda com profissionais da saúde e grupos de apoio. No entanto, muitas vezes, frente à dificuldade de acesso aos profissionais e aos grupos, as famílias encontram nas Redes Sociais alternativas para terem tais experiências.[121]

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

[121] MADEIRA, 2014, p. 118.

2 A PRESENÇA DA RELIGIOSIDADE E DA ESPIRITUALIDADE NAS CRIANÇAS COM TEA

Este capítulo reflete sobre a presença da religiosidade e da espiritualidade na vida das crianças com necessidades especial, sobretudo aquelas com TEA. Para tanto, aborda-se os conceitos de religiosidade, espiritualidade, a importância da dimensão do cuidado em relação à forma de vivência da espiritualidade e religiosidade dessas crianças. Entende-se que as crenças religiosas e espirituais podem ser estratégias satisfatórias no enfrentamento de patologias como o autismo, configurando-se como importante aspecto a ser considerado na área da saúde. Dessa forma, a identificação da prática de cuidados religiosos ou espirituais é importante no planejamento da assistência, tanto para os/as pacientes quanto para os/as cuidadores/as, para favorecer o enfrentamento da complexidade do processo de adoecimento e tratamento de TEA.

2.1 Interações entre religiosidade e espiritualidade

Antes de iniciar a abordagem acerca da religiosidade e da espiritualidade, é fundamental refletir sobre a área das Ciências das Religiões. João Décio Passos e Frank Usarski apresentam o objetivo de buscar legitimidade disciplinar para as Ciências das Religiões. Para tanto, os autores se baseiam em duas colunas, isto é: um pilar histórico e um pilar sistemático. Para eles, fatos e conceitos ajudam a aprofundar os desafios de aspectos hermenêuticos, epistemológicos, metodológicos e éticos em Ciências das Religiões.[122]

Além dessas discussões, os autores analisam os obstáculos epistemológicos e políticos institucionalizados nos aspectos culturais, religiosos e políticos no Brasil. Suas abordagens permitem expor objetos, métodos e teorias para essa ciência, articulando várias disciplinas e perfazendo o trajeto de nascimento e desenvolvimento das Ciências das Religiões. João Décio Passos e Frank Usarski apresentam a fundamentação epistemológica dessa área, e passam pelas abordagens da linguagem e abordagem social, culminando com as Ciências das Religiões Aplicadas.[123] Refletir, portanto, sobre a presença de religiosidade e a espiritualidade em crianças com TEA na escola está relacionada com o campo das Ciências das Religiões Aplicadas.

A espiritualidade promove a reflexão sobre si e o outro, buscando significados para além

[122] PASSOS, João D.; USARSKI, Frank. *Compêndio de Ciência da Religião.* São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 34.
[123] PASSOS; USARSKI, 2013, p. 35.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

do mundo material.[124] De acordo com Rose Murakami e Claudinei Campos, a espiritualidade representa uma busca existencial, não obrigatoriamente ligada a uma crença em algo maior, como "Deus", e a religiosidade pode ser entendida pelo conjunto de crenças e práticas ligadas a uma doutrina compartilhada por um grupo, envolvendo a noção de fé.[125]

Várias investigações mostram que a participação religiosa está relacionada aos efeitos benéficos para as pessoas que estão em recuperação de doenças físicas e mentais, inclusive a psicologia aborda questões especiais em detrimento das correlações positivas entre a convicção religiosa e a prática, envolvendo a saúde mental, física e espiritual. O que se observa é que diversos estudos têm demonstrado que a religiosidade e a espiritualidade são capazes de gerar um estado de calma e tranquilidade, melhorar a saúde física e mental, promover comportamentos e estilos de vida mais saudáveis, diminuindo o estresse e melhorando o relacionamento interpessoal.

Há evidências de que pessoas com espiritualidade bem desenvolvida tendem a adoecer menos, a ter hábitos de vida mais saudáveis e, quando adoecem, desenvolvem menos depressão e se recuperam mais rapidamente. Para muitas pessoas, a espiritualidade é uma fonte de conforto, bem-estar, segurança, significado, ideal e força. Nesse sentido, a espiritualidade proporciona crescimento nos vários campos do relacionamento: no campo intrapessoal – consigo próprio –, gerando esperança, altruísmo e idealismo, além de dar propósito para a vida e para o sofrimento; no campo interpessoal – com os outros –, gerando tolerância, unidade e o senso de pertencer a um grupo; no campo transpessoal – com um poder supremo –, despertando o amor incondicional, a adoração e a crença de não estar só. Tais atitudes podem mobilizar energias e iniciativas positivas, com potencial para melhorar a qualidade de vida da pessoa. Pessoas espiritualistas tendem a ser fisicamente mais saudáveis, têm estilos de vida mais benéficos e requerem menos assistência médica.

A religiosidade se diferencia da espiritualidade, porque envolve a busca do sentido para a vida e é acompanhada na crença em uma realidade superior. Ou seja, a religiosidade pressupõe uma relação do ser humano com Deus ou uma força transcendente.[126] Deve haver uma diferenciação entre religiosidade vivida na interioridade e religião, que é a sua matriz instituída. A literatura aponta a religiosidade e a espiritualidade como elementos fundamentais à

[124] MELO; SAMPAIO; SOUZA; PINTO, 2015, p. 447-465
[125] MURAKAMI, Rose; CAMPOS, Claudinei J. G. Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente. *Revista Brasileira de Enfermagem*, São Paulo, v. 65, n. 2, p. 361-367, 2012. p. 363.
[126] VALLE, J. E. R. Religião e espiritualidade: um olhar psicológico. *In:* AMATUZZI, M. M. (org.). *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 23.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

subjetividade humana, pois estão relacionadas com a construção de sentido.[127] Assim, as pesquisas pontuaram sobre a correlação positiva entre a saúde mental e a religiosidade e espiritualidade, sendo consideradas como importantes estratégias de *coping*, ao promover conforto, bem-estar, afeto positivo, satisfação de vida e resignação.[128]

Muitas vezes, a religiosidade e a espiritualidade costumam ser apresentadas como sinônimos, embora alguns autores as considerem constructos distintos. Mas, a religiosidade emerge como um fenômeno relacionado à busca de responder questões existenciais que conferem sentido à vida.[129] Segundo Emilio Silva, o preparo para a promoção desta convivência que a sociedade aceite e respeite as diferenças e a individualidade é uma tarefa necessária. Em relação ao contexto religioso, esse autor destaca que essa tendência de inclusão, iniciada na educação, necessita refletir na sociedade se estender às comunidades cristãs, independente de denominação, pois, é direito das pessoas, inclusive as com deficiência, o livre exercício de sua espiritualidade e religiosidade.[130] Apesar de não serem idênticas, complementam-se, pois, de maneira geral, pode-se dizer que a religião é um sistema de crenças, práticas, símbolos e estruturas sociais, por meio dos quais as pessoas vivem sua relação com o mundo do sagrado, podendo estar ou não relacionada à espiritualidade.[131]

Mariangela Almeida denomina a religião de religiosidade extrínseca e a define como um meio utilizado, por algumas pessoas, para obter outros fins que não vão ao encontro com uma força transcendente. Ou seja, a religiosidade extrínseca está associada aos comportamentos religiosos que visam benefícios exteriores, *status*, segurança e distração, em que as pessoas se voltam ao sagrado, mas sem desapegar-se do *self*.[132]

Há autistas que consideram a religiosidade e a espiritualidade como essenciais em seu aprimoramento pessoal e na contribuição para uma sociedade melhor. Nesta visão, a religião é aceita de modo superficial ou adaptada para atender as necessidades e os objetivos pessoais, tais como: consolo, sociabilidade, distração e *status*. Ela pode apresentar as seguintes características: aspecto coletivo e objetivo, etnocentrismo, exclusivismo e fechamento grupal, não se integrando ao cotidiano, de modo que a divindade é vista como dura e punitiva. A

[127] MELO; SAMPAIO; SOUZA; PINTO, 2015, p. 453.
[128] GOMES, Paulyane T. M; LIMA, Leonardo H. L.; BUENO, Mayza K. G.; ARAÚJO, Liubiana A.; SOUZA, Nathan M. Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, v. 91, n. 2, p. 111-121, 2015. p. 115.
[129] MELO; SAMPAIO; SOUZA; PINTO, 2015, p. 447-464
[130] SILVA, Emilio F. *Teologia da inclusão:* a trajetória das pessoas com deficiência na história do cristianismo. São Paulo: Figueira Digital, 2015. p. 23.
[131] VALLE, 2005, p. 25.
[132] ALMEIDA, Mariangela L.; MARTINS, Ines O. R. *Prática pedagógica inclusiva:* a diferença como possibilidade. Vitória: GM, 2009. p. 23.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

religiosidade subjetiva, que é vivida na interioridade, está ligada à experiência humana, dando sentido à vida, pois ela impulsiona ver o invisível, crer no que não pode ser constatado pela razão e pelos sentidos. Ela não é expressa em razão do que pode trazer de bom para a vida do ser humano, mas é essencialmente vivenciada como um modo de ver e compreender a existência no mundo.[133] Em resumo:

> [...] a religiosidade intrínseca, sendo a experiência pessoal de um valor supremo, de próprio direito é um sentimento que flui da vida como um todo, com suas motivações e seu sentido. Em contraste, a religiosidade extrínseca é estritamente de utilidade para o *self* enquanto lhe oferece garantia de segurança, posição social, consolação e endosso do caminho de ida que a pessoa escolheu.[134]

Com base nessas considerações, observa-se que a espiritualidade se apresenta como uma dimensão ontológica, pois ela está presente em todos os seres humanos e representa não só a busca pelo sentido da vida como também pode oferecer respostas para essas mesmas perguntas. Por isso, é possível compreendê-la como constitutiva da subjetividade humana, a religiosidade é escolhida pelo ser humano, seja para ser vivenciada na exterioridade ou na interioridade.

De acordo com Emilio Silva, a inclusão, do ponto de vista espiritual, pode ser resumida em amar as pessoas com deficiência de forma prática, praticando o amor ensinado por Deus, sem distinção ou discriminação.[135] As comunidades religiosas precisam facilitar a participação da pessoa com deficiência de forma irrestrita. Assim, a espiritualidade e a religiosidade podem destacar-se como importantes estratégias promotoras da inclusão. Nesse contexto, é de fundamental importância o conhecimento acerca das particularidades no desenvolvimento da criança com TEA, de modo geral e individual, para a implementação de ações que respeitem e potencializem as habilidades que cada uma delas possui, de modo a permitir que essas crianças, a despeito de suas dificuldades, exerçam sua espiritualidade.[136]

Sobre as adequações para viabilizar a inclusão de crianças com TEA, Helen Banks pontua que participar de uma cerimônia religiosa – missa ou culto – pode ser bastante aversivo em face dos estímulos ambientais, como um som alto e luzes fortes, por exemplo. Para possibilitar a participação da família, faz-se necessário que as crianças com TEA sejam acolhidas em um ambiente mais estruturado, com voluntários capacitados, que adaptem

---

[133] OLIVEIRA, Ebenézer A.; MARIN, Angela H.; PIRES, Fabio B.; FRIZZO, Giana B.; RAVANELLO, Tiago; ROSSATTO, Caroline. Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 1-11, 2002. p. 7.
[134] VALLE, J. E. R. E. *Experiência religiosa:* enfoque psicológico. São Paulo: Loyola, 1998. p. 94.
[135] SILVA, 2015, p. 57.
[136] CAMARGO; BOSA, 2009, p. 68.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

atividades, se necessário, utilizando recursos visuais, concretos e lúdicos. Destaca-se ainda que o vínculo e a previsibilidade também são fundamentais.[137]

No início do século XXI, o ser humano esteve diante de um desafio essencial: a retomada de uma dinâmica espiritual que tem traços específicos e que pode ser caracterizada como uma espiritualidade renovadora. Apesar do desencanto que marcou a modernidade, pode-se vislumbrar a presença diversificada de uma grande sede de espiritualidade que brota mesmo fora dos caminhos da religiosidade. Segundo Ana Oliveira, a religiosidade possui um duplo aspecto, a saber: sentido de religião, quando é expressa como exterioridade através de práticas devocionais, ritos, cumprimento de preceitos, celebrações e doutrinas; sentido de vivência na interioridade, ao impulsionar a visão do invisível, ao crer no que não pode ser constatado pela razão, uma força transcendente.[138]

A espiritualidade é descrita por Edênio Valle como essencialmente uma busca pessoal de sentido para o próprio existir e agir, porém, sem estar ligada a um ser ou força transcendente.[139] Geraldo Paiva considera essas dimensões como constitutivas do ser humano, pois elas fundamentam a sua cultura e o seu modo de estar no mundo.[140] Fabrícia Prado argumenta que a religiosidade está presente na vida do ser humano, desde os primórdios da civilização, e é caracterizada pelo modo sagrado como o ser humano primitivo se relacionava com a natureza até o sujeito contemporâneo, em busca do sentido que habita a sua realidade ontológica e social. As configurações dessa busca por um ser ou força transcendente mudaram através dos tempos, da mesma forma como mudam as necessidades e os questionamentos humanos, permitindo que este tema seja sempre presente.[141]

Em 1998, na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), foi criado o *Grupo de trabalho psicologia e religião*, que tinha como objetivo desenvolver estudos de natureza teórica e empírica, cujo objeto era a experiência religiosa. Um dos principais objetivos era criar um espaço para o tema nos programas de pós-graduação dos participantes do grupo de trabalho, por meio de projetos integrados de pesquisa, e cuidar da publicação, preferencialmente conjunta, dos estudos realizados. Entre os temas envolvidos em

[137] BANKS, Helen C. Transtorno do espectro autístico: um desafio ministerial. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 44, n. 02, p. 111-138, 2018. p. 116.
[138] OLIVEIRA, Ana L. R. *Os sentidos da religiosidade de idosos adeptos do catolicismo popular da região do triângulo mineiro*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. p. 48.
[139] VALLE, 2005, p. 94.
[140] PAIVA, Geraldo J. Algumas relações entre psicologia e religião. *Revista Psicologia da USP*, São Paulo, v.1, n. 1, p. 25-33, 1990. p. 27.
[141] PRADO, Fabrícia C. *O lugar de valores religiosos e a espiritualidade na terapia comportamental.* Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010. p. 63.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

muitos artigos concernentes à religiosidade, espiritualidade e psicologia podem ser encontrados superação de traumas, qualidade de vida, visão de mundo, resiliência, doação de sentido a existência, aderência a psicoterapia, entre outros.[142]

Apesar da relevância da espiritualidade e da religiosidade para constituição da subjetividade humana, enquanto promotoras de bem-estar, não obstante, da existência de amparo legal, as pessoas com necessidades especiais continuam sofrendo discriminação, o que dificulta seu pleno desenvolvimento e pode causar trazer prejuízos à saúde mental de toda a família.[143] Muitas famílias encontram-se sobrecarregadas, carecendo de acolhimento e suporte. Logo, ao pensar na função social das instituições religiosas, é premente o preparo e a estruturação para receber essas famílias. Os desafios enfrentados são muitos, e o caminho é longo, porque o tempo de adaptação das pessoas com TEA pode variar.[144]

Mesmo diante das pesquisas realizadas relacionando religiosidade, espiritualidade e psicologia, na clínica, os/as psicólogos/as, muitas vezes, apresentam dificuldades para abordar esses fenômenos. Isso tem a ver com alguns fatores, tais como: o modelo de graduação acadêmica, o eixo teórico em que baseia a sua atuação profissional e as crenças pessoais.[145] Em relação às dificuldades de comunicação entre o paciente e o psicólogo, em alguns casos, os pacientes têm uma interpretação espiritual sobre alguns comportamentos diferentes – influência de demônios ou outros espíritos –, e são diagnosticados como alterações de causa psicopatológica. Em outros casos, os pacientes podem receber esclarecimentos religiosos por parte do psicoterapeuta sobre determinados sofrimentos de causa psíquica, entre eles, os de natureza sexual.[146]

Outro ponto que dificulta o manejo religioso na clínica é o profissionalismo que o/a psicólogo/a deve ter para integrar as questões religiosas trazidas pelos/as pacientes à psicoterapia. De acordo com Julio Peres, Manoel Simão e Antonia Naseio, há dados que mostram que os/as pacientes são convertidos aos valores morais e religiosos dos/as psicólogos/as, revelando sérios problemas éticos, tais como: a redução de liberdade do paciente, a violação do contrato terapêutico, a falta de competência e a perda da neutralidade profissional.[147] Uma atitude mais acolhedora por parte dos/as profissionais para essas questões

[142] PERES, J. F. P. Psicoterapia: uma questão de fé. *Revista Psique: Ciência e Vida*, São Paulo, n. 28, p. 1-12, 2009. p. 1.
[143] MELO; SAMPAIO; SOUZA; PINTO, 2015, p. 458.
[144] BANKS, 2018, p. 129.
[145] AMATUZZI, M. M. *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 34.
[146] AMATUZZI, 2005, p. 34.
[147] PERES, Julio F. P.; SIMÃO, Manoel J. P.; NASEIO, Antonia G. Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 58-66, 2007. p. 62.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

religiosas, contribuiria na construção de uma clínica mais humana, sem discriminações ou preconceitos em relação às vivências desse domínio. É papel da clínica acolher a pessoa na sua dimensão bio-psico-sócio-espiritual, ajudando-a a elaborar suas experiências. Nesse caso, religiosidade e espiritualidade são fenômenos intrínsecos à esfera do humano.

Na pré-história, perante a imperativa natureza, os povos de várias etnias criaram, mental e materialmente, os "deuses naturais" para os protegerem das forças destruidoras do mundo.[148] A religião do ser humano primitivo não dependeu da revelação, mas do medo das forças da natureza. Desse modo, ele se tornou, gradativamente, religioso quando a natureza passou a ser personalizada, espiritualizada e, finalmente, deificada para a consciência humana. A religião do tipo primitivo foi, portanto, consequência biológica natural da inércia psicológica das mentes ainda em evolução.[149] Na Idade Média, observa-se uma intensa religiosidade. Este período pode ser compreendido como o período da *doutrina da providência*, em que se entendia que o governo de Deus a tudo proveria e contribuiria para felicidade e para o amadurecimento do ser humano – Idade da fé.

O período medieval estabeleceu a consolidação do cristianismo no interior de toda a Europa. A vida cotidiana estava impregnada por pequenos rituais católicos romanos, que demonstravam o grande poder da religião. As epidemias e as catástrofes eram geralmente atribuídas ao diabo, de modo que eram resolvidas por meio de exorcismos, sinais da cruz e outros simbolismos católicos romanos. O poder da igreja se diferenciava dos demais, uma vez que, além do território sob sua a jurisdição política, ela tinha o poder *espiritual* sobre quase todo o território europeu.[150]

Embora os termos espiritualidade e religiosidade sejam explorados, em alguns contextos, como sinônimos, nem sempre eles se relacionam, explica Ênio Pinto.[151] Para esse autor, há uma necessidade de separar essas terminologias, pois, em suas colocações, ele relata que a experiência espiritual pode não ter qualquer relação com um rito, dogma ou doutrina. Apesar de a religiosidade caracterizar-se como expressão de um modo do ser humano estar no mundo, sua relevância foi obscurecida no final no século XVIII quando surgiu, no Ocidente, um processo de racionalização motivado pelo impacto do pensamento Iluminista. O surgimento

[148] SILVA, P. M. *Saúde mental:* contribuições da espiritualidade. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Educação em Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, São Carlos, 2005. p. 11.
[149] SILVA, 2005, p. 39.
[150] FERNANDES, Paula T.; SOUZA, Elizabete A. P. Terapia comportamental na síndrome de asperger: um estudo exploratório. *Revista Temas em Desenvolvimento*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 19-33, 2000. p. 23.
[151] PINTO, Ênio B. Espiritualidade e religiosidade: articulações. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n. 1, p. 68-83, 2009. p. 71.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

de uma cosmovisão científica fez a humanidade acreditar que a capacidade criadora do ser humano se emancipou de Deus e, assim, seria possível promover um avanço maior e mais rápido.[152] Ou seja, a razão permitia conduzir a humanidade para a superação da incerteza e da ambivalência, libertando as pessoas das trevas da superstição, do obscurantismo e dos ditames da religião, sob a qual ela se entendia escravizada. Era a chegada da modernidade.[153]

O projeto moderno também está em crise, pois a razão, bússola da modernidade, não conduziu a humanidade para o bem-estar tão sonhado e prometido. Trata-se, ao contrário, de uma época de pessimismo em relação ao futuro, niilismo em relação ao presente, falta de valores e descrença em um sentido para a existência. Friedrich Nietzsche se tornou o tradutor do pensamento e sentimento dessa época. Ao mesmo tempo em que anunciava a morte de Deus, ele profetizava que a sua sombra continuaria a se projetar sobre o mundo e se pôr sobre a humanidade. Ou seja, parecia estar prevendo que o discurso da morte de Deus e da superação da metafísica não impediria que, num futuro próximo, a religião ressurgisse das cinzas.[154]

Na realidade, a razão moderna não conseguiu eliminar a experiência religiosa da vida das pessoas. Ao contrário do que se poderia esperar, a pós-modernidade permitiu uma inusitada expansão e diversificação de expressões religiosas e formas de religiosidade. O saldo da modernidade foi o rompimento com as instituições sociais e religiosas, ao lado do abandono da pessoa humana à sua própria consciência à mercê de sua liberdade.[155] Na pós-modernidade, assiste-se o ressurgimento da religião com toda força, não podendo afirmar, entretanto, a ressurreição daquela mesma religião dos períodos da providência ou da modernidade. Na verdade, a religião se articula na contemporaneidade em formas tão diversas e peculiares em comparação ao passado, ao ponto de parecer outro fenômeno.

As ciências humanas, principalmente a Psicologia, tem realizado uma grande quantidade de estudos e pesquisas – algumas serão descritas a seguir –, para compreender o que alguns chamam de *retorno do sagrado*, ou seja, o ser humano voltar-se, novamente, à transcendência, para a busca pelo sentido da vida atrelado ou não a uma crença numa força superior.[156] O projeto da modernidade levou a Psicologia a um esforço para tornar-se científica, ao eleger como objeto de estudo o comportamento humano e como método de trabalho experimental o psicodiagnóstico interventivo, valendo-se, principalmente, dos procedimentos

[152] GREUEL, S. *Religião e religiosidade na pós-modernidade*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008. p. 63.
[153] GREUEL, 2008, p. 78.
[154] GREUEL, 2008, p. 79.
[155] GREUEL, 2008, p. 79.
[156] GREUEL, 2008, p. 80.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

de observação e mensuração. Essa exigência afastou do campo de estudo dos/as psicólogos/as todos os fenômenos que não podiam ser objeto da abordagem experimental. Neste contexto cultural, as relações entre Psicologia e a religião tornaram-se tensas, dadas as dificuldades de se adequarem os estudos de temas de interesse comum às duas áreas ao único método de produção do conhecimento considerado científico, tanto do ponto de vista da Psicologia como da religião.

Por fim, convém dizer que, mesmo marcada pelo cientificismo, a Psicologia intencionou ser uma ciência do ser humano, e foi por ser uma ciência do ser humano que, ao fazer as adequações necessárias ao método científico, manteve o interesse pela religião, pois a religião é, por excelência, um fenômeno propriamente humano.[157] Diante dessas considerações, vale tratar sobre a importância da dimensão do cuidado como um modo de experienciar a espiritualidade. Isso será feito na próxima seção.

2.2 A importância da dimensão do cuidado como forma de vivência da espiritualidade

Segundo Claudete Ulrich, "o cuidado inclui duas significações básicas, intimamente ligadas entre si. A primeira, uma atitude de desvelo, solicitude, atenção para com uma outra pessoa. A segunda de preocupação de inquietação, porque a pessoa que é cuidada sente-se envolvida e afetivamente ligada à outra"[158]. A autora também afirma que "o cuidado é uma maneira ser e estar no mundo. Ser capaz de cuidar faz parte da própria sobrevivência humana. Sem cuidado, o ser humano não sobrevive"[159].

Atualmente, existem muitas iniciativas de desenvolvimento dos cuidados paliativos em nível global. No Brasil, esse movimento vem crescendo, porém, em menor intensidade. Assim, parte-se do pressuposto de que o conceito de cuidado como ação é insuficiente para uma compreensão teológica que dê conta das demandas que surgem do fato de se estar vivendo uma crise civilizacional marcada pela noção de descuido e descaso, virtualmente capaz de comprometer a construção da identidade humana, conforme afirma Leonardo Boff.[160]

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define os cuidados paliativos como uma abordagem que visa melhorar a qualidade de vida dos/as estudantes e de suas famílias, que

[157] PAIVA, Geraldo J. *Entre necessidade e desejo:* diálogos da psicologia com a religião. São Paulo: Loyola, 2001. p. 2.
[158] ULRICH, Claudete B. Práxis ética do cuidado e relações de gênero: alguns apontamentos para práticas emancipatórias. *In*: NOGUEIRA, Sandra V. (org.). *Educação popular, democracia e direitos humanos:* ensaios para uma pedagogia universitária interdisciplinar e transversal. Ijuí: Unijuí, 2015. p. 175.
[159] ULRICH, 2015, p. 175.
[160] BOFF, Leonardo. *Saber cuidar:* ética do humano, compaixão pela terra. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 18.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

enfrentam problemas decorrentes de uma doença incurável com prognóstico limitado e/ou doença grave que ameaça a vida, e suas famílias, através da prevenção e alívio do sofrimento, com recurso à identificação precoce, avaliação adequada e tratamento rigoroso dos problemas não só físicos, como a dor, mas, também, psicossociais e espirituais. No Brasil, essa definição também foi adotada.[161]

Ao considerar o ser humano como um ser integral e a dimensão espiritual como parte integrante do indivíduo, é fundamental pensar acerca de suas ações e modo de cuidar ou cuidar de si.[162] A espiritualidade refere-se, neste estudo, às questões que transcendem à vida cotidiana na busca por sentido e significado para o processo de viver e morrer, emergindo sentimentos genuínos, tais como: a compaixão, a solidariedade e o amor incondicional. O cuidado espiritual pode ser compreendido como respeito pelos/as pacientes em interações amigáveis e simpáticas, na partilha de rituais, de modo que funciona como potencializador do encontro da força interior por pacientes e profissionais.[163]

As pessoas que desenvolvem certos valores e práticas, tais como, a oração e a meditação, têm melhor qualidade de vida e respondem de maneira mais satisfatória quando submetidas a determinados tratamentos de saúde.[164] Em uma pesquisa realizada no Texas com cuidadores/as de pacientes com câncer avançado, houve relatos de que a espiritualidade ajudou a lidar com a doença e que, para a maioria dos/as participantes, a presença desses valores teve um impacto positivo sobre os sintomas de seu ente querido, melhorando, inclusive, os aspectos físicos e emocionais. Esses resultados demonstram a importância da avaliação e do apoio espiritual também para os/as cuidadores de pacientes com doenças avançadas.[165]

Neste contexto, o tema espiritualidade tem sido foco de atenção, em especial no pensamento de Viktor Frankl. Esse autor é fundador da Logoterapia, conhecida também como a Psicoterapia do sentido da vida, que representa a busca por sentido como a principal força motivadora no ser humano, inclusive no processo de terminalidade. Para o ser humano, o sofrimento é inerente, por isso, esse autor destaca a tríade trágica da existência: dor, culpa e

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[161] WHO [*Site* institucional]. [s.d.]. [*online*]. [n.p.].
[162] NASCIMENTO, Lucila C.; SANTOS, Tabatha F. M.; OLIVEIRA, Fabiane C. S.; PAN, Raquel; FLÓRIA-SANTOS Milena; ROCHA Semiramis M. M. Espiritualidade e religiosidade na perspectiva de enfermeiros. Texto *Revista Contexto Enferm.*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 52-60, 2013. p. 52-60.
[163] MAHMOODISHAN, Gholamreza; ALHANI, Fatemeh; AHMADI, Fazlollah; KAZEMNEJAD, Anoshivan. Iranian nurses' perception of spirituality and spiritual care: a qualitative content analysis study. *J. Med. Ethics Hist. Med.*, [s.l.], v. 3, n. 6, p. 2-8, 2010. p. 3.
[164] KOENIG, Harold G. *Medicina, religião e saúde:* o encontro da ciência e da espiritualidade. Porto Alegre: L&PM, 2012. p. 12.
[165] DELGADO-GUAY. Marvin O.; PARSONS, Henrique A.; HUI, David; LA CRUZ, Maxine G. D.; THORNEY, Steven; BRUERA, Eduardo. Religiosity, and spiritual pain among caregivers of patients with advanced cancer. *Am. J. Hosp. Palliat. Care*, [s.l.], v. 30, n. 5, p. 455-461, 2013. p. 457.

morte. Porém, independentemente do sofrimento, a liberdade da espiritualidade possibilita-lhes configurar o sentido de suas existências. A forma como a pessoa enfrenta o sofrimento faz toda a diferença, pois encontrar um sentido para tal é uma das formas de amenizá-lo. Viktor Frankl procurou dar uma interpretação humanística ao sofrimento, considerando que a pessoa doente não deve se tornar somente um ser passivo, mas ter, com a ajuda da equipe de saúde, uma atitude digna e motivada.[166]

Para Edênio Valle, a espiritualidade não se opõe ao material, ao corpóreo, ao mundano, ou seja, ela não rejeita ou nega a natureza e não tem nada a ver com a fuga do mundo. Na verdade, ela está encarnada na vida de cada pessoa e sua época, expressando "o sentido profundo do que se é e se vive de fato"[167]. Por siso, precisa de silêncio reflexivo e de contemplação, assumindo "o corpo e [permitindo] que o [ser humano] ultrapasse o nível biológico e emocional de suas vivências, mesmo das mais elevadas e sublimes"[168]. Embora a espiritualidade seja característica de todo ser humano, ela pode ser cultivada ou não. Uma das maneiras, mas, nem de longe a única maneira, através da qual a espiritualidade pode ser cultivada, é por intermédio da religião. Nesse sentido, a religião é posterior à espiritualidade e uma manifestação dela.[169]

A espiritualidade seria uma estrutura de contrapartida à religiosidade. Trata-se de um processo. A religiosidade fomenta uma experiência através de um conjunto de ações dogmáticos e doutrinadores. Assim, pode-se afirmar que só se vive a espiritualidade na religião através da comunhão benevolente com a religiosidade.[170] Embora a terminologia ainda não seja tão incisiva, a ponto de que muitos estudos ainda as utilize como sinônimos, como é o caso do estudo de Kristen Salkas,[171] Karine Pereira e Adriano Holanda[172] e Priscila Thiengo e colaboradores.[173] Todavia, já se tem a problematização desta questão de diferenciação de religiosidade e espiritualidade, desde o início dos estudos sobre religião. Ênio Pinto traz à luz

[166] OLIVEIRA, Valquiria; SILVEIRA, Heloisa H. R. Uma espiritualidade comunitária: caminho para o sentido da vida. *Revista Logos & Existência*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 170-190, 2014. p. 178.
[167] VALLE, Edênio R. Religião e espiritualidade*:* um olhar psicológico. *In*: AMATUZZI, Mauro M. (org.). *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 34.
[168] VALLE, 2005, p. 34.
[169] VALLE, 2005, p. 34.
[170] PINTO, 2009, p. 69.
[171] SALKAS, Kristen; MAGAÑA, Sandy; MARQUES, Isabela; MIRZA, Mansha. Spirituality in latino families of children with autismo spectrum disorder. *Journal of Family Social Work*, [s.l.], v.19, n.1, p. 38-55, 2016. p. 43.
[172] PEREIRA, Karine C. L.; HOLANDA, Adriano F. Religião e espiritualidade no curso de psicologia: revisão sistemática de estudos empíricos. *Revista Interação em Psicologia*, São Paulo, v.23, n. 2, p. 220-235, 2019. p. 227.
[173] THIENGO, Priscila C. S.; GOMES, Antonio M. T.; MERCÊS, Magno C.; COUTO, Pablo L. S.; FRANÇA, Luiz C. M.; SILVA, Alba N. Spirituality and religiosity in health care: na integrative review. *Cogitare Enfermagem*, [s.l.], v. 24, n. 1, p. 1-12, 2019. p. 7.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

toda a dialética sobre religião, espiritualidade e ciência no campo da saúde.[174]

Nesta pesquisa, o termo espiritualidade é empregado como um conceito divulgado no seio da cultura norte-americana, a partir dos anos de 1960, relacionando-se explicitamente com "a geração dos buscadores", movimento de orientação religiosa que não se identifica com nenhum culto instituído, mas ao potencial criativo e realizador do ser humano.[175] A espiritualidade é mais bem aceita no mundo acadêmico do que a religiosidade, e seu reconhecimento na área da saúde chega ao ponto de, no DSM-IV, de 1994, que é um manual para profissionais da área da saúde mental que lista diferentes categorias de transtornos mentais e critérios para diagnosticá-los, considerar tal aspecto inserindo a categoria "problemas religiosos ou espirituais" como uma categoria diagnóstica, como também o CID-10, que entrou em vigor a partir de 1 de janeiro de 1993, na rubrica F44.3, reconhece os estados de transe e possessão de espíritos.[176]

A espiritualidade não implica nenhuma ligação com uma realidade superior e independe do cultivo da religiosidade. Ela se manifesta na busca de valores profundos que regem o *self* humano. Ou seja, é o mergulho que as pessoas fazem em si mesmas. Nas palavras de Edênio Valle, a espiritualidade:

> [...] consiste essencialmente em uma busca pessoal de sentido para o próprio existir e agir. Acha-se por isso, unida à motivação profunda que nos faz crer, lutar e amar. Orienta-se para o porquê último da vida, mas sem fugir dos questionamentos e compromissos que a vida nos impõe, ajudando-nos a ter forças para nos comprometermos com eles.[177]

A espiritualidade se distingue da religiosidade não só pela definição, como também pela autonomia em relação à tradição, à autoridade e à motivação da busca pelo sentido da vida. Segundo Luigi Giussani, as perguntas pelo sentido da vida são feitas pelo ser humano desde a apropriação da racionalidade e do domínio verbal, elas estão enraizadas no âmago do ser e são, portanto inextirpáveis, posto que constituem a trama do nosso tecido existencial.[178] De acordo com Marina Massinie e Miguel Mafhoud:

> Emerge do cotidiano do homem comum perguntas que o remetem continuadamente sobre o sentido de tudo e que, ineliminâveis esperam uma resposta que seja totalizante, pedem contato com algo fundante da experiência de si, das coisas e do mundo.

[174] PINTO, 2009, p. 68.
[175] PAIVA, Geraldo J. A espiritualidade e os psicólogos. *In:* AMATUZZI, M. M. (org.) *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 34.
[176] PAIVA, 2005, p. 35.
[177] VALLE, 2005, p. 104.
[178] GIUSSANI, Luigi. *O senso religioso:* primeiro volume. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 31.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

> Portanto, ainda que inconfessavelmente, religiosos.[179]

O afã do ser humano que procura conhecer mais a respeito de si, buscando um significado para existir no mundo, é constitutivo, pois esta dimensão é que diferencia o ser humano dos outros entes, caracterizando sua humanidade. É assim que ocorre em todos os âmbitos da vida, mesmo que a pessoa não tenha consciência de si através de seus atos diários, afirmando a existência de uma intuição pelo qual vale a pena viver. Então, sempre que a pessoa, de um modo ou de outro, buscar o significado não só da vida, mas de todas as coisas, ou quando estiver empenhada na busca da justiça, da verdade, da beleza e da felicidade, é o sentido religioso que nela estará atuando que pode ser vivido em diferentes intensidades.[180] Para Geraldo Paiva:

> As indagações pelo sentido da vida sempre estiveram presentes no horizonte de qualquer ação. A religião como demonstra antropólogos, historiadores e fenomenólogos, tem-se apresentado historicamente como a resposta radical a essa indagação, e por isso o homem define-se como homo religiosus.[181]

Viktor Frankl fundamentou sua teoria na compreensão da existência humana através da busca de sentido da vida, em virtude da dimensão espiritual ou noética, que é especificamente humana. Para esse autor, a dimensão espiritual é constitutiva do ser humano. É ela quem possibilita a transcendência, pois a experiência humana, essencialmente, está orientada para além de si mesma, para algo ou alguém.[182] A dimensão espiritual é diferente da experiência religiosa, pois esta é apenas uma das suas manifestações. A busca pelo sentido da vida é um fator de proteção do ser humano, fator de saúde e de evitação de adoecimento, pois, para suportar o sofrimento, o ser humano precisa encontrar um sentido que o habilite localizar valores e motivação para continuar vivendo.[183]

Segundo Viktor Frankl, em nenhum momento o ser humano deixa a dimensão psicofísica, porém, a essência de sua existência está na dimensão espiritual que inclui o senso ético, senso estético, senso religioso, criatividade, intencionalidade, compreensão de valores, escolhas e tomada de decisões.[184] A dimensão noética é essencialmente a dimensão da vivência da liberdade e da responsabilidade. Responsabilidade, aqui, não deve ser confundida com

[179] MASSIMI, Marina; MAHFOUD, Miguel *Diante do mistério e senso religioso*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 11.
[180] OLIVEIRA, 2006, p. 67.
[181] PAIVA, 2001, p. 123.
[182] COELHO JÚNIOR, Achilles G.; MAHFOUD, Miguel. As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. *Revista Psicologia USP*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 95-103, 2001. p. 95.
[183] COELHO JÚNIOR; MAHFOUD, 2001, p. 96.
[184] COELHO JÚNIOR; MAHFOUD, 2001, p. 96.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

caráter moralista pelo qual o indivíduo se obriga a agir de acordo com as normas da sociedade, mas como a capacidade de responder pela liberdade de se posicionar diante das circunstâncias presentes, de modo único e irrepetível. Falar de existência, na dimensão espiritual, é falar sobretudo do "ser responsável" e do ser humano consciente de sua responsabilidade da liberdade de escolha diante de todas as circunstâncias da vida, o que faz com a dimensão espiritual não seja determinada, mas determinante da existência.[185]

Vale ressaltar que não é só nos momentos difíceis que esta afirmação do ser humano, através da liberdade e responsabilidade, encontra um sentido para a vida, mas, também, no trabalho em que se cria algo para alguém, assim como no amor como possibilidade de encontro, vivido na intersubjetividade. Viktor Frankl argumenta que é a vontade de sentido que move o ser humano, e não a vontade de prazer ou a vontade de poder. A dimensão do espírito é que possibilita a transcendência, isto é, estar aberto para uma realidade mais ampla e presente em si mesmo. Nas palavras do autor: "vejo o [ser humano] como um ser caracterizado pela autotranscedência, aberto ao mundo, voltado para o sentido da vida e tendido ao encontro com os outros seres humanos"[186].

Para os/as profissionais que atuam em cuidados paliativos por meio da espiritualidade, é possível atribuir significado ao cuidado quando as demais possibilidades de tratamento já foram esgotadas. Ela serve como subsídio para esta vida que teve uma origem e certamente terá um destino, possibilitando aos profissionais uma reflexão sobre sua própria vida, questionando seus valores e modificando suas atitudes. Na perspectiva oferecida pelos/as profissionais, através da espiritualidade, os/as pacientes, seus familiares e eles próprios encontram um sentido que atende à necessidade de encontrar algo para além da doença. Algo capaz de fortalecer o espírito, tanto para essa quanto para outra dimensão, servindo de apoio para elaborar o entendimento e a aceitação do processo de morte. Se a vida tem sentido como um todo, o sofrimento como parte da vida também o tem. Para Viktor Frankl, quando uma pessoa já não é capaz de mudar uma situação, ela é desafiada a mudar a si mesma.[187] Por isso, vale refletir sobre as crianças com TEA e sua dimensão religiosa e espiritual.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[185] COELHO JÚNIOR; MAHFOUD, 2001, p. 97.
[186] FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido:* um psicólogo no campo de concentração. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 58.
[187] FRANKL, 2014, p. 3.

2.3 Crianças com TEA com a sua dimensão com a religiosidade e espiritualidade

O TEA é um transtorno comportamental complexo que possui vários sintomas para serem descritos, que se referem à combinação de fatores genéticos e ambientais. Assim, o TEA acompanha o indivíduo em todo o seu processo evolutivo.[188] Toda a personalidade dessas crianças é determinada por uma extrema solidão e poucos contatos físicos diretos. Essa característica se relaciona à incapacidade de perceber ou de conceituar totalidades coerentes e à tendência de representar as realidades de forma fragmentária e parcial.[189]

O diagnóstico de TEA afeta não só o indivíduo que o recebe, mas, também, toda a família dele, pois o processo de enfrentamento desencadeia mudanças em toda dinâmica familiar. Diante disso, percebe-se a ocorrência de estresse e sobrecarga emocional nas famílias que convivem com pessoas com TEA, em virtude do tempo e da energia que são necessárias para dar conta da sobrecarga de cuidados exigida pela situação. A família é confrontada com uma situação nova e desconhecida, que exige reajustes e adaptações à nova realidade familiar.[190]

A prevalência de crianças diagnosticadas com TEA vêm crescendo em todo o mundo. Estatísticas recentes estimam que 1 em cada 50 crianças, em idade escolar, de seis a doze anos, são diagnosticadas com autismo nos Estados Unidos.[191] No Brasil, não existe uma estimativa epidemiológica oficial, mas o número de brasileiros/as afetados/as pelo TEA também vem aumentando, em parte pelo maior acesso às informações sobre o transtorno e às ferramentas de identificação precoce. O TEA é um TID que persiste por toda a vida e não possui cura nem causas claramente conhecidas.

O contato com a diversidade cultural das famílias, de ambientes, de mentalidades e de estruturas, aproximou a autora da pesquisa de diferentes experiências de sofrimento, assim como das tentativas de famílias de conviverem e superarem as dificuldades, as adaptações e as necessidades que as afetam. Portanto, busca-se aqui, promover uma reflexão e uma compreensão sobre as implicações do diagnóstico de TEA, considerando sua repercussão na

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[188] ZANON; BACKES; BOSA, 2014, p. 22.
[189] COLL, César. *Os conteúdos na reforma*: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 67.
[190] HERBES, Nilton E.; DALPRÁ, Liane R. Crianças com autismo, família e espiritualidade. *Revista Reflexus*¸ Vitória, a. IX, n. 15, p. 1-12, 2016. p. 1.
[191] BLUMBERG, Stephen J.; BRAMLETT, Matthew D.; KOGAN, Michael D.; SCHIEVE, Laura A.; JONES, Jessica R. Changes in prevalence of parente-reported autism spectrum disorder in school-aged U.S. children: 2007 to 2011-2012. *Natl. Health. Stat. Report.*, [s.l.], v. 20, n. 65, p. 1-11, 2013. p. 1.

seio da família, visando fortalecer as famílias para o enfrentamento do diagnóstico de TEA.[192]

Segundo Clifford Geertz, a cultura é a própria condição de existência dos seres humanos, produto das ações por um processo contínuo, através do qual, os indivíduos dão sentido à suas ações. Ela ocorre na mediação das relações dos indivíduos entre si, na produção de sentidos e significados.[193] Para esse autor, "a cultura é a mediação entre o poder e o objetivo de sua ação"[194], ou seja, trata-se de um conjunto se significados transmitidos historicamente e incorporados através de símbolos que se materializam em comportamentos. Assim, Clifford Geertz traz como objeto da etnografia uma hierarquia estratificada de estrutura significantes sem as quais os fatos não existiriam. Ele questiona também o que seria a cultura, porém, ele alega que se deve perguntar qual a sua importância. Cultura é uma realidade com força e propósitos em si mesma, de modo que ela consiste em um padrão bruto de acontecimentos comportamentais, que, de fato, observa-se em uma comunidade identificável.[195]

A despeito da dificuldade do estudo da etiologia do autismo, há consenso na comunidade médica de que há causas genéticas para sua condição. Há consenso, também, para dificuldade dos/as pesquisadores/as em relação à heterogeneidade dos envolvidos na etiologia do autismo, o que determinaria a responsabilidade de diferentes genes em diferentes famílias afetadas.[196] O termo autismo origina-se do grego *altos*, que significa *desse mesmo*. Ele foi "empregado pela primeira vez pelo médico psiquiatra suíço E. Bleuler, em 1911, que buscava descrever a fuga da realidade e o retraimento interior dos pacientes acometidos de esquizofrenia"[197]. De acordo com o Ministério da Saúde:

> No âmbito regulatório, existe a Diretriz de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA). Esta diretriz estabelece o cuidado às pessoas com deficiência temporária ou permanente; progressiva; regressiva ou estável; intermitente ou contínua. Serve de atenção para a Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro Autismo foi uma ação conjunta de profissionais, pesquisadores e especialistas, com experiência reconhecida em diversas profissões da saúde e pertencentes a Sociedades Científicas e Profissionais.[198]

Os comportamentos, as habilidades, as preferências, o funcionamento e as necessidades de aprendizagem são diferentes de criança para criança, e elas mudam ao longo do processo de

[192] DALPRÁ, Liane R. *Autismo e família:* construindo entendimentos. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdade EST, São Leopoldo, 2016. p. 56.
[193] GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 4.
[194] GEERTZ, 1989, p. 4.
[195] GEERTZ,1989, p. 4.
[196] BRISTOL, Marie; COHEN, Donald; COSTELLO, Jane E. State of the science in autism: report to the National institutes of health. *Journal of Autism and Development Disorders*, [s.l.], v. 26, n. 1, p. 121-154, 1996. p. 145.
[197] CUNHA, 2009, p. 20.
[198] MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014, p. 5.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

desenvolvimento. Em virtude da variação na severidade dos sintomas, o TEA representa um termo amplo que inclui, predominantemente, características diferentes de crianças com autismo clássico, síndrome de asperger e TID sem outra especificação.[199] O autismo é classificado pelo DSM-IV-TR, da APA, como um transtorno global do desenvolvimento, que se caracteriza pelo desenvolvimento acentuadamente atípico na interação social e na comunicação, bem como pela presença de um repertório marcadamente restrito de atividades e interesses.

Na visão de Eugênio Cunha, "o autismo compreende a observação de um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal: comprometimentos na comunicação, dificuldades na interação social e atividades restrito-repetitivas"[200]. Cerca de 65 a 90% dos casos estão associados à deficiência mental.[201] Essa incidência vem contra a noção estereotipada, derivada das descrições clássicas, de que crianças autistas possuem uma inteligência secreta e superior. Crianças com autismo de alto funcionamento – perfil cognitivo diferenciado em algumas das áreas de testes padronizados – representam apenas 30% dos casos diagnosticados.[202]

César Coll destaca o amplo conjunto de deficiências e alterações na comunicação e na linguagem das crianças autistas. Ele demonstra que a ausência de linguagem, em algumas crianças e seu uso estranho naquelas que a possuem, emerge como uma ferramenta para receber ou transmitir mensagens significativas. O autor aponta ainda para a ecolalia – tendência a repetir emissões ouvidas, em vez de criá-las espontaneamente –,a tendência a compreender as emissões de forma mais literal, a inversão de pronomes pessoais, a falta de atenção à linguagem, a aparência de surdez em algum momento do desenvolvimento e a falta de relevância das emissões.[203]

O DSM-V classifica o autismo com a nomenclatura TEA que, para o indivíduo ser assim identificado, precisará estar de acordo com os seguintes critérios:

> 1. Déficits clinicamente significativos e persistentes na comunicação social e nas interações sociais, manifestadas de todas as maneiras seguintes; 2. Déficits expressivos na comunicação não verbal e verbal usadas para interação social: Falta de reciprocidade social e incapacidade para desenvolver e manter relacionamentos de amizade apropriados para o estágio de desenvolvimento; 3. Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades, manifestados por pelo menos duas das maneiras abaixo: Comportamentos motores ou verbais estereotipados, ou comportamentos sensoriais incomuns; Excessiva adesão/aderência a rotinas e padrões ritualizados de comportamento; Interesses restritos, fixos e intensos; 4.Os sintomas devem estar presentes no início da infância, mas podem não se manifestar

[199] BRISTOL; COHEN; COSTELLO, 1996, p. 123.
[200] CUNHA, 2009, p. 20.
[201] GADIA; TUCHMAN; ROTTA, 2004, p. 18.
[202] BOSA, 2002, p. 23.
[203] COLL, 2004, p. 235.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

completamente até que as demandas sociais excedam o limite de suas capacidades.[204]

Do ponto de vista das famílias e dos/as educadores/as, o autismo representa um enorme desafio, principalmente porque, à primeira vista, é difícil de diagnosticar e avaliar o grau de comprometimento envolvido. Os portadores do TEA podem ser identificados através de seu comportamento que apresenta algumas características peculiares. As características e os sintomas aparecem na maioria dos casos entre 18 a 24 meses. Sua epidemiologia corresponde à aproximadamente a cinco casos em cada 10.000 nascimentos, obedecendo a uma proporção de dois a três homens para uma mulher.[205]

Os/as psicólogos/as que atuam com a abordagem da ABA devem fundamentar-se nos postulados behavioristas e funcionalistas de Watson e Carr, realizando um atendimento do/a paciente autista com o acompanhamento direto dos familiares.[206] Por conta dessa atuação, geralmente, investigam também como acontece o condicionamento clássico e operante, modelagem e mudança cognitiva. O autismo é uma condição que afeta as principais áreas do desenvolvimento, quais sejam: a interação social e a linguagem, além da ocorrência de comportamentos repetitivos e estereotipados. De acordo com Cleonice Bosa, o comportamento social de crianças com autismo, mais do que um isolamento proposital, parece decorrer, principalmente, do comprometimento na ausência de compreensão acerca do que se quer dela.[207]

Fernanda Chiote aponta que a inclusão da criança com autismo vai além de colocá-la em uma escola regular, em uma sala regular, mas é preciso proporcionar a essa criança aprendizagens significativas, investindo em suas potencialidades, construindo, assim, um sujeito como um ser que aprende, pensa, sente, participa de um grupo social e se desenvolve com ele e a partir dele, com toda sua singularidade.[208] Segundo Emilio Silva, é através da socialização que o indivíduo aprende as regras e os costumes da sociedade em que habita. Para as pessoas com autismo, uma característica é universal é a seguinte: o contato social sempre será comprometido, não porque a pessoa autista tem desinteresse em estabelecer relações com outras pessoas, mas, precisamente, porque não ela sabe e não aprendeu a interagir e construir vínculos com esse comprometimento. Essa é, de fato, uma das características do espectro.[209]

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[204] APA, 2002, p. 1.
[205] ASSUNÇÃO, Francisco B.; PIMENTEL, Ana C. M. Autismo infantil. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 37-40, 2000. p. 38.
[206] BOSA, 2002, p. 45.
[207] BOSA, 2002, p. 45.
[208] CHIOTE, Fernanda A. B. *Inclusão da criança com autismo na Educação Infantil:* trabalhando a mediação pedagógica. Rio de Janeiro: WAK, 2013. p. 21.
[209] SILVA, 2015, p. 53.

Apesar de existirem estudos comparativos de habilidades sociais entre crianças com diferentes necessidades especiais, no Brasil e em outros países, parece haver uma predominância de algumas poucas categorias de necessidades educacionais nas pesquisas realizadas.[210] Na área da Psicologia do desenvolvimento, a competência social é uma habilidade que emerge da experiência proporcionada por relações mais próximas e íntimas e constitui a base do desenvolvimento global da criança – cognitivo, emocional, linguagem, entre outros.[211]

Noah Sasson, Rachel Nowlin e Amy Pinkham demonstraram que déficits em habilidades associadas à cognição social – reconhecimento de emoções e teoria da mente, por exemplo – contribuem significativamente para a baixa competência social de indivíduos inseridos no espectro autista.[212] Por outro lado, o TEA é um TID que persiste por toda a vida e não possui cura nem causas claramente conhecidas. No entanto, sabe-se que intervenções e métodos educacionais, com base na ABA têm promovido uma variedade de habilidades sociais, acadêmicas, de comunicação e comportamentos adaptativos em indivíduos com TEA.

O TEA é caracterizado por alterações qualitativas nas habilidades de interação social, dificuldades de comunicação e o engajamento em comportamentos repetitivos e estereotipados. O TEA pode afetar crianças de qualquer raça ou cultura e a expressão dos sintomas pode variar de leve a severo através dessas três áreas fundamentais.[213] Sabe-se que intervenções e métodos educacionais com base na Psicologia comportamental têm demonstrado reduzir os sintomas do TEA, e ajudam a promover uma variedade de habilidades sociais, de comunicação e comportamentos adaptativos. Esse é o método empregado pela ABA.[214]

Percebe-se que a família é a única referência aceitável pelas crianças autistas. Desde o início, há uma extrema solidão autista, algo que, na medida do possível, desconsidera, ignora ou impede a entrada de tudo o que chega à criança de fora. O contato físico direto e os movimentos ou os ruídos que ameaçam romper a solidão são tratados como se não estivessem ali, ou, não bastasse isso, são sentidos dolorosamente como uma interferência penosa. Entende-se, portanto, que o transtorno fundamental dos autistas é a limitação de suas relações sociais.[215]

A fé numa crença auxilia na aceitação por parte da família, do/a filha com autismo.[216]

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[210] SILVA, 2015, p. 53.
[211] HARTUP, Willard W. Social relationships and their developmental significance. *American Psychologist*, [s.l.], v. 44, n. 2, p. 120-126, 1989. p. 123.
[212] SASSON, Noah; NOWLIN, Rachel B.; PINKHAM, Amy E. Social cognition, social skill, and the broad autism phenotype. *Journal Autism*, [s.l.], v. 17, n. 6, p. 655-667, 2012. p. 658.
[213] BERTOGLIO, Kiah; HENDREN, Robert L. New development in autism. *Psychiatr. Clin. North Am.*, [s.l.], v. 32, n. 1, p. 1-14, 2009. p. 3-4.
[214] VISMARA, L. A.; COLOMBI, C.; ROGERS, S. J. Can one hour per week of terapy lead to lasting changes in young children with autism? *Journal Autism*, [s.l.], v. 13, n. 1, p. 93-115, 2009. p. 96.
[215] COLL, 2004, p. 235.
[216] SALKAS; MAGAÑA; MARQUES; MIRZA, 2016, p. 44.

Contudo, quando a religiosidade é exacerbada e sobressai a espiritualidade, a ideologia pode tornar os familiares negligentes. A doutrina e o dogma podem levar a contestação dos meios científicos, endossando meios místicos para uma possível cura, prejudicando, possivelmente, a criança com autismo em seu desenvolvimento. Por outro lado, segundo Husni Fithri, há um número significativo de crianças com TEA nos Estados Unidos que colocam a espiritualidade como um fator positivo na melhora da qualidade de vida de crianças com necessidades especiais.[217] Ulrich afirma que

> O cuidado e a espiritualidade necessitam ser ensinados e aprendidos, considerando que se vive em contextos plurais e interculturais. Existem diferentes formas de cuidar e de viver a espiritualidade, e uma não é mais importante do que outra. A abertura à experiência do/a outro/a que possibilita a interação didático-pedagógica do aprender na diversidade e na pluralidade. Isso significa que é necessário abrir-se às diferentes experiências culturais e religiosas que apresentam nos diferentes espaços educativos.[218]

A escola, especialmente, a sala de aula é um espaço plural e intercultural, necessitando, portanto, ser inclusivo de todas as crianças e adolescentes. Portanto, a melhora em detrimento dos cuidados com a criança se estende na escola, refletindo, de maneira positiva, no desenvolvimento dos/as estudantes.[219] No próximo capítulo, apresenta-se a análise do estudo de caso realizado na UMEF Gil Bernardes, em Vila Velha-ES.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

[217] FITHRI, 2011, p. 1787.
[218] ULRICH, Claudete Beise. Educar para a práxis do cuidado e da espiritualidade: perspectivas para a construção do bem-viver. In: FOERSTE, Erineu (Org.). *Culturas, parcerias e Educação do Campo*. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2020. p. 388.
[219] SULLIVAN; ARAMINI, 2019, p. 18.

3 ESTUDO DE CASO NA UMEF GIL BERNARDES EM VILA VELHA-ES

O objetivo deste capítulo consiste na apresentação e análise do estudo de caso realizado na UMEF Gil Bernardes, localizada em Vila Velha-ES. Para tanto, apresenta-se a metodologia aplicada, as dificuldades e os ricos, os resultados e sua discussão, demonstrando os sujeitos da pesquisa, que são os/as professores/as e as famílias de estudantes com TEA. O estudo de caso empreendido se desenvolveu através de questionários de entrevistas, coleta de dados na instituição de ensino pesquisada, que fazem parte do universo do assunto em questão. Posteriormente, executou-se a tabulação e análise dos dados para a elaboração do relatório final. A coleta de dados foi feita nas seguintes etapas: localização da escola, compreendendo a visitação ao local e aos/às professores/as; seleção aleatória mediante acordo com as pessoas que aceitaram conceder entrevistas no interior da escola; aplicação dos questionários entre os/as professores/as e as famílias selecionadas; tabulação e análise dos resultados obtidos.

3.1 Metodologia

O interesse inicial pela temática se relaciona com a atuação profissional da autora desta pesquisa, que atua como professora de Educação Especial. Como já dito na introdução, esse interesse se intensificou quando ela recebeu o diagnóstico de autismo de dois de seus três filhos. O processo de aceitação do diagnóstico dos filhos ao lado da necessidade de adaptação com a rotina intensa ocorreu de forma lenta, mesmo a autora estando inserida profissionalmente nesse contexto. A autora é especialista na área e trabalha com diversas crianças que se enquadram no TEA. O conhecimento de que as pessoas que se enquadram no TEA sentem e percebem o mundo de forma diferenciada e o processo doloroso de aceitação do diagnóstico a levou a questionar a influência da espiritualidade na melhoria do processo ensino-aprendizagem de crianças com TEA nas escolas públicas brasileiras.

Por isso, o objeto de estudo envolve estudantes público-alvo da Educação Especial matriculados/as da UMEF Gil Bernardes, os/as professores/as e as famílias desses/as estudantes, no intuito de verificar se a espiritualidade ajuda nesse processo. A prática pedagógica dentro da unidade de ensino pesquisada tem como objetivo atender a diversidade e a inclusão dos/as estudantes público-alvo da Educação Especial. Entretanto, essa prática também perpassa a realidade de todos os agentes inseridos na rotina da unidade escolar. Mas, para que ela exista de forma eficaz, é necessário que toda a comunidade escolar tenha um olhar para a Educação Inclusiva. Por essa razão, vale ressaltar que o/a profissional da Educação

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

Especial pode atuar tanto como professor/a de SEM ou professor/a colaborativo/a.

Na SRM, os/as estudantes têm uma matricula no contraturno, de modo que a sala é preparada com matérias concretos, recursos tecnológicos, jogos, HQs, vídeos, filmes, desenhos e informações visuais para complementar e/ou suplementar o aprendizado dos/as estudantes, que são atendidos preferencialmente de forma individualizada. Todavia, atuando como professor/a colaborativo/a, a prática inclui adaptações e técnicas diferenciadas para que os/as estudantes consigam fixar os conteúdos ministrados. Além disso, faz-se necessário um planejamento junto com os/as professores/as regentes ou de área, de modo que esse planejamento envolve parcerias com os demais docentes para garantir a aprendizagem dos/as estudantes. Esse processo inclui uma organização de horários para acompanhar o/a estudante dentro da sala de aula regular.

É possível afirmar que a prática pedagógica vai além da didática e perpassa pela acolhida dos/as estudantes e seus responsáveis e pela parceria com docentes, a fim de orientá-los e auxiliá-los nas adaptações necessárias, para que, assim, tenha-se a garantia de que o processo ensino-aprendizagem seja inclusivo e respeite as barreiras existentes. Ao abordar o contexto metodológico e educacional, é importante dizer que a rotina para crianças com TEA é fundamental para que elas consigam se organizar no espaço e no tempo e, com isso, consigam aprender. Daniele Lopes e Luiz Pavelacki ressaltam que, além das técnicas que devem ser utilizadas em sala, a rotina diária é muito importante na educação do autista, e ela não deve ser alterada, pois qualquer mudança pode refletir no comportamento da criança.[220]

De acordo com Carla Gikovate, para haver realmente uma inclusão escolar da criança com autismo, é importante levar em consideração qual a necessidade dela. A partir disso, deve-se fazer as adaptações na sala de aula. Dessa forma, é importante que o autista se sinta próximo do/a professor/a, e que esse/a professor/a peça para a turma cuidados com barulhos ou sons específicos, muitas vezes, irritantes para o autista, de modo que a criança tenha acesso a dicas do que acontecerá no dia a dia através de informação visual.[221]

Diante deste cenário, esta pesquisa optou pela utilização da pesquisa bibliografia e pesquisa de campo. Em relação à pesquisa bibliográfica, segundo Eva Lakatos e Marina Marconi, toda bibliografia tornada pública em relação ao tema de estudo pode ser consultada. Isso envolve publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias,

[220] LOPES, Daniele C.; PAVELACKI, Luiz F. Técnicas utilizadas na educação de autistas. *In*: PRÁTICAS INCLUSIVAS [*Site* institucional]. 20 mar. 2005. [*online*]. p. 3.
[221] GIKOVATE, Carla G. *Autismo*: compreendendo para melhor incluir. Rio de Janeiro: [s.n.], 2009. p. 15.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

teses, material cartográfico, dentre outros.[222] Quanto à pesquisa bibliográfica, de acordo com Sylvia Vergara:

> A pesquisa bibliográfica é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revista, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral. Fornece instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa, mas também pode esgotar-se em si mesma.[223]

Em relação à pesquisa de campo, Segundo Antonio Gil, procede-se a solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado, para, em seguida, mediante análise quantitativa, obter as conclusões correspondentes aos dados coletados.[224] Nas palavras de Antonio Gil:

> Na maioria dos levantamentos, não são pesquisados todos os integrantes da população estudada. Antes seleciona-se, mediante procedimentos estatísticos, uma amostra significativa de todo o universo, que é tomada como objeto de investigação. As conclusões obtidas a partir desta amostra são projetadas para a totalidade do universo, levando em consideração a margem de erro, que é obtida mediante cálculos estatísticos.[225]

No caso desta pesquisa, empreendeu-se um estudo de caso com o objetivo de verificar como ocorre a influência da espiritualidade no processo ensino-aprendizagem de crianças que se enquadram no TEA, no contexto da UMEF Gil Bernardes, em Vila Velha-ES.

3.1.1 Área de Estudo

A área de estudo compreende a UMEF Gil Bernardes. A escola oferece toda a estrutura necessária para o conforto e desenvolvimento educacional dos/as estudantes, por exemplo: *internet*, banda larga, biblioteca, laboratório de informática, sala de professores/as, SRM e alimentação. A Umef Gil Bernardes se localiza no seguinte endereço: Avenida Itororó, S/N, Alvorada, Vila Velha-ES.

No que diz respeito ao estudoa de caso realizado nesta escola, empreendeu-se uma pesquisa junto aos/às professores/as dos divesos componentes curriculares e às famílias dos/as estudantes público-alvo da Educação Especial matriculados/as na escola. Cabe, agora, apresentar os sujeitos da pesquisa.

---

[222] LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina A. *Metodologia cientifica.* 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001. p. 27.
[223] VERGARA, Sylvia C. *Projeto e relatórios e pesquisa em administração*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004. p. 48.
[224] GIL, Antonio C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 55.
[225] GIL, 2008, p. 55.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

3.1.2 Sujeitos da pesquisa

O estudo foi embasado na Lei n. 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA, conhecida como Lei Berenice Piana, que completou, em dezembro de 2022, 10 anos de vigência.

A pesquisa selecionou como sujeitos os/as professores dos diversos componentes curriculares da escola Gil Bernardes localizada em Vila Velha e as famílias dos/as estudantes com TEA. A intenção era entrevistar os/as professores/as da escola e as famílias dos/as estudantes com TEA. Por isso, descreve, na sequência, como se deu a coleta de dados para a pesquisa.

3.1.3 Coleta de dados

A pesquisa se desenvolveu através de questionários de entrevistas, coletando dados na instituição de ensino pesquisada, que fez parte do universo do assunto em questão. Posteriormente, executou-se a tabulação e análise dos dados para a efetiva elaboração do relatório final.

A coleta de dados foi feita em três etapas, a saber: localização das escolas e visitação ao local e aos/às professores/as; seleção aleatória, mediante acordo com os/as que aceitaram conceder entrevistas; e aplicação de questionários entre os/as professores/as selecionados/as. Depois disso, empreendeu-se a tabulação e análise dos resultados, como será descrito mais adiante.

Trata-se de uma pesquisa estatística baseada em dados coletados a partir de um questionário aplicado para os/as profissionais da educação da UMEF Gil Bernardes e para as famílias de estudantes com TEA. Essa estatística contribuirá através de seus resultados gráficos e tabelas para reflexão a respeito do perfil do/a professor/a dos diversos componentes curriculares e sua visão diante da inclusão de estudantes especiais nas aulas.

3.2 Resultados e discussão

Nesta seção, apresenta-se os resultados e a discussão deles a partir das entrevistas realizadas com os/as professores/as e com as famílias dos/as estudantes com TEA, no contexto da UMEF Gil Bernardes, em Vila Velha-ES.

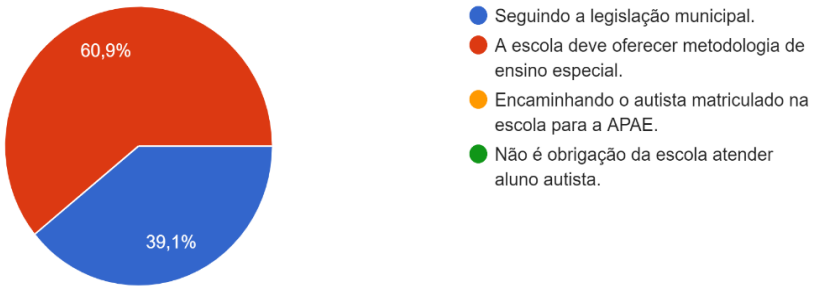
Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

3.2.1 Entrevista com os/as professores/as

Este trabalho trata da questão dos diversos componentes curriculares como suporte para Rede de Apoio Familiar como mediadora no desenvolvimento de crianças com TEA. Para tanto, o estudo primou por realizar, inicialmente, uma compreensão a respeito da metodologia, elencando como sujeitos os/as professores da UMEF Gil Bernardes e as famílias de estudantes com TEA. A entrevista foi realizada com os/as professores/as da escola, e com as famílias dos/as estudantes com TEA.

A intenção foi verificar a visão dos/as professores/as sobre como adequar os diversos componentes curriculares às formas de aprendizagem de pessoas autistas no Município de Vila Velha-ES. Seguem os resultados encontrados. Observe o gráfico abaixo:

Gráfico 1. Como a escola pode garantir a inclusão de estudantes com autismo?[226]



O gráfico acima revela que a maioria das pessoas acredita que a chave para garantir a inclusão de estudantes com autismo na escola reside na implementação de uma metodologia de ensino especializada: 61,9% das respostas expressaram essa opinião. Além disso, 38,1% dos/as participantes enfatizaram a importância de seguir a legislação municipal para assegurar a inclusão, enquanto ninguém concorda com a ideia de encaminhar estudantes autistas para a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), ou que não é obrigação da escola atendê-los/as. Destaca-se o consenso em torno da importância da adaptação educacional e do cumprimento das obrigações legais para criar um ambiente inclusivo nas escolas, rejeitando as alternativas que afastam os/as estudantes autistas do sistema educacional regular.

A escola, enquanto instrumento de inclusão social, contribui para a reflexão acerca do convívio com as diferenças. Assim, a inclusão, segundo Maria Mantoan "possibilita aos que são discriminados pelas suas diferenças, pela classe social, pela cor e por outros condicionantes,

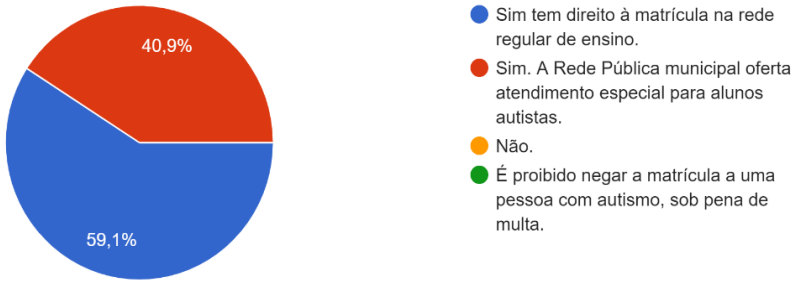
[226] Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

o direito à ocupação do seu espaço na sociedade"[227]. Por isso, a realidade educacional tem exigido cada vez mais novas posturas que, pautadas nas concepções sociais, postulem o abandono das práticas e estereótipos que na atual conjuntura sejam empecilhos a promoção dos direitos inclusivos.

Agora, veja o segundo gráfico:

Gráfico 2. Em relação à escola, quem tem autismo consegue estudar?[228]



No Gráfico acima, em relação à escola, quem tem autismo consegue estudar. Mas, percebeu-se que 59,1% dos/as entrevistados/as responderam que tem direito à matrícula na rede regular de ensino, ao passo que outros 40,9% afirmaram que a rede pública municipal oferta atendimento especial para estudantes autistas.

De acordo com Urie Bronfenbrenner, é preciso reforçar os estudos que salientam a influência de Redes de Apoio afetiva na produção de estratégias eficazes em situações de crise. A eficácia da rede se expressa por respostas com significativa redução de sintomas psicopatológicos, tais como: a depressão e o sentimento de desamparo. Na ausência desta rede, pode-se verificar o aumento da vulnerabilidade das pessoas frente a uma situação de risco.[229]

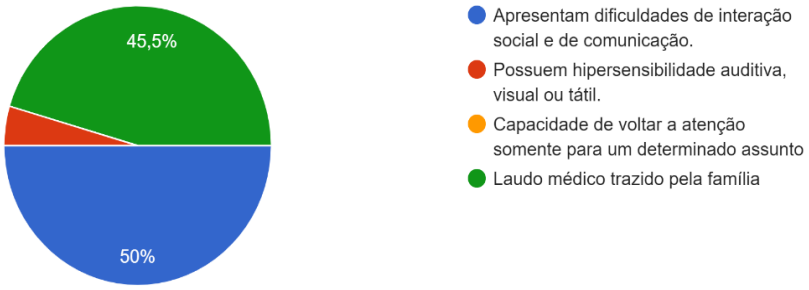
Aqui, observa-se que a necessidade de apoio ao autista pode ser mais relevante em determinadas circunstâncias e períodos específicos da vida, como em situações de doenças crônicas, perdas, traumas, durante as importantes transições ecológicas e na terceira idade. Essas condições podem caracterizar-se como risco, dependendo das circunstâncias associadas às percepções e crenças individuais construídas nos diferentes universos culturais, aos quais as pessoas e grupos pertencem.[230]

Agora, observe o próximo gráfico:

[227] MANTOAN, 2011, p. 31.
[228] Elaboração própria, dados inéditos, 2024.
[229] BRONFENBRENNER, 1996, p. 43.
[230] JULIANO; YUNES, 2014, p. 135-154.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

Gráfico 3. Como identificar o autismo na sala de aula?[231]



O Gráfico acima exibe que 50% dos/as entrevistados/as, ao serem questionados sobre como identificar o autismo na escola, responderam que eles/as apresentam dificuldades de interação social e de comunicação. Outros 45,5% disseram que isso ocorre através do laudo médico trazido pela família.

Observa-se, com esses resultados, é que essa inclusão deve ser feita pelo/a professor/a, pois, para ocorrer uma inclusão satisfatória no âmbito escolar, deve-se desenvolver uma reflexão entre professores/as e estudantes com necessidades especiais. Assim, o desenvolvimento de uma educação inclusiva sugere grandes mudanças organizacionais e funcionais em diferentes níveis do sistema educativo, ou seja, mudanças na articulação dos diferentes agentes educativos, na gestão da sala de aula e do currículo, bem como mudanças do próprio processo de ensino-aprendizagem. Mas, pode também se originar resistências e medos, que inibam a ocorrência dessas mudanças.[232]

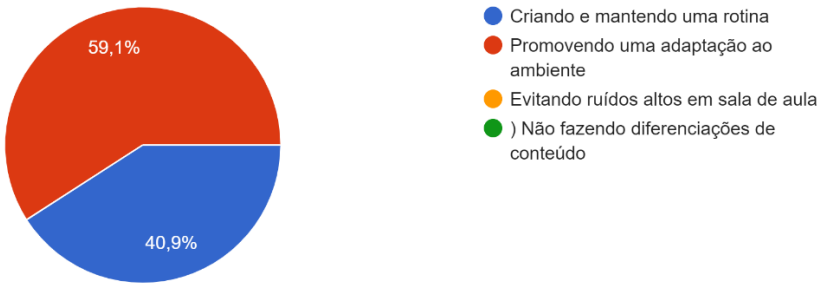
Na escola, a inclusão pressupõe que todos/as, sem exceções, devem participar da vida escolar. Ou seja, deve ser desenvolvido um trabalho pedagógico que sirva para todos os/as estudantes indiscriminadamente. As aulas devem ser bem-organizadas para que os/as estudantes com necessidades especiais se sintam bem recebidos/as, mas, para que isso ocorra, os/as professores/as têm que se aprimorar, cada vez mais, para receber e saber fazer um trabalho de qualidade.

Cabe, agora, analisar o quarto gráfico. Veja:

[231] Elaboração própria, dados inéditos, 2024.
[232] FULLAN, Michael. The new meaning of educational change. 3. ed. London: Routledge Falmer, 2001. p. 11.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

Gráfico 4. Como os professores podem ajudar na inclusão dos estudantes com autismo em sala de aula?[233]



Ao questionar como os/as professores/as podem ajudar na inclusão dos/as estudantes com autismo em sala de aula, verificou-se que 59,1% disseram que isso pode acontecer com a promoção de uma adaptação ao ambiente, ao passo que 40,9% consideram que é preciso criar e manter uma rotina. Tal estudo vai ao encontro das dificuldades existentes nas escolas localizadas em bairros onde vivem famílias em condição de vulnerabilidade social, o que leva a crer que crianças que se desenvolvem em um ambiente que não se encontra em vulnerabilidade não apresentam tantos problemas quanto as que vivem em ambientes conturbados.

A falta de acesso às informações associada à desvalorização da educação, aos problemas econômicos e culturais, às drogas e criminalidade, entre tantas outras dificuldades, pode contribuir para que as famílias de estudantes autistas se tornem um fator de risco para o desenvolvimento e, consequentemente, para o desempenho escolar da criança autista.[234]

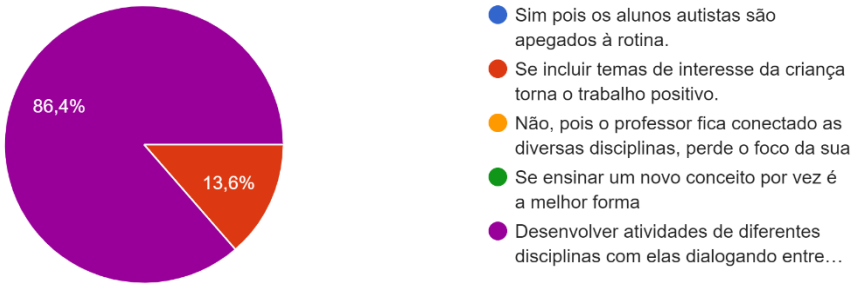
A inclusão de estudantes com necessidades especiais nas escolas não é uma conquista fácil, mas, faz-se possível e necessária, pois, para que esta se torne realidade, o sistema educacional deve se reestruturar e deixar transparente que não são os/as portadores/as de necessidades especiais educativas devem se transformar para se integrar a escola, e sim a escola deve se adaptar para recebê-los/as.

Passa-se, agora, para a análise do quinto gráfico:

[233] Elaboração própria, dados inéditos, 2024.
[234] FERREIRA, Marlene C. T.; MARTURANO, Edna M. Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 35-44, 2002. p. 39.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

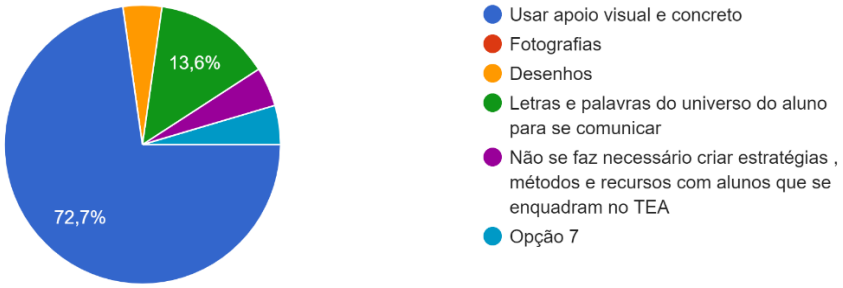
Gráfico 5. O trabalho transcomponentes é a melhor forma de ensinar os/as estudantes com autismo?[235]



No gráfico acima, questionou-se se o trabalho transcomponente é a melhor forma de ensinar estudantes com autismo. Na fala dos/as professores/as, 86,4% acreditam que é importante desenvolver atividades de diferentes componentes curriculares com eles/as, dialogando entre si. Mas, 13,6% afirmaram que se incluir temas de interesse da criança torna o trabalho positivo. A inclusão escolar é antes de ser ideológica uma análise da realidade. Nesse momento, ela passa a ser polêmica, uma vez que faz parte do contexto de implementação e formulação das diretrizes e políticas públicas.

Para Mel Ainscow, a inclusão é a transformação do sistema educacional, de forma a encontrar meios de alcançar níveis que não estavam sendo contemplados. Assim, cabe destacar que a educação inclusiva não se limita à aceitação da matrícula dos/as estudantes com deficiência na escola, numa turma regular, como garantia de espaço de convivência para o desenvolvimento de suas potencialidades e de sua socialização.[236] Agora, observe o próximo gráfico:

Gráfico 6. Quais são os métodos, recursos e estratégias utilizadas pela equipe de professores com os estudantes com TEA?[237]



[235] Elaboração própria, dados inéditos, 2024.
[236] AINSCOW, Mel. The next step for special education: supporting the development of inclusive pratices. *British Journal of Special Education*, [s.l.], v. 27, n. 2, p. 76-80, 2010. p. 98.
[237] Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

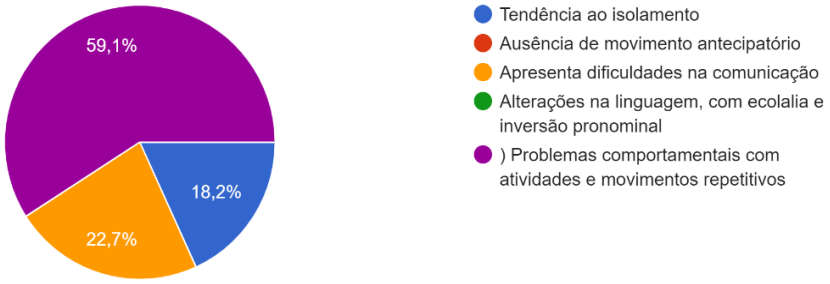
O gráfico acima questionou quais são os métodos, recursos e estratégias utilizadas pela equipe de professores/as com os/as estudantes com TEA. Observou-se na fala dos/as entrevistados o seguinte: para 72,7%, é importante usar apoio visual e concreto; 13,6%, por outro lado, acreditam que se deve aderir ao uso de letras e palavras do universo do/a estudante para se comunicar.

Verifica-se que a inclusão, enquanto processo, nunca tem fim, e implica muito mais que as matrículas dos/as estudantes nas escolas. Ela é percebida como um movimento pedagógico, contínuo no sistema de ensino.[238] Incluir não é somente garantir o acesso dos/as estudantes com TEA ao ensino regular. A matrícula e o direito a ela não proporcionam o aprendizado, nem o atendimento das necessidades características de cada um, além de sua permanência na escola. A verdadeira inclusão dá atenção às especificidades do ser e todo seu desenvolvimento.

Conforme Mel Ainscow, para ser eficaz, a inclusão deve ser parte de um movimento pautado na participação, na construção dos conhecimentos dos/as estudantes e na presença deles/as na escola.[239] A autora parte do princípio de que a presença dos/as estudante no seio escolar mostra a necessidade clara da participação, da socialização entre eles/as e da aprendizagem. Para a autora, a garantia da participação não está voltada apenas para a presença do/a estudante no contexto, mas, também, para as propostas e para os estímulos dos/as profissionais bem como dos/as colegas, além das adaptações curriculares, as condições de acesso que possibilitem o atendimento das necessidades reais dos indivíduos. Portanto, para que os conhecimentos sejam construídos, a inclusão deve ser a meta escolar.

É importante observar, na sequência, o sétimo gráfico. Veja:

Gráfico 7. Enquanto professor, quais as características do autista você percebe em sala de aula?[240]



O gráfico acima questionou aos/às professores/as quais as características do/a

[238] FERREIRA; MATURANO, 2002, p. 37.
[239] AINSCOW, 2010, p. 98.
[240] Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

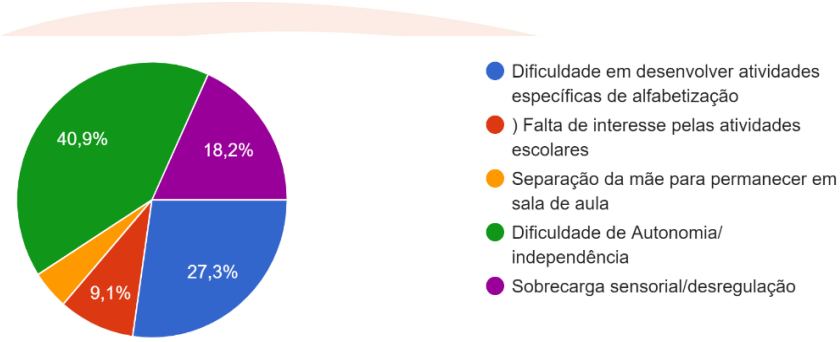
Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

estudante autista eles/as percebem em sala de aula. As respostas mostraram o seguinte: 59,1% indicaram problemas comportamentais com atividades e movimentos repetitivos; 22,7% disseram apresentar dificuldades na comunicação; e 18,2% tendência ao isolamento.

Em um contexto de aprendizagem, a autorregulação é definida como um exercício no qual o/a estudante avalia, estrutura e monitora o próprio aprendizado. Relaciona-se com o processo que envolve a ativação e a manutenção das cognições, motivações, comportamentos e afetos dos/as estudantes, planejados e ajustados, com a finalidade de alcançar seus objetivos.[241]

Cabe mencionar que a autorregulação é a capacidade que o indivíduo possui para autogerir pensamentos, sentimentos e ações planejadas e adaptadas para metas e objetivos pessoais, o que favorece a melhor qualidade de vida, saúde e adaptação.[242] Passa-se, neste momento, para a análise do oitavo gráfico:

Gráfico 8. Quais as dificuldades enquanto professor em trabalhar com TEA?[243]



O gráfico acima questionou aos/às professores sobre quais as dificuldades em trabalhar com estudantes com TEA. As respostas mostraram que 40,9% têm dificuldade de autonomia e independência; 27,3% dificuldade em desenvolver atividades especificas de alfabetização; 18,2% sobrecarga sensorial e desregulação; e 9,1% falta de interesse pelas atividades escolares.

Nesse ponto, é importante frisar que os laços sociais são importantes para melhoria do aprendizado do/a estudante autista, devido ao suporte que proporcionam em momentos de necessidade, permitindo enfrentamento e superação de momentos de crise. Os seres humanos são “desenhados” para serem sociais e manterem relações que, por sua vez, também são influenciadas por seus aspectos biológicos. Tais aspectos constitucionais associados aos

[241] SCHUNK, Dale H. Self efficacity and academic motivation. *Educational Psychologist*, [s.l.], v. 26, n. 3, p. 207-231, 1991. p. 213.
[242] POLETTO, Michele; KOLLER, Silvia H. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 405-416, 2008. p. 417.
[243] Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

ambientais podem, portanto, ser protetores e promotores de resiliência.[244]

A partir da exposição legal e da formulação de estratégias para implementar a ação e extensão das políticas na perspectiva inclusiva, cabe, então, analisar a extensão delas no discurso educativo e nos documentos legais, nos números e matrículas na rede de ensino. Marlene Ferreira e Edna Maturano analisam o debate que envolve a inclusão como polêmica e crítica, uma vez que a discussão em sua volta não é puramente ideológica ou política, mas, também, enfatiza a análise real das diretrizes das políticas públicas e os efeitos que surgem a partir da tentativa real de sua implementação social.[245]

Segundo Mel Ainscow, a inclusão consiste num processo em que existe a transformação do sistema educacional, visando a busca de diferentes níveis outrora não contemplados. Nesse sentido, a educação verdadeiramente inclusiva não é aquela em que o/a estudante apenas é matriculado no meio escolar, nas chamadas salas regulares, e sim a formação de um espaço de convivência que possibilite o desenvolvimento das potencialidades que ele/a apresenta e a socialização com o ambiente.[246] Observa-se, agora, o próximo gráfico:

Gráfico 9. Como incluir estudantes com autismo nas aulas transcomponentes?[247]



O gráfico acima perguntou aos/às professores como incluir estudantes com autismo nas aulas transcomponentes. As respostas evidenciaram que: 45,5% priorizam o diálogo entre os diversos campos do saber, buscando em conjunto alcançar a percepção e cognição; 31,8% tirar proveito das habilidades e dos principais interesses do/a estudante autista; 18,2% procuram criar uma relação de confiança com os/as estudantes.

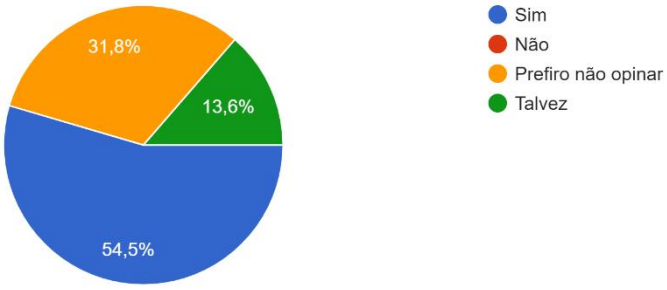
Pensar numa proposta de educação para pessoas com deficiência intelectual é um grande desafio contemporâneo, apesar dos avanços já obtidos na prática pedagógica e das formalidades legais que os aplaudem. Contudo, há de se repensar essa atitude, quando se pretender trabalhar com estudantes cuja tarefa diária vai ser confrontada com a problemática da afetividade, da aceitação na classe regular, da postura da família, dentre muitos outros quesitos inerentes a essa

[244] YUNES, 2003, p. 81.
[245] FERREIRA; MATURANO, 2002, p. 37.
[246] AINSCOW, 2010, p. 23.
[247] Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

postura da escola, dos/as educadores/as e de toda a comunidade que acata a decisão da educação inclusiva. Luciana Marques acentua que: "a educação não pode ignorar os estudos sobre o funcionamento cognitivo das pessoas com deficiência mental, nem as possibilidades de solicitação das mesmas dentro de um ambiente cognitivo adequado para seu desenvolvimento"[248]. Veja o décimo gráfico:

Gráfico 10. Você acredita que a espiritualidade conectada ao cuidado pode influenciar positivamente no ensino do discente com TEA?[249]



No gráfico acima, ao perguntar se os/as professores/as acreditam que a espiritualidade conectada ao cuidado pode influenciar positivamente no ensino dos/as estudantes com TEA, verificou-se que: 54,5% acredita que sim; 31,8% preferiu não opinar; e 13,6% relatou que talvez isso possa acontecer.

O que se percebe é que a relação religião e escola é um processo que envolve o autoconhecimento, a autorreflexão, o controle de pensamentos e o domínio emocional, além de uma mudança comportamental por parte dos/as estudantes. Os/as estudantes com habilidades de autorregulação apresentam comportamentos, crenças pessoais, emoções, orientações motivacionais e formas de se relacionar que favorecem um aprendizado de maior qualidade, ou seja, com maior domínio do conteúdo e rendimento acadêmico.[250]

O construto da autorregulação da aprendizagem pode auxiliar na compreensão de diferenças individuais, não só por destacar o papel ativo dos/as estudantes, mas porque considera o papel determinante do meio. O/a estudante autista, como um ser participativo em sua aprendizagem, deve desenvolver processos cognitivos, metacognitivos e motivacionais, sendo essencial que, ao longo da aprendizagem, assume efetivamente um papel ativo, com o

[248] MARQUES, Luciana P. *O professor de alunos com deficiência mental:* concepções e práticas pedagógicas. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. p. 53.
[249] Elaboração própria, dados inéditos, 2024.
[250] GANDA, Danielle R.; BORUCHOVITCH, Evely. A autorregulação da aprendizagem: principais conceitos e modelos teóricos. *Psicologia da Educação*, São Paulo, v. 46, p. 71-80, 2018. p. 76.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

auxílio de toda a rede de apoio social envolvida em seu contexto.[251]

Sendo assim, a inclusão é percebida como um processo contínuo no seio do sistema de ensino, promovendo, em virtude dessa característica, uma mudança constante no desenvolvimento organizacional e pedagógico do/a estudante. Em contrapartida, é preciso acontecer a valorização do/a estudante e um trabalho que considere as especificidades do desenvolvimento dele. Mel Ainscow acredita que a inclusão escolar, para ser real, deve considerar a presença, a participação e a construção do conhecimento dos/as estudantes.[252]

Ao propor que a política inclusiva esteja acessível a todos/as, atendendo às necessidades dos/as estudantes diante de uma ampla diversidade, é importante que se promova a igualdade de oportunidades no que diz respeito ao reconhecimento de que todos/as estudantes são politicamente iguais e que sejam organizadas novas situações de ensino-aprendizagem. Finalizada a pesquisa em relação à visão dos/as professores/as sobre o autismo, percebeu-se que, de acordo com um estudo realizado por Marlene Ferreira e Edna Marturano, crianças com problemas comportamentais são alvo de agressão física por parte dos familiares, possuindo um relacionamento familiar conflituoso e distante, além disso, são as que mais recebem suspensão na escola.[253] Isso será demonstrado na próxima subseção.

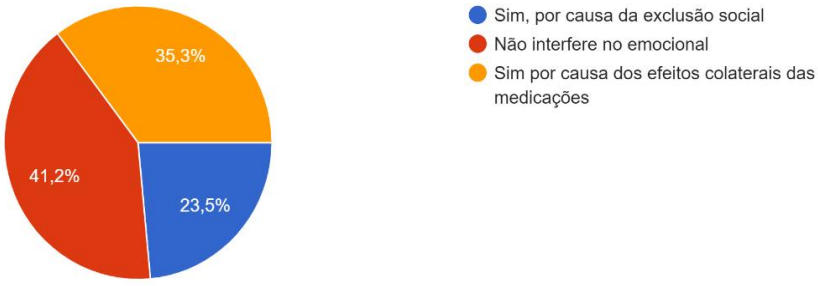
Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

3.2.2 Entrevista com as famílias

A seguir, apresentam-se os resultados da entrevista realizada com as famílias dos/as estudantes autistas na UMEF Gil Bernardes, em Vila Velha-ES. Veja o gráfico abaixo:

Gráfico 11. O seu filho tem tendência para depressão e ansiedade?[254]



No gráfico acima, ao questionar sobre a tendência para depressão e ansiedade das

[251] SIMÃO, Ana M.V.; FRISON, Lourdes M. B. Autorregulação da aprendizagem: abordagens teóricas e desafios para as práticas em contextos educativos. *Cadernos de Educação*, Pelotas, v. 45, p. 2-20, 2013. p. 14.
[252] AINSCOW, 2010, p. 78.
[253] FERREIRA; MARTURANO, 2002, p. 35-44.
[254] Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

crianças com TEA, as respostas dos familiares mostraram que: 41,2% disseram que o autismo não interfere no emocional; 35,3% afirmaram que sim, por causa dos efeitos colaterais das medicações; 23,5% afirmaram que sim, por causa da exclusão social.

Para evitar a depressão e a ansiedade, geralmente, é no contexto familiar que a criança autista aprende a lidar com eventos estressores e superá-los de forma saudável. Para Froma Walsh, o que distingue uma família de outra não é a ausência de problemas, mas a maneira como ela enfrenta essas dificuldades e sua competência para resolvê-las. As crises, inclusive, podem estimular o sistema familiar a desenvolver habilidades e recursos.[255]

Quando as famílias conseguem superar o conflito inicial de terem um filho sindrômico e se empenham no processo de educação e inclusão social dele, respeitando suas diferenças, com certeza, elas poderão contribuir com a escola no momento de agir inclusivamente: uma criança com NEE bem aceita e inclusa na família, obviamente, estará mais apta aos desafios de um programa de educação inclusiva da escola. Ou seja: "sabe-se que esta questão envolverá demandas especiais da parte dos outros componentes da família, principalmente dos pais, mas é também um trabalho educativo, a busca de parceria, conscientização e apoio dos entes queridos"[256].

Em situações de dor e desamparo, muitas pessoas, sobretudo aquelas que se encontram desesperançadas, tendem a buscar refúgio numa força transcendente, ou seja, nos momentos em que ocorre a perda das referências e o surgimento do sentimento de insegurança, a preocupação com questões voltadas à espiritualidade tende a renovar a busca pelo sentido da vida. Por isso, os/as professores servem como o suporte espiritual que auxilia nesta ajuda. Já foi dito anteriormente, que o ser humano é um ser bio-psico-espiritual, de modo que a espiritualidade "é considerada uma das dimensões do ser humano que vai além da dimensão religiosa ou o do supranatural"[257].

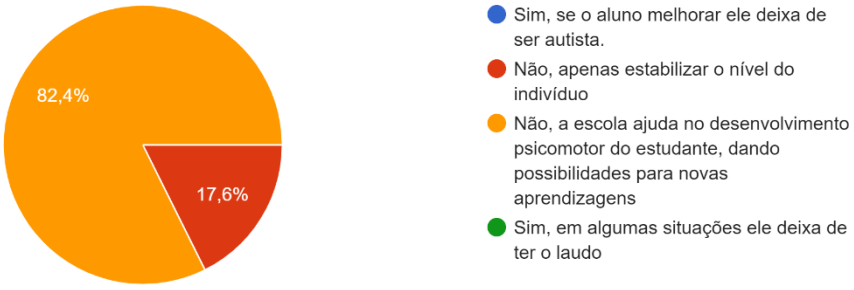
Observe o próximo gráfico:

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[255] WALSH, Froma. *Fortalecendo a resiliência familiar*. São Paulo: Roca, 2005. p. 49.
[256] RODRIGUES, 2006, p. 191.
[257] FRANKL, Viktor. *Psicoterapia e sentido da vida*. 4. ed. São Paulo: Quadrante, 2003. p. 38.

Gráfico 12. Você acredita que é possível reverter o autismo com o direcionamento dos professores na escola?[258]



No gráfico acima, perguntou-se se a família acredita que é possível reverter o autismo com o direcionamento dos/as professores na escola. As respostas mostraram que: 82,4% disseram que não, a escola ajuda no desenvolvimento psicomotor do/a estudante, dando possibilidades para novas aprendizagens; 17,6% afirmaram que não, apenas estabiliza o nível do indivíduo.

Segundo John Bowlby, uma rede de apoio social e afetiva eficiente é fundamental para dar suporte ao autista e, ao mesmo tempo, ela está associada à prevenção de violência e ao fortalecimento de competências, bem como do senso de pertencimento e da maior qualidade dos relacionamentos.[259] Por isso, é essencial que o/a professor/a possibilite no ambiente escolar novas formas de aprendizagem para que os/as estudantes alcancem as metas escolares.

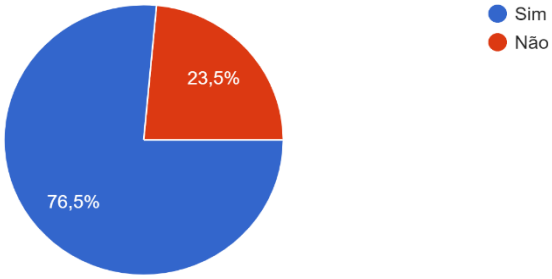
Todavia, igualmente, é importante considerar que a flexibilização das práticas educativas seja feita também a partir do planejamento escolar, possibilitando o atendimento das diferenças em sala de aula. Não se trata de apenas se estabelecer metodologias e estratégias, e sim em ter atenção às abordagens diferenciadas que tendem a gerar desigualdades extremas para o processo de aprendizagem dos/as estudantes.[260]

Veja o gráfico a seguir:

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

[258] Elaboração própria, dados inéditos, 2024.
[259] BOWLBY, John. *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 39.
[260] RODRIGUES, 2006, p. 23.

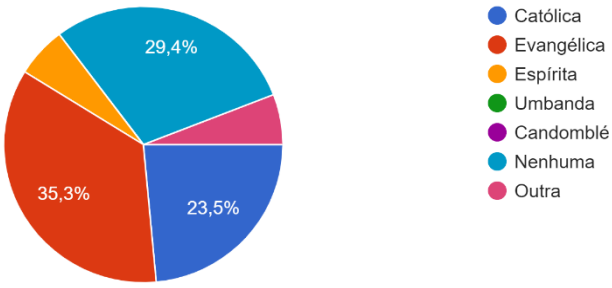
Gráfico 13. A família participa de alguma religião?[261]



No gráfico acima, perguntou-se se a família participa de alguma religião. As respostas mostraram que: 76,5% disseram que sim; e 23,5% afirmaram que não. Observa-se que a religião é importante para as famílias. Assim, com efeito, o fenômeno religioso objetivamente concebido e definido realmente tem todos os distintivos característicos do fato social: é objetivo, exterior às consciências individuais e parcialmente independente delas, resulta da pluralidade de relações, exerce uma coerção sobre os indivíduos.

Na verdade, os fatos sociais têm uma realidade objetiva e um caráter específico em virtude da sua vida própria. Max Horkheimer afirma que o laicismo não significa a imposição de uma orientação antirreligiosa ao ensino e à sociedade, mas, define-se pela tolerância, pela aceitação, pelo respeito ao outro, diferente e, ao mesmo tempo, igual, deveres e direitos.[262] Veja o próximo gráfico:

Gráfico 14. De qual religião a família participa?[263]



O gráfico acima questionou sobre qual religião a família participa. As respostas mostraram que: 35,3% são evangélicos; 29,4% de nenhuma religião; 23,5% católicos romanos. Aqui, observa-se um fato curioso, isto é, a vida social dá nascimento a um conjunto

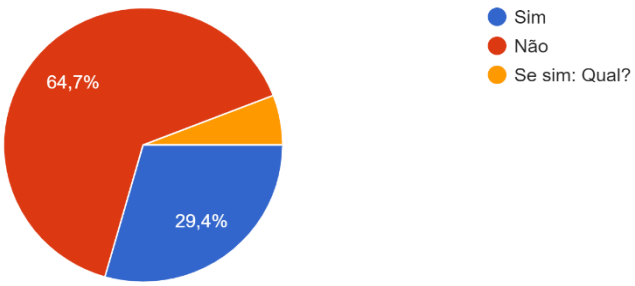
[261] Elaboração própria, dados inéditos, 2024.
[262] HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão.* São Paulo: Centauro, 2002. p. 196.
[263] Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

de realidades que se substituem por si mesmas, independentemente de seus autores: este é o caso dos monumentos, das obras de arte, da cultura da terra, dos produtos industriais.[264] O ser humano, porém, em cada etapa da sua peregrinação terrena, é cercado de um ambiente, de uma coletividade que se impõe com a constância de sua existência: os indivíduos passam, a coletividade fica, os nascimentos e as mortes modificam constantemente o ambiente. Mesmo assim, o ser humano particular tem a impressão de que a sociedade não muda, é a mesma que encontrou ao nascer e que deixa ao morrer.[265]

Em sua área de conhecimento, o/a professor/a de Ensino Religioso difere da ministração de "aulas de religião", da catequese, da escola bíblica ou ainda de qualquer modelo de doutrinação, pois não pressupõe a adesão e muito menos o proselitismo ou a propagação de uma determinada crença religiosa. Sua especificidade é a decodificação ou análise das manifestações do sagrado, possibilitando aos/às estudantes o conhecimento e a compreensão do fenômeno religioso como fato cultural e social, bem como uma visão global de mundo e de pessoa, promovendo, assim, o respeito às diferenças no convívio social. Observe, na sequência, o próximo gráfico:

Gráfico 15. Na participação da religião, seu filho atua em algum rito ou escola dominical desta religião?[266]



O gráfico acima perguntou às famílias se os/as estudantes têm participado da religião, e se eles/as atuam em algum rito ou escola dominical desta religião. As respostas mostraram que: 64,7% afirmaram que não participam de nada; 29,4% disseram que sim, que os filhos participam.

Percebe-se que o Ensino Religioso deve ser inclusivo na escola para todos/as os/as estudantes, independentemente do tipo de necessidade, porque as escolas oferecerem uma

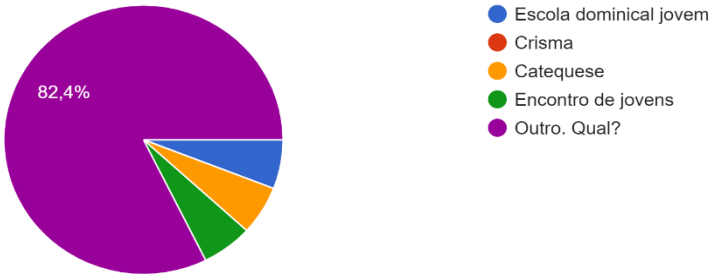
[264] CANCLINI, Nestor G. *Culturas híbridas:* estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2007. p. 48.
[265] DURKHEIM, Émile. *As Formas elementares da vida religiosa.* São Paulo: Paulinas, 1989. p. 119.
[266] Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

infraestrutura melhor para esse público bem como os/as professores/as são capacitados/as para ministrar essas aulas adaptadas. O fato é que os/as estudantes com deficiência não são bem assistidos adequadamente nas salas de aulas do Ensino Religioso, não ocorrendo a inclusão e a sucessiva participação desse público nas aulas.[267]

Veja o gráfico subsequente:

Gráfico 16. De qual rito ou escola dominical participa na igreja?[268]



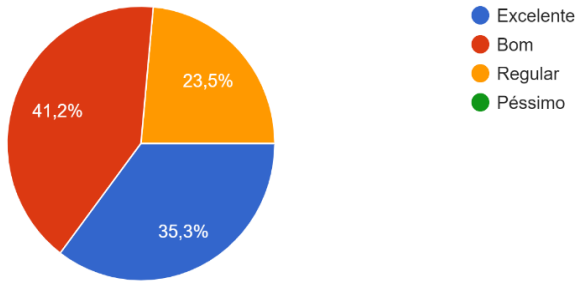
O gráfico acima perguntou aos familiares de qual rito ou escola dominical participa nas igrejas. As respostas mostraram que 82,4% dos entrevistados disseram ser outro não mencionando na entrevista. Diante dessas respostas, percebeu-se que a valorização dos componentes curriculares nas escolas está atrelada ao encaminhamento pedagógico que é dado pelos/as professores/as em sala de aula. A educação no Brasil é compreendida como um direito de todos/as e dever do Estado e da família em colaboração com a sociedade, caracterizada pela igualdade de condições e o respeito à pluralidade de ideias, valorizando o patrimônio cultural.

O ensino deve ser inclusivo na escola para todos/as os/as estudantes, independentemente do tipo de necessidade, pois, como já dito, as escolas oferecerem uma infraestrutura melhor para esse público bem como os/as professores estão mais preparados/as para ministrar essas aulas adaptadas. O fato é que os/as estudantes com deficiência não são bem assistidos nas salas de aulas de Ensino, não ocorrendo a inclusão e a sucessiva participação desse público nas aulas.[269] Veja o gráfico a seguir:

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

[267] RODRIGUES, 2006, p. 23.
[268] Elaboração própria, dados inéditos, 2024.
[269] CANCLINI, 2007, p. 48.

Gráfico 17. Como é o relacionamento do filho com os demais membros da igreja?[270]



No gráfico acima, quando perguntado sobre como é o relacionamento dos/as filhos/as com os demais membros da igreja, obteve-se as seguintes respostas: 41,2% bom; 35,3% excelente; e 23,5% regular.

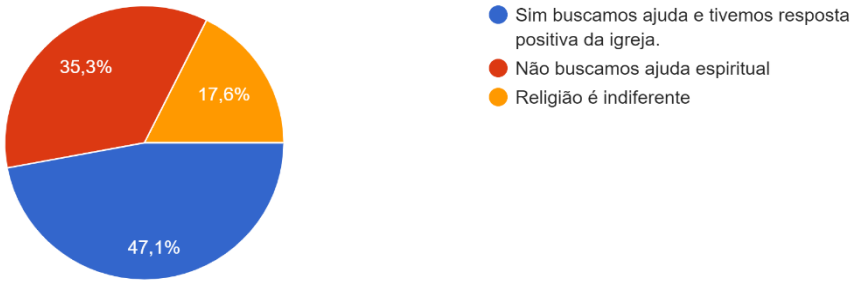
Nota-se que o ensino dos diversos componentes curriculares tornam-se fortes componentes na formação básica dos/as estudantes, com os conteúdos e seus pressupostos didáticos, possibilitando aos estudantes com TEA a possibilidade de superação de suas contradições nas respostas isoladas e darem coerência à sua concepção de mundo. O conhecimento religioso[271], ao mesmo tempo em que valoriza o pluralismo e a diversidade cultural que está latente na sociedade brasileira, facilita e subsidia os/as estudantes em seu profundo questionamento existencial para que eles/as encontrem as suas respostas bem fundamentadas.

A escola, ao oferecer em sua formação básica o conhecimento religioso, contribui para que os/as estudantes se tornem cidadãos e cidadãs crítico-reflexivos/as, capacitados/as à superação do eu pessoal, abrindo para alteridade e para responsabilidade na vida social. Para Viktor Frankl existe uma fé inconsciente e um "inconsciente transcendental", que não se limita apenas à dimensão de religiosidade, mas, também, à dimensão intelectual ou artística, consideradas forças primárias e dinamizadoras desse mesmo inconsciente, ou seja, a origem da consciência se encontra no transcendente.[272]

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

[270] Elaboração própria, dados inéditos, 2024.
[271] BRASIL, 2018. p. 435. "Em função dos promulgados ideais de democracia, inclusão social e educação integral, vários setores da sociedade civil passaram a reivindicar a abordagem do conhecimento religioso e o reconhecimento da diversidade religiosa no âmbito dos currículos escolares."
[272] FRANKL, 2003, p. 38.

Gráfico 18. Em algum momento, vocês buscaram ajuda espiritual e tiveram resposta?[273]



O gráfico acima questionou junto às famílias se, em algum momento, buscaram ajuda espiritual e se tiveram resposta. As respostas mostraram que: 47,1% disseram que sim, buscamos ajuda e tivemos resposta positiva da igreja; 35,3% afirmaram que não buscou ajuda espiritual; e para 17,6% religião é indiferente.

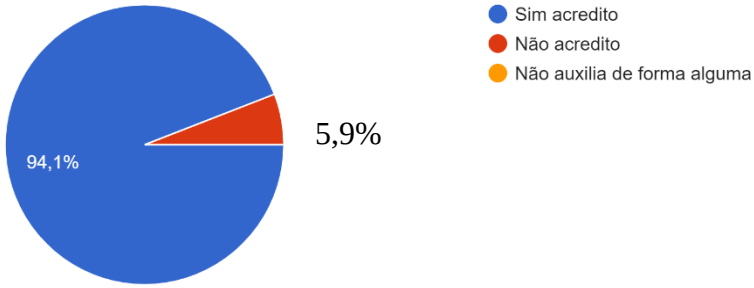
Percebe-se, aqui, que o apoio familiar se associa às relações estabelecidas ao longo da vida e que possuem influência significativa na constituição da personalidade e do desenvolvimento, sendo considerada um dos aspectos determinantes para a resiliência. Sendo assim, caracteriza-se como um "conjunto de sistemas e de pessoas significativas, que compõem os elos de relacionamento recebidos e percebidos do indivíduo"[274]. A espiritualidade se apresenta não como solução do problema, e sim como uma modalidade de ajuda para o enfrentamento de adversidades, amenizando a dor e o sofrimento, diminuindo a ansiedade e a depressão.[275]

O ensino dos diversos componentes juntamente com Ensino Religioso, ao fazer uma interação com a escola inclusiva, permite que os/as estudantes descubram um mundo com mais cuidado e espiritualidade, demonstrando a preocupação com valores e preceitos morais. Não é apenas a presença física, é a pertença à escola e ao grupo, de tal maneira que a criança/o jovem sente que pertence à escola e a escola sente responsabilidade pelo seu/sua estudante (a), não é uma parte do todo, faz parte do todo, é parte integrante. O impacto da inclusão educacional tende a anular as antigas frases de eliminação, exclusão, segregação institucional e integração escolar, considerando o papel dos contextos no crescimento dos indivíduos.[276]

[273] Elaboração própria, dados inéditos, 2024.
[274] SIQUEIRA, Aline C.; BETTS, Mariana K.; DELL'AGLIO, Débora D. A Rede de Apoio Social e Afetivo de adolescentes institucionalizados no Sul do Brasil. *Revista Interamericana de Psicologia*, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 149-158, 2006. p. 149.
[275] PIETRUKOWICZ, Maria C. L. C. *Apoio social e religião:* uma forma de enfrentamento dos problemas de saúde Pública. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2001. p. 23.
[276] CORREIA, Luís. Educação inclusiva ou educação apropriada? *In:* RODRIGUES, D. (org.). *Educação e diferença*: valores e práticas para uma educação inclusiva. Porto: Porto, 2001. p. 78.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

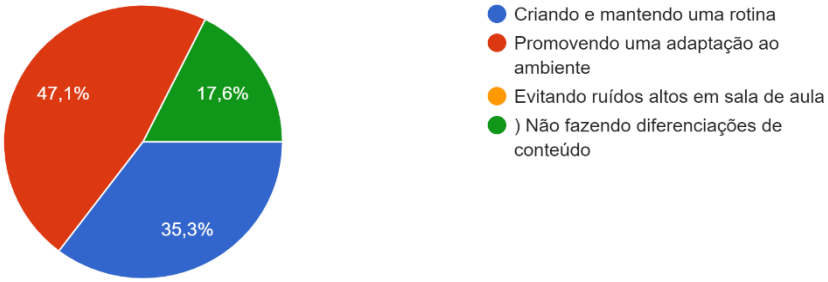
Gráfico 19. Você acredita que a espiritualidade auxilia na trajetória do autista?[277]



Ao perguntar, no gráfico acima, se acreditam que a espiritualidade auxilia ao longo da trajetória do autista, as respostas mostraram que: 94,1% disseram que sim, acreditam nisso. Aqui, pode-se relatar que as escolas inclusivas propõem um modo de se constituir o sistema educacional e, em especial o componente curricular de Ensino Religioso, como necessidades de todos/as os/as estudantes/as e que é estruturado em virtude dessas necessidades. Portanto, observa-se que, no plano da educação escolar, seria necessário planejar e implementar programas para diferentes estudantes em ambientes da escola regular, o que nem sempre vem ocorrendo, na prática. "Dentro dessa perspectiva, uma criança com Autismo, poderá ser perfeitamente incluída nesse ambiente desde que o mesmo seja estimulante e adequado às suas necessidades"[278].

Com efeito, o autismo requer dos/as professores/as estudo e dedicação. Para além da condição do autista, está na sua condição humana e seus atributos e sua natureza de aprendente. A observação faz do/a professor/a um/a pesquisador/a, pois ele/a poderá registrar o que vê, com a isenção de preconceitos.[279] Observe o próximo gráfico:

Gráfico 20. Como os professores podem ajudar na inclusão dos estudantes com autismo em sala de aula?[280]



O gráfico acima questionou às famílias como os/as professores/as podem ajudar na

[277] Elaboração própria, dados inéditos, 2024.
[278] SASSAKY, 1997, p. 18.
[279] MANTOAN, Maria T. E. *Inclusão escolar*: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003. p. 37.
[280] Elaboração própria, dados inéditos, 2024.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

inclusão dos/as estudantes com autismo em sala de aula. As respostas mostram que para 47,1% promovendo uma adaptação ao ambiente; 35,3% criando e mantendo uma rotina; 17,6% não fazendo diferenciações de conteúdo. Verificou-se, através dessas respostas, que a escola, ao oferecer em sua formação básica o conhecimento religioso, contribui para que os/as estudantes se tornem cidadãos e cidadãs crítico-reflexivos, capacitados/as à superação do eu pessoal, abrindo para alteridade e para responsabilidade na vida social.

As redes de apoio social se relacionam aos vínculos estabelecidos entre as pessoas, sendo constituídas tanto por relações formais quanto informais. As relações formais são os contatos com profissionais, como médicos/as, psicólogos/as, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos/as, professores/as e outros. As relações informais são tidas como de maior importância pessoal e afetiva, compostas por vínculos com todos os demais indivíduos – família, amigos, vizinhos, comunidade – e têm como características marcantes a familiaridade e a proximidade, com envolvimento afetivo.[281] Francisco Lindoval de Oliveira pontua

> A interação entre pais e professores é muito importante para o processo de aprendizagem da criança com autismo, pois juntas irão achar formas de atuação, a fim de favorecer o processo educativo eficaz e significativo na superação das dificuldades de uma criança com autismo. Portanto, além de acolhedora e inclusiva, a escola precisa se constituir em espaço de produção e socialização de conhecimentos para todos os alunos, sem distinção.[282]

A interação da família com todo o corpo de professores/as, funcionários/as e gestão da escola são fundamentais para o desenvolvimento escolar da criança/adolescente com TEA. Os familiares de crianças autistas necessitam compreender a situação e saber lidar com ela. Três domínios estariam relacionados à forma como as famílias percebem e superam uma adversidade, a saber: o sistema de crenças, os padrões de organização e as formas de comunicação familiar. Quando ocorrem conexões positivas, os processos de resiliência podem ser acionados, ou seja, fatores de proteção interagem com os eventos de vida possibilitando uma melhor adaptação e também acionando processos de autorregulação.[283] A relação de cuidado inclusivo necessita ser incluído na formação pedagógica dos/as professores/as e a espiritualidade como

[281] ROSA, Tereza E. D. C.; BENÍCIO, Maria H. D. A. As redes sociais e de apoio: o conviver e a sua influência sobre a saúde. *Boletim do Instituto de Saúde*, [s.l.], v. 47, p. 80-83, 2009. p. 81.
[282] OLIVEIRA, Francisco Lindoval de. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. *Revista Educação Pública*, v. 20, nº 34, 8 de setembro de 2020. [online].
[283] WALSH, 2005, p. 53.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

CONCLUSÃO

As conclusões finais da pesquisa evidenciaram que os/as professores dos diversos componentes curriculares desempenham um papel crucial no desenvolvimento de crianças e adolescentes autistas, tanto no aspecto social quanto no emocional, por meio dos vínculos estabelecidos com os/as estudantes e dos papéis desempenhados. Esse apoio não apenas possibilita recursos para promover a satisfação e a saúde mental, mas, também, influencia em características fundamentais, como autoestima, orientação social positiva e autonomia.

O estudo ressaltou a importância do ambiente familiar para o/a estudante autista, destacando que ter laços afetivos coesos e uma rede de apoio social presente em momentos de crise são fatores determinantes para a adaptação às diversas situações ao longo da vida. O suporte oferecido pela Rede Familiar, ao enfatizar os pontos positivos das relações sociais, inclui informações compartilhadas, apoio em momentos difíceis e participação em eventos sociais e educacionais.

Dentre as estratégias familiares sugeridas para a melhoria do atendimento e a proximidade com a criança, destaca-se o uso de jogos para interação e comunicação, busca por aconselhamento informativo, avaliação positiva dos conflitos e busca por apoio familiar, além de iniciativas para resolver problemas. A compreensão das dificuldades de aprendizagem e a identificação dos fatores relevantes na vida das crianças com alguma dificuldade são cruciais, conforme indicado nas informações obtidas ao longo do estudo. O ambiente em que a criança está inserida, seja familiar, escolar ou social, desempenha um papel fundamental como parte da rede de apoio social, contribuindo em situações difíceis, crises, na adaptação e superação de problemas de aprendizagem em relação aos diversos componentes curriculares.

A família, a escola e, especialmente, o componente curricular de Ensino Religioso, que trabalha valores e aspectos afetivos, são considerados elementos importantes nesse contexto, promovendo a autonomia e um sentido de pertencimento. A ação docente é crucial para uma educação que visa a emancipação humana.

No trabalho com os diversos componentes curriculares na escola, fatores determinantes incluem a metodologia dos/as professores/as e a equipe pedagógica, bem como o investimento focado nos/as estudantes. Esses aspectos ressaltam a necessidade de uma escola preparada para lidar com situações adversárias, incentivando uma boa estrutura institucional, com professores/as e funcionários/as valorizados/as e motivados/as para promover o desenvolvimento dos/as estudantes.

Portanto, o papel da escola é de extrema relevância, de modo que é fundamental que

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

toda a equipe pedagógica e os/as profissionais envolvidos/as na educação compreendam as dificuldades de aprendizagem, buscando formas de trabalhar com as crianças para desenvolver potencialidades e superar obstáculos. Apesar das condições adversárias enfrentadas por muitas famílias em situação de vulnerabilidade social, uma base sólida e comprometida com a educação da criança, é considerada essencial para o desenvolvimento resiliente e a autorregulação da aprendizagem das crianças com TEA. Neste sentido, a espiritualidade, como dimensão humana do cuidado, é fundamental no processo educativo para o processo inclusivo de estudantes com autismo.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

REFERÊNCIAS

AINSCOW, Mel. The next step for special education: supporting the development of inclusive pratices. *British Journal of Special Education*, [s.l.], v. 27, n. 2, p. 76-80, 2010.

ALMEIDA, Mariangela L.; MARTINS, Ines O. R. *Prática pedagógica inclusiva:* a diferença como possibilidade. Vitória: GM, 2009.

AMATUZZI, M. M. *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais:* DSM-5. 5. ed. São Paulo: Artmed, 2014.

ANDRADE, Susanne A.; SANTOS, Darci N.; BASTOS, Ana C.; PEDROMÔNICO, Márcia R. M.; ALMEIDA-FILHO, Naomar; BARRETO, Mauricio L. Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 606-611, 2005.

ARAÚJO, Jeane A. M. R.; VERAS, André B.; VARELLA, André A. B. Breves considerações sobre a atenção à pessoa com Transtorno do Espectro Autista na rede pública de saúde. *Revista Psicologia e Saúde*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 89-98, 2019.

ASSUNÇÃO, Francisco B.; PIMENTEL, Ana C. M. Autismo infantil. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 37-40, 2000.

BANKS, Helen C. Transtorno do espectro autístico: um desafio ministerial. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 44, n. 02, p. 111-138, 2018.

BARUDY, Jorge; DANTAGNAN, Maryorie. *Los Buenos tratos a la Infancia*: parentalidade, apego y resiliencia. Barcelona: Gedisa, 2007.

BELARMINO, Alícia G. F. Vulnerabilidade social, fonoaudiologia e autismo em meio a pandemia: uma abordagem conceitual e relacional. *Archives of Health*, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 479-489 2021.

BERTOGLIO, Kiah; HENDREN, Robert L. New development in autism. *Psychiatr. Clin. North Am.*, [s.l.], v. 32, n. 1, p. 1-14, 2009.

BLUMBERG, Stephen J.; BRAMLETT, Matthew D.; KOGAN, Michael D.; SCHIEVE, Laura A.; JONES, Jessica R. Changes in prevalence of parente-reported autism spectrum disorder in school-aged U.S. children: 2007 to 2011-2012. *Natl. Health. Stat. Report.*, [s.l.], v. 20, n. 65, p. 1-11, 2013.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar:* ética do humano, compaixão pela terra. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOWLBY, John. *Cuidados maternos e saúde mental.* São Paulo: Martins Fontes, 1988.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

BORBA, Letícia O.; PAES, Marcio R.; GUIMARÃES, Andréa N.; LABRONICI, Liliana M.; MAFTUM, Mariluci A. A família e o portador de transtorno mental: dinâmica e sua relação familiar. *Revista Esc. Enferm. USP*, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 442-449, 2011.

BOSA, Cleonice; CALLIAS, Maria. Autismo: breve revisão de diferentes abordagens. *Revista Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v.13, n. 1, p. 1-12, 2000.

BRONFENBRENNER, Urie. *A ecologia do desenvolvimento humano.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRASIL. Casa Civil. *Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.* [Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional]. Brasília: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 20 abr. 2023.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*: educação é a base. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 20 abr. 2023.

BRISTOL, Marie; COHEN, Donald; COSTELLO, Jane E. State of the science in autism: report to the National institutes of health. *Journal of Autism and Development Disorders*, [s.l.], v. 26, n. 1, p. 121-154, 1996.

BRITO, Maria C. *Estratégias práticas de intervenção nos Transtornos do Espectro do Autismo*. São Paulo: Saber Autismo, 2019.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Sancionada lei que inclui dados sobre autismo no Censo 2020*. 18 jul. 2019. Disponível em: https://www.camara.leg.br/noticias/562740-sancionada-lei-que-inclui-dados-sobre-autismo-no-censo-2020/. Acesso em: 3 nov. 2022.

CAMARGO, Pimentel H.; BOSA, Cleonice A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. *Revista Psicologia & Sociedade*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 65-74, 2009.

CANCLINI, Nestor G. *Culturas híbridas:* estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2007.

CARTER, Betty; McGOLDRICK, Monica. *As mudanças no ciclo de vida familiar:* uma estrutura para a Terapia Familiar. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

CANDA, Edward R. Religious content in social work education: a comparative approach. *Journal of Social Work Education*, Winter, v. 25, n. 1, p. 36-45, 1989.

CAI, Ru Y.; RICHDALE, Amanda L. Educational experiences and need of higher education students with autism spectrum disorder. *Journal of Autism development Disorder*, [s.l.], v. 46, n. 1, p. 31-41, 2016.

CAZELLI, Felipe R. *Mito, histórias em quadrinhos e experiência do sagrado*: uma análise fenomenológica do religioso na obra de Grant Morrison. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2019.

CHIOTE, Fernanda A. B. *Inclusão da criança com autismo na Educação Infantil:* trabalhando

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

a mediação pedagógica. Rio de Janeiro: WAK, 2013.

COLL, César. *Os conteúdos na reforma*: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COMIS, Daniela. A função da escola e da avaliação da aprendizagem. *Revista Dialogia*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 135-144, 2006.

CORREIA, Luís. Educação inclusiva ou educação apropriada? *In:* RODRIGUES, D. (org.). *Educação e diferença*: valores e práticas para uma educação inclusiva. Porto: Porto, 2001. p. 67-84.

COELHO JÚNIOR, Achilles G.; MAHFOUD, Miguel. As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. *Revista Psicologia USP*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 95-103, 2001.

CUNHA, Eugênio. *Autismo e inclusão*. Rio de Janeiro: WAK, 2009.

DALPRÁ, Liane R. *Autismo e família:* construindo entendimentos. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdade EST, São Leopoldo, 2016.

DELGADO-GUAY. Marvin O.; PARSONS, Henrique A.; HUI, David; LA CRUZ, Maxine G. D.; THORNEY, Steven; BRUERA, Eduardo. Religiosity and spiritual pain among caregivers of patients with advanced cancer. *Am. J. Hosp. Palliat. Care*, [s.l.], v. 30, n. 5, p. 455-461, 2013.

DESSEN, Maria A.; BRAZ, Marcela P. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 221-231, 2000.

DURKHEIM, Émile. *As Formas elementares da vida religiosa.* São Paulo: Paulinas, 1989.

EBERT, Michele; LORENZINI, Elisiane; SILVA, Eveline F. Mães de crianças com transtornos autísticos: percepções e trajetórias. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 49-55, 2015.

FÁVERO, Maria A. B. *Trajetória e sobrecarga emocional da família de crianças autistas*: relatos maternos. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.

FERNANDES, Paula T.; SOUZA, Elizabete A. P. Terapia comportamental na síndrome de asperger: um estudo exploratório. *Revista Temas em Desenvolvimento*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 19-33, 2000.

FERREIRA, Marlene C. T.; MARTURANO, Edna M. Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 35-44, 2002.

FITHRI, Husni. Religious therapy as one of na alternative ways in getting educational betterment for children with autism spectrum disorder. *Journal Procedia*, [s.l.], v. 29, n. 1, p. 1782-1787, 2011.

FRANCO, Vítor. *Introdução à intervenção precoce no desenvolvimento da criança:* com a

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

família, na comunidade, em equipe. Portugal: Aloendro, 2015.

FRANKL, Viktor. *Psicoterapia e sentido da vida*. 4. ed. São Paulo: Quadrante, 2003.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido:* um psicólogo no campo de concentração. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRISON, Lourdes M. B. Autorregulação da aprendizagem: abordagens teóricas e desafios para as práticas em contextos educativos. *Revista Educação,* Campinas, v. 21, n. 1, p. 1-17, 2016.

FULLAN, Michael. The new meaning of educational change. 3. ed. London: Routledge Falmer, 2001.

GADIA, Carlos A.; TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra T. Autismo e doenças invasivas do desenvolvimento. *Jornal de Pediatria*, [s.l.], v. 80, n. 2, p. 583-594, 2004.

GANDA, Danielle R.; BORUCHOVITCH, Evely. A autorregulação da aprendizagem: principais conceitos e modelos teóricos. *Psicologia da Educação,* São Paulo, v. 46, p. 71-80, 2018.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIKOVATE, Carla G. *Autismo*: compreendendo para melhor incluir. Rio de Janeiro: [s.n.], 2009.

GIL, Antonio C. *Métodos e técnicas de pesquisa social.* 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GILLIS, Jennifer M.; BUTLER, Robert C. Social skills interventions for preschoolers with Autism Spectrum Disorder: a description of single-subject design studies. *Journal of Early & Intensive Behavior Intervention*, [s.l.], v. 4, n. 3, p. 532-547, 2007.

GITZ-JOHANSEN, Thomas. Jung in education: a review of historical and contemporary contributions from analytical psychology to the Field of education. *Journal of Analytical Psychology*, [s.l.], n. 61, v. 3, p. 365-384, 2016.

GIUSSANI, Luigi. *O senso religioso:* primeiro volume. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GOMES, Paulyane T. M; LIMA, Leonardo H. L.; BUENO, Mayza K. G.; ARAÚJO, Liubiana A.; SOUZA, Nathan M. Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, v. 91, n. 2, p. 111-121, 2015.

GREUEL, S. *Religião e religiosidade na pós-modernidade*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008.

HARTUP, Willard W. Social relationships and their developmental significance. *American Psychologist*, [s.l.], v. 44, n. 2, p. 120-126, 1989.

HERBES, Nilton E.; DALPRÁ, Liane R. Crianças com autismo, família e espiritualidade. Revista Reflexus¸ Vitória, a. IX, n. 15, p. 1-12, 2016.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

HEES, Valérie V.; MOYSON, Tinneke; ROEYERS, Herbert. Higher education experiences of students with autism spectrum disorder: challenges, benefits and support needs. *Journal of Autism Development Disorder*, [s.l.], v. 45, n. 6, p. 1673-1688, 2014.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão.* São Paulo: Centauro, 2002.

HUNDERT, J. *Inclusion of students with autism:* using ABA-based supports in general. Austin: ProEd, 2009.

JULIANO, Maria C. C.; YUNES, Mattar M. A. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. *Revista Ambiente e Sociedade*, Campinas, v. 17, n. 3, p. 135-154, 2014.

KIGUEL, Sônia. *Abordagem psicopedagógica da aprendizagem.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

KLINN, Ami; MERCADANTE, Marcos T. Autismo e transtornos invasivos do desenvolvimento. *Revista Brasileira Psiquiatrica*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 1-10, 2006.

KOENIG, Harold G. *Medicina, religião e saúde:* o encontro da ciência e da espiritualidade. Porto Alegre: L&PM, 2012.

LACERDA, Lucelmo. *Transtorno do Espectro Autista:* uma brevíssima introdução. Curitiba: CRV, 2017.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina A. *Metodologia cientifica.* 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LANDA, Rebeca. Early communication development and intervention for children with autism. *Mental Retardation & Developmental Disabilities Research Reviews*, [s.l], v. 13, n. 1, p. 16-25, 2007.

LEWIS, A. Methodological issues in exploring the ideas of children with autism concerning self and spirituality. *Journal of Religion, Disability & Heath,* [s.l.], v.13, n. 1, p. 64-76, 2009.

LISBOA, C.; KOLLER, S. H.; RIBAS, F. F.; BITENCOURT, K.; OLIVEIRA, L.; PORCIUNCULA, L. P. Estratégias de coping de crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 345-362, 2002.

LYNCH, Shane L.; IRVINE, Angela N. Inclusive education and best practice for children with autism spectrum disorder: an integrated approach. *International Journal of Inclusive Education*, [s.l.], v. 13, n. 8, p. 845-859, 2009.

LOPES, Daniele C.; PAVELACKI, Luiz F. Técnicas utilizadas na educação de autistas. *In*: PRÁTICAS INCLUSIVAS [*Site* institucional]. 20 mar. 2005. Disponível em: https://praticasinclusivas.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/04/tc2aecnicas-utilizadas-na-educac2bac3bao-dos-autistas.pdf. Acesso em: 20 jan. 2024.

MADEIRA, H.I.B. *Reação das famílias ao diagnóstico da criança com perturbações do Espectro do Autismo:* um estudo exploratório. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Escola de Ciências Sociais, Universidade de Évora, Évora, 2014.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

MAHMOODISHAN, Gholamreza; ALHANI, Fatemeh; AHMADI, Fazlollah; KAZEMNEJAD, Anoshivan. Iranian nurses' perception of spirituality and spiritual care: a qualitative content analysis study. *J. Med. Ethics Hist. Med.*, [s.l.], v. 3, n. 6, p. 2-8, 2010.

MANTOAN, Maria T. E. *Inclusão escolar*: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN, Teresa E. A Educação Especial no Brasil: da exclusão à inclusão escolar. *In*: INSTITUTO PARADIGMA [*Site* institucional]. 25 mar. 2011. Disponível em: https://ipara digma.org.br/biblioteca/a-educacao-especial-no-brasil-da-exclusao-a-inclusao/. Acesso em: 07 abr. 2024.

MARQUES, Luciana P. *O professor de estudantes com deficiência mental:* concepções e práticas pedagógicas. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

MARTINS, Ana S. G.; PREUSSELER, Cintia M.; ZAVSCHI, Maria L. S. A psiquiatria da infância e da adolescência e o autismo. In: BAPTISTA, Claudio; BOSA, Cleonice (orgs.). *Autismo e educação*: atuais desafios. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 41-49.

MARTINS, Edna; SZYMANSKI, Heloisa. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, a. 4, n. 1, p. 63-77, 2004.

MASSIMI, Marina; MAHFOUD, Miguel *Diante do mistério e senso religioso*. São Paulo: Loyola, 1999.

MEDEIROS, Dailma S. As contribuições da análise do comportamento (ABA) para a aprendizagem de pessoas com autismo: uma revisão da literatura. *Revista Estudos IAT*, Salvador, v. 6, n. 1, p. 63-83, 2021.

MELO, Cynthia F.; SAMPAIO, Israel S.; SOUZA, Deborah L. A.; PINTO, Nilberto S. Correlação entre religiosidade, espiritualidade e qualidade de vida: uma revisão de literatura. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 447-464, 2015.

MELLO, Ana M. S. R. *Autismo*: guia prático. 7. ed. São Paulo: Ama; Brasília: Corde, 2007.

MELILLO, Aldo; OJEDA, Elbio N. S. *Resiliência:* descobrindo as próprias fortalezas. São Paulo: Artmed, 2005.

MENDONÇA, Helenides; FERREIRA, Maria C.; NEIVA, Elaine R. *Análise e diagnóstico organizacional*: teoria e prática. São Paulo: Vetor, 2016.

MINATEL, Martha M.; MATSUKURA, Thelma S. Famílias de crianças e adolescentes com autismo: cotidiano e realidade de cuidados em diferentes etapas do desenvolvimento. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 126-134, 2014.

MACHADO, Gabriela D. S. A importância da rotina para crianças autistas na educação básica. *Revista Gepesvida*, São José, v. 1, n. 9, p. 100-114, 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)*. Brasília: Secretaria de Atenção à Saúde, 2014.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

MURAKAMI, Rose; CAMPOS, Claudinei J. G. Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente. *Revista Brasileira de Enfermagem*, São Paulo, v. 65, n. 2, p. 361-367, 2012.

NEUROSABER. *Quais são os tipos de autismo (TEA)*. 27 jul. 2021. Disponível em: https:// institutoneurosaber.com.br/quais-sao-os-tipos-de-autismo-tea-2/. Acesso em: 19 abr. 2022.

NOVA MEDICAMENTOS. *Dia de conscientização do autismo.* 02 abr. 2020. Disponível em: https://blog.novamedicamentos.com.br/voce-sabe-o-que-e-o-autismo/. Acesso em: 19 abr. 2022.

NUNES, Débora R. P.; AZEVEDO, Mariana Q. O.; SCHMIDT, Carlo. Inclusão e educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura. *Revista Educação Especial*, São Paulo, v. 26, n. 47, p. 557-572, 2013.

NASCIMENTO, Lucila C.; SANTOS, Tabatha F. M.; OLIVEIRA, Fabiane C. S.; PAN, Raquel; FLÓRIA-SANTOS Milena; ROCHA Semiramis M. M. Espiritualidade e religiosidade na perspectiva de enfermeiros. Texto *Revista Contexto Enferm.*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 52-60, 2013.

NEUMANN, Débora M. C.; TARIGA, Alexandra R.; PEREZ, Divani F. GOMES, Patricia M.; AZAMBUJA, Luciana S. Avaliação neuropsicológica do transtorno do espectro autista. *Revista Psicologia PT*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2017.

OLIVEIRA, Ana L. R. *Os sentidos da religiosidade de idosos adeptos do catolicismo popular da região do triângulo mineiro*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Ebenézer A.; MARIN, Angela H.; PIRES, Fabio B.; FRIZZO, Giana B.; RAVANELLO, Tiago; ROSSATTO, Caroline. Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 1-11, 2002.

OLIVEIRA, Valquiria; SILVEIRA, Heloisa H. R. Uma espiritualidade comunitária: caminho para o sentido da vida. *Revista Logos & Existência*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 170-190, 2014.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval de. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. *Revista Educação Pública*, v. 20, nº 34, 8 de setembro de 2020. Disponível em: https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/joseph-autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista. Acesso em: 23 fev. 2024.

PAIVA, Geraldo J. Algumas relações entre psicologia e religião. *Revista Psicologia da USP*, São Paulo, v.1, n. 1, p. 25-33, 1990.

PAIVA, Geraldo J. *Entre necessidade e desejo:* diálogos da psicologia com a religião. São Paulo: Loyola, 2001.

PAIVA, Geraldo J. A espiritualidade e os psicólogos. *In:* AMATUZZI, M. M. (org.) *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 23-37.

PASSOS, João D.; USARSKI, Frank. *Compêndio de Ciência da Religião.* São Paulo: Paulinas;

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

Paulus, 2013.

PERES, Julio F. P.; SIMÃO, Manoel J. P.; NASEIO, Antonia G. Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 58-66, 2007.

PERES, J. F. P. Psicoterapia: uma questão de fé. *Revista Psique: Ciência e Vida*, São Paulo, n. 28, p. 1-12, 2009.

PIAGET, Jean. *A Psicologia.* Lisboa: Bertrand, 1986.

PIASSA, Ângela M. *Metodologia da ação docente*: transtornos globais do desenvolvimento (TGD). Rio de Janeiro: [s.n.], 2010.

PIGNATARI, Graciela. CDC divulga novos números de autismo nos EUA. *In*: TISMOO [*Site* institucional]. 06 ago. 2018. Disponível em: https://tismoo.us/destaques/cdc-divulga-novos-numeros-de-autismo-nos-eua-1-para-59/. Acesso em: 01 out. 2023.

PIMENTEL, Andréia F. *Autismo e Ensino Religioso:* desafios e expectativas. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2020.

PINTO, Rayssa N. M.; TORQUATO, Isolda M. B.; COLEET, Neusa; REICHERT, Altamira P. S.; SOUZA NETO, Vinicius L.; SARAIVA, Alynne M. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Santa Maria, v. 37, n. 3, p. 1-9, 2016.

POLETTO, Michele; KOLLER, Silvia H. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 405-416, 2008.

PINTO, Ênio B. Espiritualidade e religiosidade: articulações. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n. 1, p. 68-83, 2009.

PIETRUKOWICZ, Maria C. L. C. *Apoio social e religião:* uma forma de enfrentamento dos problemas de saúde Pública. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2001.

PEREIRA, Karine C. L.; HOLANDA, Adriano F. Religião e espiritualidade no curso de psicologia: revisão sistemática de estudos empíricos. *Revista Interação em Psicologia*, São Paulo, v.23, n. 2, p. 220-235, 2019.

PRADO, Fabrícia C. *O lugar de valores religiosos e a espiritualidade na terapia comportamental*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010.

ROSA, Tereza E. D. C.; BENÍCIO, Maria H. D. A. As redes sociais e de apoio: o conviver e a sua influência sobre a saúde. *Boletim do Instituto de Saúde*, [s.l.], v. 47, p. 80-83, 2009.

SACRISTÁN, Gimeno J.; PÉREZ GÓMEZ, Angel I. *Compreender e transformar o* ensino. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOS, Mariana F. R. *Dialogando com o Autista*: neurociência e comunicação. São Paulo:

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

[s.n.], 2015.

SASSAKY, Romeu K. *Inclusão*: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SASSON, Noah; NOWLIN, Rachel B.; PINKHAM, Amy E. Social cognition, social skill, and the broad autism phenotype. *Journal Autism*, [s.l.], v. 17, n. 6, p. 655-667, 2012.

SAVIANI, Dermeval. História da história da educação no Brasil: um balanço prévio e necessário. *EccoS Revista Cientifica*, São Paulo, v. 10, 1, p. 147-167, 2008.

SALKAS, Kristen; MAGAÑA, Sandy; MARQUES, Isabela; MIRZA, Mansha. Spirituality in latino families of children with autismo spectrum disorder. *Journal of Family Social Work*, [s.l.], v.19, n.1, p. 38-55, 2016.

SEIBEL, Bruna L.; FALCETO, Olga G., HOLLIST, Cody S.; SPRINGER, Paul R.; FERNANDES, Carmen L. C.; KOLLER, Silvia H. Rede de apoio social e funcionamento familiar: estudo longitudinal sobre famílias em vulnerabilidade social. *Revista Pensando Famílias*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 120-136, 2017.

SIMÃO, Ana M.V.; FRISON, Lourdes M. B. Autorregulação da aprendizagem: abordagens teóricas e desafios para as práticas em contextos educativos. *Cadernos de Educação*, Pelotas, v. 45, p. 2-20, 2013.

SKINNER, Burrhus F. *Science and human behavior*. New York: Free Press, 1953.

SILVA, Emilio F. *Teologia da inclusão:* a trajetória das pessoas com deficiência na história do cristianismo. São Paulo: Figueira Digital, 2015.

SILVA, P. M. *Saúde mental:* contribuições da espiritualidade. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Educação em Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, São Carlos, 2005.

SPROVIERI, Maria H. S.; ASSUMPÇÃO JR, Francisco B. *Dinâmica familiar de crianças autistas. Revista Arq. Neuropsiquiatria*, São Paulo, v. 59, n. 2, p. 230-237, 2001.

SIQUEIRA, Aline C.; BETTS, Mariana K.; DELL'AGLIO, Débora D. A Rede de Apoio Social e Afetivo de adolescentes institucionalizados no Sul do Brasil. *Revista Interamericana de Psicologia*, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 149-158, 2006.

STEYER, Simone; LAMOGLIA, Aliny; BOSA, Cleonice A. A importância da avaliação de programas de capacitação para identificação dos sinais precoces do Transtorno do Espectro Autista – TEA. *Revista Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 26, n. 3, p. 1395-1410, 2018.

SULLIVAN, Susan C.; ARAMINI, Victoria. Religion and positive Youth development: challenges for children and Youth with autism spectrum disorder. *Journal Religions*, [s.l.], v. 10, n. 10, p. 1-21, 2019.

SCHUNK, Dale H. Self efficacity and academic motivation. *Educational Psychologist*, [s.l.], v. 26, n. 3, p. 207-231, 1991.

SWINTTON, John; TREVETT, Christine. Religion and autism: initiating an interdisciplinary

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

conversation. *Journal of Religion Disability & Health*, [s.l.], v. 13, n. 1, p. 2-6, 2014.

TAMANAHA, Ana C.; PERISSINOTO, Jacy; BRASILIA, Maria C. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do autismo infantil e da Síndrome de Asperger. *Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol*., São Paulo, v. 13 n. 3, p. 1-12, 2008.

TAYLOR, Shelley. *Lazos vitales:* de cómo el cuidado y el afecto son esenciales para nuestras vidas. Madrid: Pensamiento, 2002.

THIENGO, Priscila C. S.; GOMES, Antonio M. T.; MERCÊS, Magno C.; COUTO, Pablo L. S.; FRANÇA, Luiz C. M.; SILVA, Alba N. Spirituality and religiosity in health care: na integrative review. *Cogitare Enfermagem*, [s.l.], v. 24, n. 1, p. 1-12, 2019.

ULRICH, Claudete B. Práxis ética do cuidado e relações de gênero: alguns apontamentos para práticas emancipatórias. *In*: NOGUEIRA, Sandra V. (org.). *Educação popular, democracia e direitos humanos:* ensaios para uma pedagogia universitária interdisciplinar e transversal. Ijuí: Unijuí, 2015. p. 167-183.

ULRICH, Claudete Beise. Educar para a práxis do cuidado e da espiritualidade: perspectivas para a construção do bem-viver. In: FOERSTE, Erineu (Org.). *Culturas, parcerias e Educação do Campo*. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2020. p. 387-395.

VALENTIM, Maria G. F. *Como adequar o Ensino Religioso à aprendizagem de pessoas autistas no Ensino Fundamental I*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2022.

VALLE, Edênio R. Religião e espiritualidade*:* um olhar psicológico. *In*: AMATUZZI, Mauro M. (org.). *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 25-39.

VALLE, J. E. R. E. *Experiência religiosa:* enfoque psicológico. São Paulo: Loyola, 1998.

VALLE, J. E. R. Religião e espiritualidade: um olhar psicológico. *In:* AMATUZZI, M. M. (org.). *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005.

VERGARA, Sylvia C. *Projeto e relatórios e pesquisa em administração*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

VISMARA, L. A.; COLOMBI, C.; ROGERS, S. J. Can one hour per week of terapy lead to lasting changes in young children with autism? *Journal Autism*, [s.l.], v. 13, n. 1, p. 93-115, 2009.

WALSH, Froma. *Fortalecendo a resiliência familiar*. São Paulo: Roca, 2005.

WHO [*Site* institucional]. [s.d.]. Disponível em: https://www.who.int/. Acesso em: 20 abr. 2022.

WILLIAMS, Chris; WRUGHT, Barry. *Convivendo com o autismo e a Síndrome de Asperger*. São Paulo, M. Books, 2008.

YUNES, Maria A. M. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, n. 1, p. 75-84, 2003.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGFCR Faculdade Unida de Vitória

YUNES, Maria A. M.; GARCIA, Narjara M.; ALBUQUERQUE, Beatriz D. M. Monoparentalidade, pobreza e resiliência: entre as crenças dos profissionais e as possibilidades da convivência familiar. *Revista Psicologia, Reflexão e Crítica*, Rio Grande do Sul, v. 20, n. 3, p. 444-453, 2007.

ZANON, Regina B.; BACKES, Bárbara; BOSA, Cleonice A. Identificação dos Primeiros Sintomas do Autismo pelos Pais. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 25-33, 2014.

ZIMMERMAN, Barry J. Da modelagem cognitiva à autorregulação: uma carreira social cognitiva. *Psicólogo Educacional*, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 135-147, 2013.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

APÊNDICE A: INTRUMENTO APLICADO NA ENTREVISTA COM OS/AS PROFESSORES/AS

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
LINHA DE PESQUISA: RELIGIÃO E ESFERA PÚBLICA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

Prezado/a Colaborador/a,

Este questionário é parte de uma pesquisa de Mestrado (Dissertação) em Ciências das Religiões, que propõe desenvolver uma análise sobre a influência da religiosidade/espiritualidade na educação de crianças portadoras de TEA. Envolverá uma pesquisa junto aos professores da escola Gil Bernardes, localizada no Bairro Alvorada. A intenção é verificar como adequar os diversos componentes curriculares as formas de aprendizagem de pessoas autistas no Município de Vila Velha.

Pesquisadora Responsável: Renata de Oliveira Marcelino Boone
Orientadora: Professora Dra. Claudete Beise Ulrich

Desde já agradeço sua colaboração.

1. Como a escola pode garantir a inclusão de estudantes com autismo?
( ) Seguindo a legislação municipal
( ) A escola deve oferecer metodologia de ensino especial
( ) Encaminhando o autista matriculado na escola para a APAE
( ) Não é obrigação da escola atender estudante autista

2. Em relação à escola, quem tem autismo consegue estudar?
( ) Sim tem direito à matrícula na rede regular de ensino.
( ) Sim. A Rede Pública municipal oferta atendimento especial para estudantes autistas
( ) Não
( ) É proibido negar a matrícula a uma pessoa com autismo, sob pena de multa

3. Como identificar autismo na sala de aula?
( ) apresentam dificuldades de interação social e de comunicação;
( ) possuem hipersensibilidade auditiva, visual ou tátil;
( ) capacidade de voltar a atenção somente para um determinado assunto;
( ) Laudo médico trazido pela família
( ) Não segue instruções individuais e coletivas
( ) Não aponta para o que quer
( ) Não sabe dar “tchau”
( ) Pode ter dificuldade para se alimentar sozinha

4. Como o professor de Ensino Religioso pode ajudar na inclusão do autismo em sala de aula?
( ) Criando e mantendo uma rotina
( ) Promovendo uma adaptação ao ambiente
( ) Evitando ruídos altos em sala de aula

( ) Usando os interesses da criança nas atividades
( ) Não fazendo diferenciações de conteúdo
( ) Dando orientações claras e usando recursos visuais
( ) Promovendo atividades coletivas

5. Qual a melhor forma de o componente curricular Ensino Religioso ensinar estudantes com autismo?
( ) Conectar a leitura à rotina
( ) Apresentar temas de interesse da criança
( ) Procurar elementos que gerem identificação
( ) Ensinar um novo conceito por vez
( ) Estimular diferentes sentidos

6. Quais são os métodos recursos e estratégias utilizadas pelo componente curricular Ensino Religioso com os estudantes com TEA?
( ) Usar apoio visual
( ) Fotografias
( ) Desenhos
( ) Letras e palavras do universo do estudante para se comunicar

7. Enquanto professor de Ensino Religioso, quais as características do autista você percebe em sala de aula?
( ) Tendência ao isolamento
( ) Ausência de movimento antecipatório
( ) Apresenta dificuldades na comunicação
( ) Alterações na linguagem, com ecolalia e inversão pronominal
( ) Problemas comportamentais com atividades e movimentos repetitivos
( ) Apresentam resistência a mudanças

8. Quais as dificuldades do professor de Ensino Religioso em trabalhar com TEA?
( ) Dificuldade em desenvolver atividades específicas de alfabetização
( ) Falta de interesse pelas atividades escolares
( ) Separação da mãe para permanecer em sala de aula
( ) Dificuldade de Autonomia/independência
( ) Morte do pai

9. Como incluir estudantes com autismo nas aulas de Ensino Religioso?
( ) Crie uma relação de confiança com o estudante
( ) aça uso de uma linguagem objetiva, e aposte na comunicação visual
( ) Tire proveito das habilidades e dos principais interesses do estudante autista
( ) Faça uso dos jogos
( ) Evite, no geral, atividades muito longas
( ) Antecipe as novidades

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

APÊNDICE B: INTRUMENTO APLICADO NA ENTREVISTA COM A FAMÍLIA

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
LINHA DE PESQUISA: RELIGIÃO E ESFERA PÚBLICA

Este questionário é parte de uma pesquisa de Mestrado (Dissertação) em Ciências das Religiões, que propõe desenvolver uma análise sobre a influência da religiosidade/espiritualidade na educação de crianças portadoras de TEA. Envolverá uma pesquisa junto aos professores da escola Gil Bernardes, localizada no Bairro Alvorada. A intenção é verificar como adequar os diversos componentes curriculares às formas de aprendizagem de estudantes autistas no Município de Vila Velha.

Pesquisadora Responsável: Renata
Orientadora: Professora Claudete

Desde já agradeço sua colaboração.

1. O seu filho tem tendência para depressão e ansiedade?
( ) Sim, por causa da exclusão social
( ) Não interfere no emocional
( ) Sim por causa dos efeitos colaterais das medicações

2. Você acredita que é possível reverter o autismo com o direcionamento dos professores na escola?
( ) Sim, se o estudante melhorar ele deixa de ser autista.
( ) Não, apenas estabilizar o nível do indivíduo.
( ) Não, a escola ajuda no desenvolvimento psicomotor do estudante, dando possibilidades para novas aprendizagens
( ) Sim, em algumas situações ele deixa de ter o laudo

3. A família participa de alguma religião?
( ) Sim
( ) Não

4. De qual religião a família participa?
( ) Católica
( ) Evangélica
( ) Espírita
( ) Umbanda
( ) Candomblé
( ) Nenhuma
( ) Outra

5. Em participando da religião, seu filho atua em algum rito ou escola dominical desta religião?
( ) Sim
( ) Não

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

Se sim: Como?

6. De qual rito ou escola dominical participa na igreja?
( ) Escola dominical jovem
( ) Crisma
( ) Catequese
( ) Encontro de jovens
( ) Outro. Qual?

7. Como é o relacionamento do filho com os demais membros da igreja?
( ) Excelente
( ) Bom
( ) Regular
( ) Péssimo

8. Em algum momento vocês buscaram ajuda espiritual, e tiveram resposta?
( ) Sim buscamos ajuda e tivemos resposta positiva da igreja.
( ) Não buscamos ajuda espiritual
( ) Religião é indiferente

9. Você acredita que a espiritualidade auxilia ao longo dessa trajetória do autista?
( ) Sim acredito
( ) Não acredito
( ) Não auxilia de forma alguma

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

ANEXO A: AUTORIZAÇÃO PARA A PESQUISA

Faculdade Unida de Vitória
Mestrado - Renovação de Reconhecimento
Portaria nº 516, de 13/06/2022 - DOU de 14/07/2022
Doutorado – Portaria de Reconhecimento
Portaria nº 516, de 13/07/2021 - DOU de 14/07/2021

Vitória/ES, 03 de outubro de 2023.

O Coordenador do curso de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória, no uso de suas atribuições regimentais, vem por meio desta apresentar o(a) aluno(a) **RENATA DE OLIVEIRA MARCELINO BOONE** portador(a) do CPF **105.594.767-10**, e regularmente matriculado(a) nesta Instituição de Ensino Superior, neste semestre, sob o número de matricula **3061281**, no curso de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões.

O(a) aluno(a) é orientando(a) do(a) Professor(a) Dr(a). Claudete Beise Ulrich e sua pesquisa tem como tema: "A ESPIRITUALIDADE E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UM OLHAR PARA O TRATAMENTO NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM". O trabalho se presta a fins acadêmicos.

David Mesquiati de Oliveira
Coordenador do curso de Mestrado
Profissional em Ciências das Religiões

Rua Engenheiro Fábio Ruschi, 161, Bento Ferreira, Vitória/ES – CEP 29.050-670
(27) 3325-2071 / www.fuv.edu.br
CEE – Centro de Estudos Especializados
CNPJ.: 03.962.607/0001-40

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 06/02/2024.